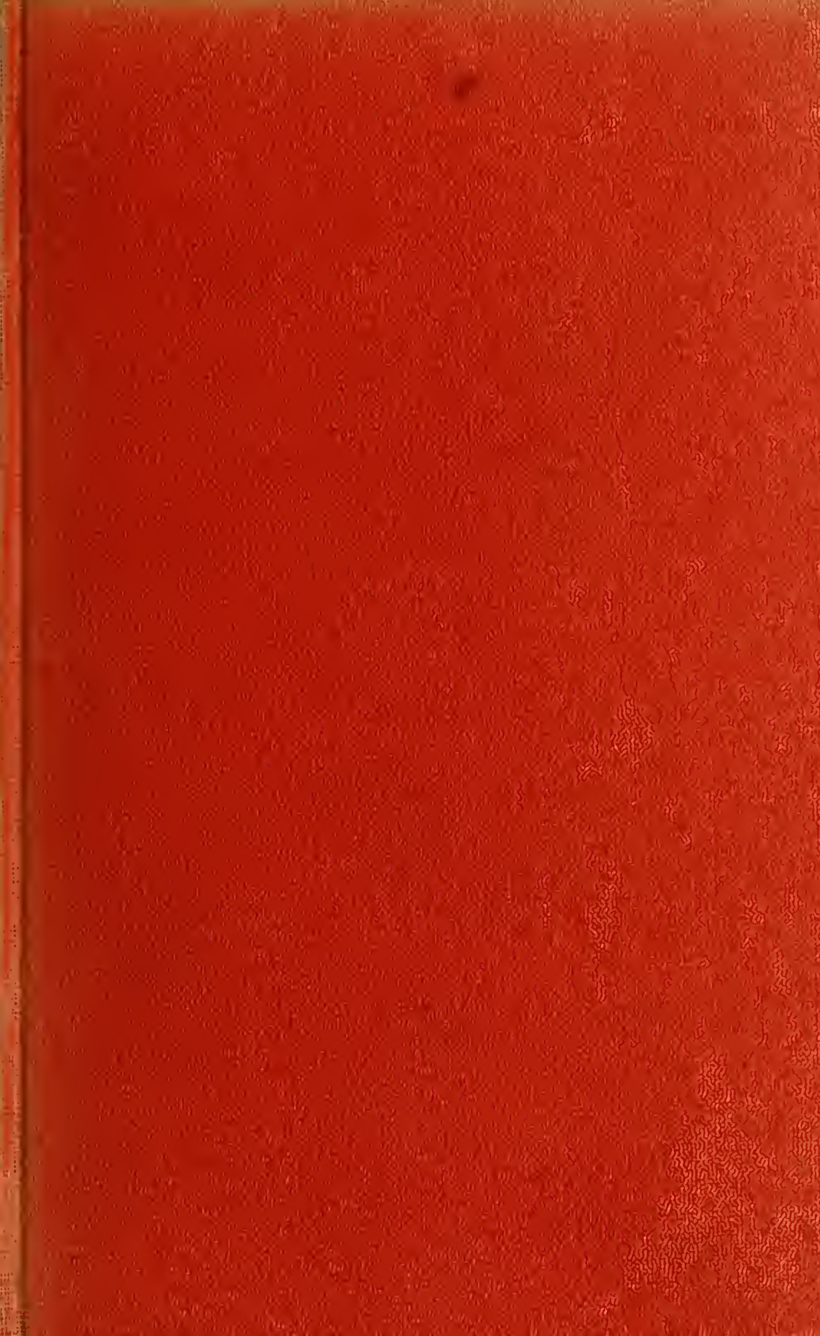


LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E

JOZÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

XI

ANTONIO FERREIRA

I

PARIS. — TYP. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1

ANTONIO FERREIRA

POETA QUINHENTISTA

OBRAS

ESTUDOS BIOGRAPHICO-LITTERARIOS



POR

JULIO DE CASTILHO

> Contentar a todos ninguem o alcançou; muitos se contentaram com aprazer a muitos. O autor tomará por grande honra satisfazer a poucos.
>
> ANTONIO FERREIRA, Prologo da comedia do Bristo.

TOMO PRIMEIRO

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. — E. BELHATTE, LIVREIRO, RUA DE L'ABBAYE, 14

1875

A

DOM ANTONIO DA COSTA DE SOUSA DE MACEDO

Homenagem publica de admiração, e lembrança de entranhado affecto.

J. de C.

LIVRO I

O HOMEM

ANTONIO FERREIRA

I

Introducção.

É difficil encetar um assumpto complexo como este, que nos coube a honra de tratar para a *Livraria classica;* muito mais, quando ao autor chega a palavra depois de terem occupado esta tribuna mestres, sacerdotes de muitos annos no culto litterario. Não foi pois sem receio que nos abalançámos a empreza tão ardua; e confiamos muito mais na sympathia do assumpto, do que nas forças proprias.

O assumpto sim, esse confessemos que é tentador. É Antonio Ferreira um nome consagrado pelos seculos, gravado fundo no coração de quem présa a boa fama de Portugal. Fallaremos pois de Antonio Ferreira, o amigo ingenuo e sincero da lingua portugueza, da gente portugueza, das tradições e façanhas dos portuguezes; com

isso se avivarão memorias; e é sempre tão doce revolver com mão piedosa nas cinzas do passado! Pintal-o-hemos aos eruditos, e será recordar com elles os estudos predilectos. Explical-o-hemos aos ociosos, e com isso ficarão conhecendo um engenho magistral. Coroal-o-hemos finalmente de flores e loiros, como a um bemfeitor, como a um grande poeta. E se ao cabo não lograrmos mais que um só dos intentos em que pozemos mira, por bem compensados nos daremos.

Quanto á obra em si mesma, reconhecemos que apesar de havermos empregado n'ella toda a diligencia, precisamos, e muito, supplicar a benignidade dos eruditos. Narrar é difficil; apreciar é-o muito mais; aqui sobrava que narrar, e que julgar; dobrada tarefa, para que nos não chegaram as posses.

Contenta-se o autor com o limitado numero dos que se não amedrontam de ouvir fallar nos classicos, e aponta para as palavras do proprio Ferreira postas como epigraphe a este livro.

Oxalá se levante alguma vez no meio da cidade intellectual o condigno monumento a quem tanto presava, tanto opulentava o nosso idioma; á falta d'elle, ahi fica este padrãosinho semi-pagão, semi-christão.

II

Genealogia dos Ferreiras. — Martim Ferreira e a casa de Cavalleiros. — Mexia Froes Varella. — Sua ascendencia. — Antonio Ferreira. — Nicolau Tolentino de Almeida.

A honrada estirpe dos Ferreiras, escrito estava que ha trezentos e quarenta e um annos se gloriasse com o nascimento de um menino, que havia de vir a ser um dos incançaveis nobilitadores das lettras portuguezas.

Arvore genealogica é a d'essa familia, a que nem faltam para concitar venerações a antiguidade, a notoriedade do tronco, e a illustração dos fructos.

Entre os varões, que no principio do segundo quartel do seculo XVI se appellidavam com esse antigo nome, depara-se-nos Martim Ferreira.

Segundo todas as mostras, quasi provas (não podemos ainda achar ao certo o fio d'essa filiação), vinha elle da nobre casa do morgado de Cavalleiros, linha que desde o principio da monarchia se extremara.

Foi (segundo alguns genealogistas) o primeiro que usou do appellido Ruy Pires de Ferreira, bisneto de Fernão Jeremias, cavalleiro este que passou de Leão a Portugal com a Rainha D. Thereza mulher do Conde D. Henrique. Ha porém (segundo outros) *Ferreiras* ou *Ferreiros* mais antigos.

Dá-se um paralello curioso entre a protecção que os nossos primeiros soberanos outorgaram aos exploradores de minas de ferro e fabricantes de ferro, e o privilegio

que os reís de França concederam tambem aos *gentils-hommes verriers*, permittindo uns e outros aos seus nobres, que sem descer (*déroger*) podessem cultivar aquellas uteis industrias. Assim, vemos ferreiros em Portugal os herdeiros dos primeiros nomes, pois que esse (como a lavoira) não tinha a pecha dos outros misteres mecanicos : não deslustrava pergaminhos ; principio eminentemente social e rasoavel, implantado desde tão remotas eras entre a soberba espessura dos preconceitos velhos.

Servia o dito Martim Ferreira na casa do senhor D. Jorge Duque de Coimbra, Marquez de Torres Novas, senhor de Aveiro e Monte-Mór, o filho valido d'El-Rei D. João II e de D. Anna de Mendoça Furtado, e para cujo filho, D. João de Lencastre, Marquez de Torres Novas, Alcaide mór de Setubal, creou El-Rei D. João III em 1557 o titulo de Duque de Aveiro.

Era este Duque de Coimbra casado com D. Brites de Mello e Vilhena filha de D. Jorge[1] de Portugal (antepassado da casa de Cadaval) e de D. Izabel Colombo neta do grande Christovão Colombo.

Na casa do Duque de Coimbra era pois Martim Ferreira escrivão da Fazenda, sendo além d'isso cavalleiro na ordem de Santiago cujo era decimo sexto e ultimo Mestre seu nobre amo[2], cargo de que tomara posse a 12 de Abril de 1492.

De passagem, e como curiosidade, apontaremos que devia Martim Ferreira ter tratado de perto em Setubal (residencia de seu amo) áquelle pobre e simples Fernão

[1] D. Alvaro lhe chamam algumas genealogias; mas a Resenha do Senhor João Carlos Feo (infelizmente por concluir) lhe chama D. Jorge.

[2] Pode o leitor ver um prologo escrito pelo proprio Senhor D. Jorge no livro intitulado : *Regra, statutos e diffinições da ordem de Sanctiaguo*

Mendes Pinto, a quem a celebridade custou tão cara, e que se estreou como moço da Camara do senhor D. Jorge, antes de se partir para as suas trabalhosas peregrinações[1].

Do seu consorcio com Mexia Froes Varella teve Martim dois filhos : Antonio Ferreira, e Garcia Froes Ferreira.

Do segundo, pouco, ou antes nada, resam as memorias. O primeiro porém vinculou seu nome á historia da sua terra, de que tão amante se mostrou sempre ; e continuou com mão robusta um impulso de gigante nas lettras portuguezas.

Que differentemente Deus reparte,
irmão, co' os homens as inclinações!

exclamava a seu irmão Garcia Froes o pacifico Antonio Ferreira[2].

A seguirmos agora uma piugada genealogica dos appellidos de Mexia Froes Varella, temol-a aparentada com boas familias. Vejamos.

Seremos ousados conjecturando que fosse a mencionada Mexia Froes Varella filha de João Froes de Brito e D. Leonor Varella, conhecidos por esse tempo nas arvores de geração da familia Froes? A ser isso verdade, era Mexia Froes neta materna de Christovão Varella e D. Ignez Malho ; e era o cavalleiro João Froes de Brito filho de Diogo Alves, cavalleiro fidalgo da casa d'El-Rei D. Manuel, senhor da quinta da Lagôa-Alva, no termo de Santarem, e de D. Izabel Froes de Brito ; neto por sua mãe de D. Helena Rodrigues Froes, e de Diogo Lopes de Brito com-

[1] Fernão Mendes partiu para a India em 11 de Março de 1537, e só tornou em 22 de Setembro de 1558.

[2] *Cartas*, l. I, VII.

mendador de S. João de Coruche na Ordem de Christo, senhor do couto e quinta de Lagos na mesma villa; bisneto de D. Helena Froes, e de Fernão Rodrigues do Campo senhor da Herra; trineto de D. Alvaro Froes casado com sua parenta D. Catherina Domingues Franco; quarto neto de D. Gonçalo Gonçalves Froes e D. Leonor Vasques; e emfim (poupando ao leitor esta ascenção de ramo em ramo aos pincaros da arvore) parente remoto, nada menos que dos primeiros Reis de Castella.

Descendo por desenfado a mesma arvore em sentido inverso, encontramos no seculo passado outra illustração litteraria, o nosso jovial e observador Tolentino de Almeida, sexto neto do supra mencionado cavalleiro João Froes de Brito.

Assim, o doutor Antonio Ferreira é parente collateral, mas não ascendente directo, de Tolentino, como o foram ambos da hoje celebre educanda de Vairão a senhora D. Maria Izabel de Baêna Coimbra Portugal.

Na *Chave do enigma* o diz o autor por estes termos:

« Constava por tradição ter sido uma das illustrações longinquas da familia o classico doutor Antonio Ferreira, autor da primeira tragedia de Ignez de Castro, e particular amigo de Antonio de Castilho[1]. »

Representa hoje esse ramo dos Froes o meu amigo o Snr Visconde de Sanches de Baêna Augusto Romano Sanches de Baêna e Farinha.

[1] Chave do enigma, p. 243.

III

Logar e tempo do nascimento de Antonio Ferreira.

Teve Lisboa a honra de dar o berço a Antonio Ferreira.

Bernardes disse d'elle:

Como bom filho de sua mãe Lisboa [1]

e elle proprio canta:

Esta cidade em que nasci, fermosa,
esta nobre, esta cheia, esta Lisboa
em Africa, Azia, Europa, tão famosa [2].

Do seu depoimento não menos consta que o poeta nascera no anno de 1528; pois declara que em 1557 tinha vinte e nove annos.

Anno cincoenta e sete, eu vinte e nove [3].

O dia certo ignora-se ainda; mas julgava o Ferreira que lhe não fôra propicio o seu planeta, e gemeu estes versos:

Em dia escuro e triste fui lançado
dos ceos na terra tão pesadamente,

[1] *Elegia á morte de Ferreira.*
[2] Cartas, l. I, x.
[3] Sonetos, l. I, i.

que vendo ao longe o sprito o mal presente,
eu logo de mim mesmo fui chorado.

Em lagrimas nasci, a ellas fui dado... etc. [1].

Se não foi de todo *escuro e triste*, como elle diz, foi pelo menos algum tanto carrancudo o seu planeta.

O pacifico João, o piedoso,
reinava então no mundo glorioso [2].

Tinha passado como um sonho a novidade das fabulosas opulencias do Rei feliz, essas que tanto faziam recear ao pensador Sá de Miranda, quando exclamava:

D'estes mimos indianos
hei grão medo a Portugal,
que nos recresçam taes damnos
como os de Capua a Annibal [3];

essas mesmas opulencias, que faziam tremer Gil Vicente, e lhe arrancavam o *Auto da exhortação;* como as opulencias de Roma tinham arrancado a Plauto, seu parente, outros brados de não menos valentia [4].

Ia-se entrar n'um periodo novo, mais sombrio e austero sem duvida, mas tambem mais estudioso e domestico. Era El-Rei a esse tempo mancebo de vinte e seis annos, maduro no juizo, sobrio na vida, meditativo e carregado no semblante, como quem soppesou o sceptro portuguez, e anteviu de quantas amargas façanhas se havia mister para o continuar na altura a que o levaram nossos avós.

[1] Son., l. I, XXXI.
[2] Egl., I.
[3] Sá de Miranda, *Cartas*, IV.
[4] Plauto, *Epidico, dialogo entre Epidico e Thespríão*. Esse dialogo é como que a lei Oppia prégada no theatro.

Davam os *estrolegos* a este Rei por planeta o Marte, e tomavam-n-o como *significador de trabalhos e guerras*, e *fortes tempos* que estavam para vir[1].

Abrira-se no emtanto o panno a um espectaculo de indole diversa, mais asado para crear lettrados e religiosos, do que aventureiros e capitães. Estudava-se nas Escolas Geraes de Alfama; lia-se Petrarcha, e o Dante; fallava-se latim; os viajantes, que todos os dias chegavam de longes terras, contavam maravilhas da renascida Italia de Leão X; Vasco da Gama ia já longe, morto só cinco annos atraz; esperava-se outra ordem de descobridores; o horisonte litterario principiava a clarear.

Taes foram as auras que bafejaram o futuro poeta no berço em casa de seus paes, e lhe trouxeram a um tempo, com as saudades das grandezas do ultimo reinado, os primeiros annuncios da era que se abria.

IV

Infancia de Ferreira.

De que modo corresse a infancia do poeta, não ha mais memoria que os versos do citado soneto:

> Em lagrimas nasci, a ellas fui dado,
> n'ellas passei minha idade innocente[2].

[1] Christ. Rodr. Acenheiro, *Chron. dos reis de Portugal*, cap. xxv.
[2] Son., l. I, xxxi.

Alludiria talvez a orphandade precoce; ou a algum outro desgosto grande, que tão cedo, entre as pestes e guerras do tempo, começasse a inicial-o nas amarguras da vida.

No anno seguinte ao nascimento de Antonio Ferreira, succedeu (referem as chronicas) uma conjuncção da lua com a estrella d'alva o Hespero; foi isto em Maio[1]. Em Novembro eclipse de lua[2]. E logo os juizos foram grandes sobre tamanhos casos; e accordaram os sabios em que seriam o prognostico da queda proxima das luas mussulmanas, o que não menos pareciam adivinhar o leão e o toiro do Infante D. Luiz[3].

Andava revôlta a Europa; e o Solimão e os Barbarroxas não deixavam em paz a christandade. Começava de mais o duello de gigantes entre o Imperador Carlos V e El-Rei de França; luta medonha, que tantos annos pôz em alarma as legiões.

Bem cantava annos depois a branda Musa do nosso poeta aos Reis christãos, que se digladiavam furiosos:

Nunca se viu fereza
a esta que usais igual,
armados de crueza.
Um ao outro animal
da mesma natureza não faz mal.

Tornae, tornae, ó reis,
á paz; tende-vos ora!
Olhae-vos, e vereis
com quanta razão chora
a christandade a paz que lançais fora[4].

[1] Christ. Rodr. Acenheiro, *Chron.*, cap. xxv.
[2] *Id.*, *ibid.*
[3] *Id.*, *ibid.*
[4] Od., l. I, iv.

V

Terremoto de 1531. — Primeiras impressões.

Tinha apenas tres annos o menino que n'este momento nos occupa, quando assolava ao reino todo um terremoto, de que nos fallam, cheios de terror, os escriptores coevos. A quinta feira 26 de Janeiro de 1531 deixou vestigio para muitas lagrimas em todo Portugal.

Ahi está vivo Gil Vicente que vol-o conte, como na sua linguagem pittoresca e ingenua o contou de Santarem para Palmella a El-Rei D. João III; elle que vos diga o terror da plebe amotinada desde a uma hora antemanhã; as prégações fanaticas dos monges; os prognosticos da falsa sciencia; elle emfim que vos mostre a serena lucidez e confiança, com que, já ancião, mas sempre e em tudo genio, soube contrastar com illustrada hombridade o fanatismo desallumiado, salvar do furor plebeu tantos judeus innocentes d'aquella calamidade publica, e aquietar com a sua voz auctorisada as turbas que fugiam[1].

Pouco ou nenhum seria o effeito directo que um tamanho flagello deixasse no animo do filho de Martim Ferreira; o que porém presumimos é que as narrações da familia se alimentassem por muitos annos com aquelle assumpto. Ainda hoje nós outros presenciamos vivo nas

[1] Gil Vic. Carta a El-Rei D. João.

tradições domesticas de muita Lisboa o pavoroso 1° de Novembro de 1755; ainda se não apagou aquelle flagello, com já terem passado cento e quatorze annos!

Assim, de crer é que na imaginação infantil do futuro poeta se pintasse por muito tempo aquella scena, que, se não deixou vestigios nas suas obras, talvez os deixasse na sua retentiva.

N'este mesmo anno do terremoto grande, das fomes e pestes de Veiros e Monforte, dos cometas, e outros signaes, nascia o filho do Infante D. Luiz, o nobre e desditoso Prior do Crato. No proprio momento quasi, em que surgia aquelle ultimo protesto vivo contra a futura oppressão do jugo estrangeiro, tremia esta boa terra portugueza, como que adivinhando que cincoenta annos depois havia de baquear a nossa independencia.

Deixemos porém estas meras coincidencias sem significação real, com que ás vezes a historia se compraz de dar pasto a frivolos, e onde os adivinhos achavam alicerce aos seus devaneios. A verdade está no que diz um chronista : — *Deus eterno todo vê amte sim; o estrolegno vê por pineiras, como solcris;* — e no que dizia um poeta do tempo[1] : — *Os astrologos sempre tratam do porvir, de que elles nem ninguem sabe pouco nem muito.*

[1] Sá de Miranda-Estrang. Act. III.

VI

Gil Vicente inspirador. — Antonio Prestes. — Affonso Alvares. — Antonio Ribeiro.

Fallámos de Gil Vicente. Devia esse tambem ser forçosamente um dos semeadores intellectuaes do menino. Florescia ainda, sim, já mais que adulto, o pae do nosso theatro, o compendiador da poesia popular do seu tempo. A sua influencia na côrte e no povo adivinhal-a-hia quem não a soubesse. Os versos do saborosissimo menestrel deveram eccoar, desde annos verdes, ao ouvido d'este precoce engenho, a afinar-lh'o na toada portugueza, a afferrar-lhe o coração ás coisas da nossa boa terra.

Não esqueçamos os preludios do velho Antonio Prestes, genero de Gil Vicente mais plebeu, e seu contemporaneo; os preludios[1] do enigmatico Balthazar Dias, autor (se o é) da *Tragedia do Marquez de Mantua*, e de tantas comedias e historias tão afinadas no *diapasão* do povo, que ainda hoje, tres seculos depois, este as procura e lh'as decora; e talvez versos do mulato Affonso Alvares, creado do bispo de Evora; ou do celebrado Antonio Ribeiro (o Chiado), primeiro frade, depois troveiro de *aytos* e loas de santos.

Toda esta litteratura, hoje morta, hoje só de feira,

[1] De proposito pomos essa palavra, pois só os preludios alcançaria a mocidade de Ferreira, de autores que vieram a florescer, se é certo, em tempos d'El-Rei D. Sebastião.

cordel, ou museu, então de templos e de estrados aulicos, devia, mais ou menos, reinar em toda a parte, desde a capella mór ou os adros das Igrejas, até ás lareiras da provincia. Ferreira viveu em menino essa poesia, que tão nossa é, inda mesmo phantasma, qual a vemos. As suas obras o demonstram quanta vez, por baixo do mantão italiano, que veio n'esse tempo encobrir a nossa Musa.

Coincidiu logo a alvorada do bom Ferreira com o entardecer do grande Gil (fallemos d'este só). Ainda se deram no paço, e em primeira mão, na meninice do cantor de Ignez, algumas das immortaes comedias do creador da Rubena, como iremos apontando no decurso d'este estudo; comedias, em que elle proprio, o autor, entrava tanta vez de actor, como o fizeram Aristophanes, Livio Andronico, Plauto, e depois vieram a fazel-o outros grandes genios : Shakespeare, e Molière; comedias finalmente, ende até El-Rei D. João III não se dedignou de figurar, como Luiz XIV depois nas de Molière.

Sem ir mais longe :

Em 1532, no anno seguinte ao grande terremoto, estreava-se (talvez em Alvito) o *Auto da Lusitania* nas festas cortesãs ao Principe D. Manuel, nascido n'aquella villa em 1 de Novembro do anno antecedente.

Quem não conhece o *Auto da Lusitania?* quem não riu já com os dislates comicos do velho alfaiate judeu, e com o quadro interessante e burlesco da pobre familia? quem não presenceou aquelle descosido enredo, pretexto futil d'aquella grande poesia de pellote roto e olhos esgaseados, ora terrivel, ora meiga e folgasã; tantas vezes chácara, tantas vezes ode ou prophecia!

Detenhamo-nos porém; basta indicar. Gil Vicente anda na memoria de todos; saudámol-o só como a um facho contemporaneo, de quem todo aquelle tempo se illumina.

O que é presumivel é que, antes mesmo da idade da cultura, as distinctas faculdades de Antonio Ferreira dessem desde annos verdes, concitadas pela inspiração popular principalmente, o rebate do que havia de ser n'aquellas mãos a lyra nacional; e que a obscuridade da casa paterna se visse a espaços relampagueada dos clarões do seu estro.

Cuidou logo Martim Ferreira em aperceber tal filho com a sciencia condigna ao muito engenho que lhe enxergava, sonhando talvez (oh! miragens das ambições paternas!) que um dia podessem as lettras patrias ufanar-se d'elle tanto, quanto uma boa fada parecia segredar-lhe. Hemos de ver como a Providencia lhe annuiu aos votos.

VII

A côrte em Evora. — Comedias e tragicomedias do velho Gil. — O Amadis de Gaula. — A Romagem de Aggravados. — A Mofina Mendes.

Entre o terremoto grande e a adolescencia do nosso poeta, alguns factos houve, que merecem rapida menção. Debuxemol-os; os acontecimentos coetaneos exercem influxo no destino dos homens em botão; e depois, o actor não dispensa o scenario.

Estava a côrte de residencia em Evora; Evora, a sombria e melancolica raptada do *Sem Pavor;* Evora, que a El-Rei D. João prazia sobre-modo, talvez até pela recordação das suas vistosas festas de noivado; já lá iam nove annos!

Foi o anno de 1533 de safra para as boas flores de Gil Vicente. Primeiro representou-se aquelle admiravel *Amadis de Gaula* (talvez a sua obra prima), que elle, á moda de Plauto, chamava tragicomedia[1]. Depois, no verão do mesmo anno, para festejar o Infantesinho D. Filippe, nascido um Domingo 25 de Maio, representava-se outra tragicomedia muito engraçada, a *Romagem de Aggravados*, com grandes vivas á Rainha, e grande applauso dos cortesãos.

Ingenua côrte! bons corações, os que assim se riam a perder com os disparates do seu jogral sublime! e elle como fallava claro e alto! como estrugia aquellas abobadas com imprecações, queixas, ameaças! E tal era o poder da verdade, que o escutavam.

Em Novembro de 1534 fallecia em Abrantes, sua terra, o Infante D. Fernando terceiro irmão d'El-Rei; foi-se atraz d'elle no mez seguinte, ferida de tal golpe, sua extremosa mulher a Senhora Infanta D. Guiomar Coutinho. Dobrado luto na côrte; o que não impediu que n'esse mesmo Dezembro se desse na real capella, pelas matinas do Natal, outro auto de Gil Vicente, a *Mofina Mendes*, uma grave Annunciação de Murillo, atravessada das figuras angulosas e saltitantes de Callot!

[1] Faciam ut commixta sit tragicomædia;
Nam me perpetuo facere ut sit comædia,
Reges quo veniant et di, non par arbitror.

Plauto, *Amphytrião,* prologo.

a fabula da bilha de azeite dançada ao vivo diante dos altares! e a Virgem ao lado da Mofina! e os vagidos do Menino Deus soando ali, n'aquelle recinto sagrado, n'aquella hora mysteriosa, em quanto Pessival, Andrel, e Payo Vaz se desatinam pela burrinha ruça e pela boiada!

Aquelles chamados *mysterios* da idade media, tão difficeis de extirpar, que ainda tantos annos lhe sobreviveram, e tão enraizados, que até os proprios sacerdotes celebrantes entravam n'elles, até que, no principio do seculo XIII, Innocencio III coarctou esse abuso, são hoje o nosso espanto! custa a crer como os homens mais serios, os prelados mais virtuosos, os Reis mais austeros, os consentiam. Uma entre muitas explicações tem occorrido. Ali fallavam-se verdades aos Reis e grandes (que isso tambem já lá vinha de eras antigas; é ler o velho Aristophanes). Na idade media quasi não havia outra liberdade; e essa mesma vieram depois cerceal-a os *revedores* do Santo Officio. O povo carecia d'aquelle desabafo. Não entendia como a sua verdade lá d'elle, grosseira e rude embora, deslustrasse com os seus soccos e o seu burel a mansão das verdades eternas. Eram aquillo os pasquins do povo; a lastima era que o Pasquino fossem tanta vez as imagens sacrosantas. E note-se a singularidade do contrasenso : era por devoção profunda, e grande respeito ás crenças, que essa idade expunha, sem o saber, no pelourinho de Thespis as figuras mais augustas da Religião!

VIII

A expedição de Tunis. — O Infante D. Luiz e o Imperador Carlos V.

No anno de 1535 apercebia-se uma armada de vinte navios, duas naus e um galeão para auxiliar o Imperador Carlos V na sua expedição contra o Kaïreddin Barbarroxa de Tunis, cuja arrogancia começava a pôr-lhe susto.

Mandara o Imperador pedir alliança ao nosso Rei em Março; e logo no mesmo mez saíam de foz em fora o porto de Lisboa essas seis-centas e dezoito boccas de fogo, que a tanto montava o soccorro portuguez.

Não soffre o animo ao Infante D. Luiz ficar-se nos ocios da côrte de seu irmão, em quanto assim abalam o heroico Antonio de Saldanha e tantos bons lidadores. Pedida licença a El-Rei, sae de Evora em 15 de Maio para Barcelona, d'onde segue o Imperador áquella campanha do grande corsario, ao ferrenho cerco da Goleta, e depois á batalha campal que pôz em fuga o Kaïreddin até Biserta, sem que possam accorrel-o nem os Arabes do deserto, nem o Rei de Marrocos, nem o turco Soliman.

> Lo que al sancto Luiz con tanta gente
> cruzada[1] y a Carlos quatro[2] denegóse

[1] Referem-se estes versos ao santo Luiz IX de França, e á sua expedição de cruzados francezes contra Tunis em 1270; o exito correspondeu bem mal á expectativa; e o proprio Rei alli achou a morte a 25 de Agosto, no cerco posto pelos Sarracenos á já conquistada Carthago.

[2] Carlos IV, filho de Filippe o bello.

no solo ellos, mas todo el poniente,
a nuestro Luis y Carlos reservóse.

disse o poeta[1].

E de veras, aquella campanha de poucos dias pelos seculos fora ha-de ficar lembrando[2].

Era um homem de vasto talento aquelle Infante D. Luiz; poeta; autor, segundo alguns, do *auto dos cativos*[3], e do *auto de D. Duardos*[4]; discipulo do grande Pedro Nunes em geometria, arithmetica, musica, e astronomia[5], e até autor em mathematica[6]; mui protector de lettras, e condiscipulo do Infante D. Henrique seu irmão, de João de Barros, André de Rezende, e D. João de Castro na escola do mesmo sabio Pedro Nunes.

Saciado por aquella vez o desejo de gloria, contemplado o espectaculo d'aquelle theatral commettimento, voltou á sua saudosa Evora em Outubro do mesmo anno de 1535. Eil-o ahi vem no seu cavallo de guerra; eil-o ahi chega todo cheio de narrações, sequioso de fallar, de ouvir, de ser ouvido.

Que novidades encontra no paço o real viajante? que lhe dá a pobre Evora em troca dos esplendores da côrte imperial? em troca da grande orchestra de buzinas e

[1] Sá de Miranda, Egl. II.

[2] É opportuno recordar aqui um facto: o genio aventuroso do nosso grande Camões impelliu-o a sollicitar licença para acompanhar o Infante D. Luiz n'esta expedição. Note-se que tinha apenas 11 annos! Isto se lê na vida do nosso epico pelo illustrado e respeitavel Senhor Visconde de Juromenha. (Tom. I, p. 16.)

[3] É por outros attribuido este auto a Gil Vicente filho; por outros a Luiz Vicente seu irmão.

[4] Este corre geralmente como sendo de Gil Vicente pae.

[5] Pode consultar-se a erudita Memoria do D^or^ Antonio Ribeiro dos Santos *sobre alguns mathematicos portuguezes, e estrangeiros domiciliarios em Portugal ou nas conquistas*. Mem. de litt. port., tom VIII.

[6] Para o catalogo das obras d'este Infante vide Barb. Mach., Bibl. Lusit.

bombardas, que inda o traz a elle como que desatinado

Entremos.

Nos paços de Evora, tudo placido, austero, e mono tono; não é já o viver estrepitosamente magnifico de Carlos V; é o de uma côrte provinciana e religiosa.

Premedita-se no secreto dos conselhos a Inquisição. Caçam nas cercanias os couteiros e falcoeiros dos senhores; a côrte passeia nas suas hacanéas, e ouve as devoções e prédicas dos monges.

O bacharel Christovão Rodrigues Azinheiro, procurador, escreve o summario das suas chronicas. Diz missa com grandes indulgencias em S. Francisco de Evora o Cardeal Infante D. Henrique. Visita El-Rei D. João III por desenfado o aqueducto de Sertorio.

Mais : acaba de ser jurado o Principe D. Manuel primogenito d'El-Rei um Domingo 13 de Junho[1]; e no Domingo 20 celebraram-se côrtes.

Mais : mestre André de Rezende anda muito acceso a investigar antigalhas, correndo Evora, medindo-a, escudrinhando-a em todos os sentidos.

Mais ainda : lêem uns Sá de Miranda, e preferem-n-o a Gil Vicente; lèem e ouvem outros a Gil Vicente, e antepoem-n-o a Sá de Miranda.

E que fazia Sá de Miranda? escrevia, lá ao longe, a sua Egloga *Celia*, e com uma respeitosa dedicatoria em sete oitavas hespanholas se acercava reverente do Infante D. Luiz, e lh'a offerecia.

E n'este entrementes, que fazia o nosso velho Gil? esse

[1] O nosso amigo Senhor Innocencio Francisco da Silva possue n'um livro manuscrito de papeis varios a *oração que fez El-Rei D. João III ao Cardeal para receber o juramento do principe D. Manuel.* Acha-se no dito livro a. p. 74, v.

rugia e gargalhava no seu antro, e debuxava a *Floresta de enganos*, que foi (segundo o proprio Luiz Vicente) a ultima producção do troveiro nacional.

IX

Reforma das escolas geraes de Alfama. — A Universidade de Coimbra. — A rumorosa Lisboa. — El-Rei D. Diniz, e El-Rei D. João III. — Armas e lettras.

Voltaram-se entretanto para as Escolas Geraes de Alfama os cuidados d'El-Rei D. João III.

Floresciam essas escolas no apoucado edificio doado em 1431 pelo sempre illustre, pelo sympathico, pelo nunca assaz engrandecido Infante D. Henrique (o de Sagres); e deram o nome á rua, que ainda hoje o conserva, junto a S. Vicente de fora em Lisboa. O titulo de universidade (*universitas*) é, com quanto muito antigo, posterior ao de *studium generale* (escolas geraes), que se dava na Europa a estabelecimentos d'este genero.

Olhou El-Rei D. João III um dia com attenção severa para as *escolas geraes* de Alfama, as netas d'El-Rei D. Diniz; e tomado conselho com os seus lettrados, pareceu-lhe que muito mais em cheio se podiam aproveitar os estudos que ali se faziam, dando ás escolas uma séde mais remançosa, e uma constituição nova, com mestres novos.

Estava cançada, e em partes anachronica, a institui-

ção dilecta do Rei trovador, a qual a Bulla de 13 de Agosto de 1290 auctorisara, e para onde, a instancias de altos personagens seculares e ecclesiasticos, o fundador importara com tanto amor mestres de fora do reino, que n'aquelle tempo não podiam abundar pela peninsula, toda entregue aos cuidados da guerra.

Inda n'aquella idade...

diz o nosso Ferreira[1]

Inda n'aquella idade inculta e fera,
a forças toda dada, um sprito raro
piedoso templo ao brando Apollo erguera:

Santo Diniz, na Fé, nas armas claro,
da patria pae, da sua lingua amigo,
d'aquellas Musas rusticas emparo.

Desde a sua fundação, só dezoito annos deixaram permanecer em Lisboa as novas escolas; em 1308 as transferiu El-Rei D. Diniz para Coimbra; depois em 1338 outra vez para Lisboa El-Rei D. Affonso IV; e finalmente em 1354 outra vez para Coimbra. Entendera El-Rei D. Fernando dever tornal-as para Lisboa; e ahi se conservavam nas casas do Infante de Sagres.

Era um edificio acanhado para o tempo de hoje, mas nobre para os do Infante.

Ainda ha bem poucos annos se via na sua feição quasi primitiva a frontaria d'este templo das sciencias. A nossa incuria proverbial tolerou sem pejo que a picareta, inimiga irreconciliavel das tradições, insultasse a capital e o reino na face caduca e veneranda d'aquelle monumento.

[1] Cartas, l. II, x.

Quando observaremos de uma vez para sempre a grande religião do passado?

D'esse nobilissimo solar das lettras em Portugal (tão descurado hoje pelo Municipio, e tão insultado por proprietarios analphabetos), d'esse solar das nossas lettras julgou então El-Rei D. João III, animado de espirito reformador, que era indispensavel arrancar as escolas, por mais que as vinculasse a gratidão ás paredes e abobadas do Infante D. Henrique.

Era Lisboa ao tempo uma côrte muito rumorosa. As diversões e folias de uma cidade grande haviam de importunar mais ou menos quem desejasse remanço para estudos. Accrescia que eram as escolas geraes no bairro *elegante* de Lisboa, pelo menos no bairro populoso, no alto de Alfama, perto dos Conegos Regrantes de S. Vicente de fora, perto do Chão da feira, dos paços de Santo Eloy, dos de S. Bertholameu, quasi perto dos da Alcaçova, e não longe da já turbulenta beira-mar da Ribeira, onde os ricassos da India entravam a edificar as suas casarias grandes. Depois, as praças sempre cheias de novidades, sempre cambiantes do populacho vivaz e multicor que os galeões desembarcavam da conquista.

> Pelas ruas mil cambos, mil recambos,
> cargas vêm, cargas vão, mil mós, mil traves,
> um arranca, outro foge, e encontro entr'ambos.
>
> Vai ora então compondo versos graves
> versos doces e brandos, etc...

diz, com as mostras do desconsolo maximo, o bucolico Ferreira[1].

Depois, estava Lisboa toda muito commercial; este

[1] Cartas, l. II, IV.

grande caes da Europa era um bazar immenso; o mercantilismo da rua nova invadira até á Alcaçova. Como querieis ver n'estas aridas encostas um Parnaso? se até Ferreira diz :

Aquella gran rua nova, conhecida
por todo o mundo, que outra coisa conta,
senão da nau ganhada, ou nau perdida [1]?

Era indispensavel arrancar d'aqui os estudantes, e pôl-os n'um meio, que lhes fosse inspirativo. Deu-se o golpe; e as Escolas Geraes de Alfama ficaram sendo, desde 1537, a Universidade de Coimbra, mau grado dos Lentes, que preferiam as cortesanias de Lisboa.

Agradeceu Coimbra ao Rei piedoso a preferencia; e não tardou muito que os novos alumnos de Minerva (no meio dos quaes despontava um mancebo de grande porvir, chamado Luiz de Camões) entrassem a plantar junto ao Mondego os loireiros das sciencias e lettras, com que havia de engrinaldal-os a posteridade. Estava-se formando a geração nova; acordava Portugal; o influxo da renascença geral, que até ali só se manifestara n'outros ramos, entrava pelo seu caminho verdadeiro nos espiritos dos mancebos estudiosos.

Ó bom Rei piedoso! estes não viam;

exclama o poeta;

tu lhes deste olhos novos com que vêm;
por don tão grande as almas te deviam.
Já esta nossa terra engenhos tem [2], etc.

[1] Cartas, l. I, x.
[2] Cartas, l. I, iv.

Crearam-se de feito nove cadeiras e cathedrilhas de Theologia; sete de Canones; de Leis oito; uma de Mathematica; de Medicina seis; de Linguas cinco; quatro de cursos de Artes[1].

Affluíu tudo a Coimbra. As escolas tiveram um periodo de plena florescencia. Esperava-se; acreditava-se. E no meio d'este enthusiasmo litterario, que mais ou menos echoava em todo o reino, presidia á grande faina El-Rei D. João.

E comprazendo-se nos remanços do estudo, e deleitando-se em ver medrar as boas lettras, comprehendia menos os laureis guerreiros, do que os laureis litterarios; tinha por mais anachronica a espada vingadora de João II, do que a tiorba civilisadora do Orpheu D. Diniz, e de Affonso-Sanches, ou os mappas e astrolabios do scismador de Sagres.

Não é dizer que não houvesse ainda, sob o dominio d'este Rei triste e fradesco, homens da rija tempera portugueza, e grandes capitães. Que o diga o primeiro cerco de Diu em 1538, tão celebrado no livro de Lopo de Sousa Coutinho; que o atteste, entre outros, esse Antonio da Silveira, que no forte que Nuno da Cunha ali pozera em 1531 se defendeu como um leão contra um crescido numero de inimigos[2].

[1] Quem quizer estudar as varias phases da Universidade pode consultar o formoso e utilissimo livro do senhor D. Antonio da Costa *Historia da instrucção popular em Portugal.* N'essa obra se encontra muito e verdadeiro saber unido ao mais nobre estylo, e tudo animado do alto criterio philosophico do autor.

[2] D. Antonio da Silveira, da casa da Sortelha (como D. Simão, de quem fallaremos em logar competente) illustrou tanto o seu nome, e tal brado deu de si por essa Europa, que o mandou El-Rei de França Francisco I retratar a Portugal, para conhecer, dizia elle, a effigie ao menos de um heroe, que lhe não era dado admirar em pessoa.

E o segundo cerco de Diu em 1546! assumpto que inspirou o poema de Jeronymo Côrte Real, e que o merecia, pois as gentilezas de um D. João Mascarenhas, e de um D. João de Castro, só com o bronze poetico deviam ser commemoradas.

Mas... não adiantemos tantos annos. Voltemos ao nosso ponto; encontremo-nos com este guapo mancebo que ahi vemos entrar em Coimbra. Quem é elle? na apparencia como no trajo, dil-o-hieis um filho da côrte; a gravidade do porte põe-n-o acima dos seus verdes annos. Quem é? é Antonio Ferreira; o filho de Martim Ferreira.

X

Ferreira em Coimbra. — O estudante no seculo XVI.

Não fôra para hoje muito, que aos dezaseis principiasse o curso dos legistas quem tão precoce devia ser nas humanidades; e a regular-nos por isso tel-o hiamos estudante em 1544.

Mas geralmente n'aquelle tempo, e nos anteriores, era-se alumno de Universidade em idades mais que adolescentes. O que se aprendia, aprendia-se de vagar.

Circumscrevia-se cada qual ao seu terreno, e profundava n'elle até ao centro da terra. A carestia dos livros era uma das causas. O maior generalisador foi Guttem-

berg. Alargou-se então o ambito do desejo humano; confraternisaram quasi de repente os habitantes das mais apartadas regiões. O mundo teve consciencia da sua sêde, e viu que podia sacial-a.

Não suppomos portanto que o nosso Ferreira começasse a cursar Coimbra antes de 1547 ou 48, isto é aos dezanove ou vinte annos.

Por condiscipulos deveu contar sem duvida muitos dos homens que depois acompanhou na vida com amizade constante, e a quem dedicou algumas das suas poesias.

O que fosse o estudante de Coimbra, meado seculo XVI, não será difficil imaginal-o quem conhece o de hoje, e o de hontem, e quem, á laia de Cuvier, se dá ao trabalho de recompor, de membro em membro, de evo em evo, e de transformação em transformação, esse curioso animal, mixto legendario de todas as subtilezas, de todas as abnegações, de todas as seducções, sobredoirado de poesia cavalleirosa, troveiro de banza, mas sem Violante certa, ou antes com trezentas Violantes, desde o Arco de Almedina até ao da Traição.

O estudante em 1550 não curava de politicar, como o seu civilisado descendente de hoje em dia; até porque a palavra *politica*, se já era inventada, não tinha tanto consumo como hoje; e não havia de ser o estudante que lh'o desse.

Ainda apertado n'um regimen fradesco, estudava e depois divertia-se. Era-se francamente rapaz; ia-se para o rio ver o vau das tricanas, e aprender com ellas o sal da replica finissima. Ouvia-se missa regularmente, isso sim, até por causa de uns certos capas-pretas, introduzidos havia pouco entre a familia portugueza.

O estudante nobre lia Petrarcha, e fazia versos na lingua

fidalga: em latim; versos em latim, até ás innocentes rôlas da vizinha do telhado fronteiro, quando, logo pela manhã, ella as vinha pôr ao sol, e repenicava com a sua voz argentina uma trova, que ia perder-se com o vento entre a ameias do eirado da Sé Velha:

Ai Valença! guai Valença!
de fogo sejas queimada;
primeiro foste de moiros,
que de christianos tomada.

E em quanto ella cantava, elle ruminava para si mesmo dactylos e espondeus compondo a gorjeira de caça, e encostando-se ao peitoril.

Andava-se em cordeal parceria com patricios e companheiros, e por qualquer coisa se desfechava um soneto ao amigo mais intimo.

No intervallo das aulas saía aquelle palrador enxame do collegio de Santo Agostinho e do de S. João Baptista, a tomar um pouco de sol no terrado de ladrilhos gradeado, que formava o adro de Santa-Cruz[1]. Ali se andavam de cá para lá discorrendo e discutindo em latim, cada qual sobre as sciencias de seu estudo, na intimidade facil que dão os poucos annos.

Passeava-se, nas horas ociosas, até Coselhas, ou andava-se (não custa imaginal-o) em agradaveis serenatas rio a baixo, rio a cima, do genero das diversões, que, duzentos e setenta annos depois, haviam de entreter e inspirar tão suavemente a Castilho e seus amigos, a João de Lemos e aos seus, na formosa Lapa dos Esteios, hoje *dos poetas*.

[1] *Descripção do mosteiro de Santa Cruz*, manuscripto inedito citado nas obras de Camões pelo Senhor Visconde de Juromenha. Tom. I, p. 19.

Conversavam-se, nas horas serias, alguns frades doutos, que não faltavam, e iam-se ouvir a Santa-Cruz os sermões dos Conegos Regrantes.

Vivia-se desde manhã cedo; mas tambem o *sino de colher* era fielmente obedecido.

Quando dava ao estudante para ser turbulento (como os seus confrades de Pariz tanta vez o foram no tão disputado Pré-aux-Clercs, e os seus antecessores de Lisboa o foram tambem no tempo d'El-Rei D. Diniz), então era volteiro (como se dizia), e arruador; girava á tuna toda a noite; ora por alguma aventura vadia com dona ou moça recolhida; ora só pelo prazer truanesco de andar, nas barbas dos meirinhos e alcaides, e dos triumviros do Sr. Reitor[1], ladrando villancetes á lua, ou pelo gostinho de ir estirar-se nas guardas da ponte do Sr. D. Manuel, a ouvir as tristes horas nocturnas no sino pensativo da Sé, e os mochos do choupal da margem.

Tout est aux écoliers couchette et matelas,

disse La Fontaine, e com razão.

Era o estudante muita vez esse picaro faminto e esfarrapado, que a tradição consagrou para eterno barzabum dos mercadores e burguezas *diosas* de Coimbra; bom tangedor de viola, e mau latino; leal vassallo, e desleal namorado. Não sabia ao certo se ainda reinaria El-Rei D. Diniz; as charamelas diziam-lhe que sim; mas muitas outras coisas lhe diziam que não. Quanto a estudo, igno-

[1] Deixámos cair n'esta passagem essa recordação da velha Roma, onde eram (como todos sabem) os triumviros, acompanhados de oito lictores, quem fazia as patrulhas nocturnas, ou *guêt*. Não nos parece descabida a citação, n'aquelle tempo quinhentista, em que o arremedo romano tinha tanta força.

rava elle ingenuamente quem lia na sua aula, e se se davam Pandectas e Institutas, ou a Theoria do sol e da lua de Jorge Purbachio; e tambem ninguem lhe queria mal por isso.

Era grande amouco de Gil Vicente; sabia-o de cor, e fazia redondilhas; não lhe pesava na consciencia um unico epigramma em latim.

O estudante de familia *historica* procurava os seus eguaes n'aquelle tempo em que ainda havia classes, e esperava o fim dos estudos, que lhe promettia um logar na alta magistratura ou no clero, só pela sua qualidade de filho segundo.

O mais do tempo voava entre os livros e a guitarra; assistia-se, uma vez ou outra, a algum auto de devação no adro ou na capella mór de algum convento, e iam-se ouvir cantar os seraphins ao som do orgão em Santa Clara a velha.

Este era, pouco mais ou menos, o typo antediluviano do estudante[1]; encerremol-o, como um chimpanzé empalhado, n'este armario de recordações; e se algum leitor, estudante de hoje em dia, por aqui passar, detenha-se *sans rancune*, que ha-de ouvil-o talvez a dizer-lhe pela bocca do seu amigo Gil Vicente:

Ó leitor, de meu conselho,
olha-me, e olha-te bem.

[1] Pode o leitor ver nas *Leis extravagantes* colligidas por Duarte Nunes do Lião (edição de 1569, pag. 165 v.) a *ordenança* para os estudantes sobre trajos, bestas de sella, creados, hospedes, etc. É curioso documento.

XI

Honestidade dos amores e das lettras do nosso poeta.

Andava o nosso Antonio Ferreira mui namorado durante o seu tempo de Coimbra. Em certos homens andar namorado não é andar doido; é ter um *sentimento*, ou uma *inclinação* pela senhora Dona Fulana, ser o seu servidor, e immortalisal-a na carteira, com um ou dois sonetos disparados de longe, com todo o recato, e tão mal certeiros, que só o bésteiro lhes sabe o alvo. Ha outros, que proclamam á cidade e ao mundo o nome querido, e importunam quem passa para lhe segredar *praceiramente* (como se dizia), os seus sabidissimos amores.

O grave mancebo Antonio Ferreira pertencia mais aos primeiros, do que aos ultimos. Fallava na sua dama com uma pudicicia de Petrarcha; dir-se-hia que só a medo e a furto se acercava (em espirito ainda assim) da sua Laura; e em nenhuma das suas obras poeticas se nos depara um só verso menos decente, menos respeitoso. Podia applicar a si o que tão ufano proclamava Plauto n'uma das raras horas castas, que lhe inspiraram a comedia dos Captivos [1] :

Neque spurcidici insunt versus immemorabileis.

Os versos de Ferreira são puros, limpos, e muita vez merecem decorados. É essa uma das altas e apreciaveis

[1] *Capt.*, prol., v. 56.

qualidades do nosso homem; adolescente e adulto pertence ao numero dos escriptores bemvindos no gyneceu e no atrio; severo e douto com os lettrados e os politicos, honesto e grave com as damas. Abona isso tanto a sua indole, como a educação moral que lhe dera sua saudosa mãe Mexia Froes Varella.

A sua litteratura foi sempre ordeira e honrada; e bem lhe quadra a elle o alexandrino, que tres seculos depois engendrou o poeta Auguste Barbier:

Mon vers rude et grossier est honnête homme au fond.

A sua ambição é o applauso dos bons; prefere, como Horacio, a qualidade á quantidade[1]; canta para ouvidos portuguezes, e de coração lhes offerece a sua pobre lyra.

Eis, para prova, a epigraphe anteposta a todos os seus versos:

A vós só canto espritos bem nascidos!
a vós, e ás Muzas, endereço a lyra;
ao Amor meus ais e meus gemidos,
compostos do seu fogo e da sua ira.
Em vossos peitos sãos, limpos ouvidos,
cáiam meus versos, quaes me Phebo inspira.
Eu d'esta gloria só fico contente:
que a minha terra amei, e a minha gente.

[1] *Contentus paucis lectoribus,* Horat., Sat., l. I, x.

XII

Ferreira namorado; retrato da sua primeira amante, pintado por elle mesmo, por elle espedaçado, e restaurado agora por mão de curioso.

Aos olhos da critica litteraria, apparece-nos Antonio Ferreira como quem chega de longes terras; o bordão é de peregrino; o trajo é á italiana; no aspecto grave e composto lê-se-lhe a litteratura culta de Horacio e Virgilio.

E apesar d'isso, e de nos parecer forasteiro, não saíu; não se aventurou ás encruzilhadas e aos ladrões; nem (como diz Sá de Miranda) passou pelo mau gazalhado de Portugal, nem pelos desconchegos de Galliza.

Não saíu da côrte, mas vem ensinar os cortesãos.

. . . .

Deixemos passar o tempo com as suas fecundações, com as suas contradicções, e quando menos o espera o nosso poeta, penetremos no seu quarto escholastico em Coimbra.

Sobre a meza um rolo de papeis; não será indiscrição abril-o; estamos em casa de um intimo. Elle está talvez na aula a esta hora, ouvindo o erudito Diogo de Teive, ou outro mestre, e preparando-se ás honras primeiras do seu bacharelado, que hão-de conduzir-lhe de apoz a borla doutoral.

Investigado o precioso manuscrito, eis aqui a summa do que elle nos suggere.

Até ao anno de 1552 não podemos assignar data certa

a obra alguma d'este classico; as probabilidades porém são de que a maioria dos sonetos do primeiro livro (ao menos) seria anterior a este anno.

É a primeira parte dos sonetos de Antonio Ferreira a historia dos seus primeiros amores, amores contrariados e cortados de desgostos, como quasi todos os que estreiam um mancebo.

O moço Antonio em Coimbra, cheio de vida e illusões, não se conforma com que uma ingrata o apezinhe como ao ultimo dos homens. Do soneto II até ao XXXIII *inclusive* do livro I faz o nosso juvenil amador ressoar todas as grutas e encostas dos campos do Mondego com as doridas querellas da sua magua, a mais pungente das que elle conhece, passarinho novél tão feito para amar! Em todos os tons, em todas as claves se amesquinha, e a formosa sempre surda. Ora invoca o Mondego, ora implora o Tejo; faz d'elles seus mensageiros, como Petrarcha invocava o Pó, tanta vez seu confidente. Como ha quem resista a um sonetista namorado? soube a esquiva resistir-lhe; e elle por generosa paga immortalisou-a; tão modesto e commedido ainda assim, que lhe lançou um veo na estatua, e nos furtou seu nome. Este traço é bem de Ferreira.

Podemos quasi agradecer á bella a sua prolongada crueldade. O amor feliz é por via de regra menos loquaz que o seu elegiaco e lacrimoso irmão, o amor contrariado. Foram os desabrimentos d'esta Branca de Castella, que desataram em flores a inspiração do nosso Thibaut de Champagne.

Fosse ella quem fosse, essa mysteriosa, sabemos que deu ao estudante horas amargas, e que elle (talvez para symbolisar a dureza de tal coração) se vingava em lhe de-

dicar por desabafo os mais ferreos sonetos da lingua portugueza.

Não importa; ferreos ou não, têem, a partes, muito merecimento, rasgos e relampagos felicissimos; e alguns sonetos quasi inteiros se deparam ao leitor, que o levam, sem grande perigo de abalroar, á chave de oiro.

Já pode ser (com que provas contestal-o?) que alguns dos mais ethereos e madrigalescos sonetos de Ferreira fossem (á moda do tempo) adorações em vão a um mytho; ha porém alguns verdadeirissimos, cheios de sentimento e pranto. Esses depoem a favor da existencia real d'esta Laura portugueza, cuja personalidade (como a da outra, de quem Bocaccio, seu contemporaneo, ousou duvidar) inspirou alguma leve duvida ao erudito Bouterwek.

Fique ás senhoras de Coimbra o dissabor, ou a gloria (distingam S. S. Excellencias isso como entenderem) de serem patricias, e netas, da cruel que se comprouve em pôr a tratos o futuro Desembargador. O soneto XI do livro I, dirigido ao Mondego, parece dar-lhe esse berço.

O retrato d'ella, partido em pedaços pelo amante ao longo dos seus lacrimosos sonetos, vamos tratar de o recompôr fragmento por fragmento, para o pendurar na extensa galeria das inspiradoras de endeixas lacrimosas.

Vejamos. Pintae na mente uma esbelta rapariga coimbrã; a pelle compara-a o retratista a tudo que ha mais alvo e deslumbrante: a branca neve (son. V); e os lyrios (son. XIX); ha porém um longe de rosas n'essa mimosa tez (son. XIX). A graciosa fronte, emmolduram-lh'a finissimos cabellos loiros (son. V, XI, XVIII, XIX, XXIII, XXV, além

da Egloga IV, e outros passos[1]); cabellos loiros a que elle allude a cada passo, e que eram lá a súa perdição, quando os via caír em tranças nos hombros da cruel (son. XIX), ou quando suspeitava que os beijava o Mondego, nas horas do banho (son. XI), o Mondego, a quem elle talvez murmurava em segredo pela bocca do seu Petrarcha:

Chiare, fresche e dolci acque
Ove le belle membra
Pose colei che sola a me par donna!

O formoso rosto d'ella (son. V) parecía resplandecer com aquelles olhos suavissimos (son. V, XIV, XV), que faziam exclamar o melancolico amante:

Olha com que brandura os olhos vira!
com que graça os abaixa e os levanta!
(Son. XXIII.)

A bocca, adornada de dois fios de perolas (perdoem a imagem; vem no son. XIX, que tem mais de tres seculos) sorria o sorriso mais doce (son. V, XVIII, XXIII); e despren-

[1] No Bristo (acto IV, scena VII) volta elle a deliciar-se nos cabellos loiros, prestando-os á formosa Camilia, e á Licisca, aventureira que para o enredo é necessario que passe por ser Camilia. E note-se que entre os poetas seus contemporaneos é frequentissimo achar-se o predicado *branca e loira, loira e corada, loira e alva,* etc., como prototypo da belleza feminina.

Era talvez mais um italianismo. Entre os italianos encontra-se a cada passo essa idéa.

Eran i capei d'oro all' aura sparsi;

e n'outra parte:

Le crespe chiome d'or puro lucente,

disse Petrarcha.

dia uma voz suave (son. v, xv, xix) como um canto de sereia (son. xix).

Depois, aquelle todo tão senhoril e composto (son. xxiii)! aquella presença angelica (son. v)! Depois (confessa-o o proprio martyr) aquella lindeza (son. ii), aquella

formosura no mundo nunca achada,
(Son. xviii.)

aquella brandura que em tudo se mostrava (son. ii), realçava-a a joia das joias : a virtude!

Curvae o joelho ante a Erycinna; eia, mancebos! illuminae-lhe a estatua com um sorriso, ó vós, donzellas. E todos nos inclinemos ante a oitava maravilha!

Patuit dea.

XIII

Transição para segundo amor.

O soneto xi do livro I é dedicado ao Mondego; pensamos que os antecedentes fossem, como esse, escriptos em Coimbra; e que n'algumas ferias, em que o autor viesse a Lisboa, lhe nascesse então o xii, que parece escripto em presença do Tejo. N'elle dá conta o desditoso, de que ao balbuciar o nome querido lhe parece que por mysterioso influxo a natureza se abranda, se aclara, se melhora; e

que só a alma d'elle se entristece com a negra saudade que o opprime.

Apesar de tudo, a ingrata porfiou, e recusou a homenagem de todos os seguintes sonetos até ao XXXIII *inclusive*.

Isso era muito bom,

> si nous n'avions pas de juges à Berlin;

e se o soneto XXXIV do mesmo livro I (que julgamos escripto a ferias em Lisboa) não viesse vingar o offendido. N'elle nos declara finalmente o amador, que um *novo amor* o desatina (já era tempo!); que suspira pela hora em que de todo se ache livre das garras do amor antigo; e que pede ao *novo amor* forças para triumphar.

Este soneto é um respiro de desabafo.

> Grita-se a grandes vozes — liberdade! —

como elle proprio confessa no XLI; e Metastasio exclamaria:

> Ah! degli inganni tuoi
> Alfin respiro, o Nice!
> Alfin d'un infelice
> Ebber gli dei pietà!

Este inesperado amor veio salvar o poeta, e o leitor tambem, da monotonia dos queixumes lacrimosos. É caso de parabens!

O soneto XXXV, tambem escripto em Lisboa, é uma picardia amorosa, mesmo de namorado. Pois (ouvido o que lhe ouvimos!) não quer o ingenuo bacharelando persuadir-nos de que as suas lagrimas eram até ali fingidas? de que tingia o rosto em falsa pallidez? de que fazia reticen-

cias por estudo? de que as dores pintadas em seus versos eram artificio? de que as suas agonias amorosas eram só da bocca para fora? tudo para que? para convencer ao seu novo idolo de que só o seu sentimento actual é verdadeiro, puro, casto, e santo.

Olhae, meu doutor, que o direito da rabulice tem limites; isso agora é demais!

XIV

Prova-se ao poeta, que lhe custou a transição.

E para vos confundir, vamos a um esclarecimento.

Do soneto XXXIII para o XXXIV, isto é do primeiro amor para este segundo, houve algum intervallo; n'esse intervallo andastes vós mui cabisbaixo e amarrotado, dando-vos a perros, e lastimando-vos de veras. Não ha negal-o; argumentamos com provas; eil-as.

Na Egloga X, *Segadores*, dedicada ao Sr. D. Duarte, vem essa historia por miudos.

> No campo do Mondego, ao meio dia,
> dois segadores, Falcino e Sylvano,
> em quanto os outros jazem á sombra fria,
> no mais ardente sol de todo o anno
> elles sós cegam e cantam á porfia
> d'Amor; um seus bens canta, outro seu dano;
> arde o mundo, a cigarra só responde;
> Amor ora apparece, ora se esconde.

Inda d'aquella Nympha saudoso,
que no claro Mondego se banhava,

(Então é ou não é ella?)

e tanto tempo trouxe em vão queixoso
o pastor que Serrano se chamava,

(Serrano é o Ferreira; assim nol-o disfarçam varios passos das suas obras; as Eglogas I e III por exemplo)

que convertido em cisne, no amoroso
seu fogo ardente, o seu fim cantava;
inda a busca o Amor menhã e tarde;
ella o despreza, e em outro fogo arde.

Namorou-se o Amor dos seus amores
d'aquelle pastor triste, e fez-lhe guerra.
Quem viu tão desiguaes competidores?
Amor contra um pastor! fogo co'a terra!

Emfim choraram Nymphas e pastores
Serrano morto n'aquell' alta serra.
Ella o amor fugiu, que em vão a chama;
se em vão Serrano amou, e elle em vão ama.

Claro está pois que o nosso poeta padeceu muito antes de encontrar a salvadora; foi bom não deixar passar essa circumstancia despercebida.

Nos sonetos XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XXXIX, XL, XLI, escriptos, segundo parece, a ferias em Lisboa, insiste elle n'aquelles sabidos protestos ao seu novo *objecto*, desfazendo hoje, como villão, n'aquella mesma que hontem adorava.

. . . .

E no entretanto, acabaram como um sonho as ferias; chama-o de longe o sino das escolas.

Mala feita, cavallos tomados no Rocio ou no Borratem,

e abala! já não é galopar como á vinda para Lisboa; vai a passo, cabisbaixo e meditativo, com os olhos cheios de lagrimas.

(Recorda-te, leitor amigo, de que n'esse tempo, e por mais tres seculos, não havia este commodo mas prosaico e semsaborissimo caminho de ferro, que te vai pôr em poucas horas na ponte de Agua de Maias a dez minutos de Coimbra; nem sequer o caminho de ferro do Carregado, e a diligencia; nem mesmo o vapor até Villa-Nova da Rainha, e depois a cavalgada. Não senhor; nossos avós quinhentistas, e nossos paes ainda, uzaram do genuino macho de albardão multicor, de cobrejão traçado, de freio avivado, e estribo coberto; lenta mas pittoresca viajata de tres dias, que dava anecdotas e petas para uma vida inteira, como testifica a immortal *Macarronea* de Antonio Duarte Ferrão.)

XV

De Lisboa para Coimbra. — Chegada ao Mondego.

Na sua trabalhosa viagem acerta o cavalleiro andante de encontrar junto a si o *Tejo de areias de oiro*, n'algum corcovo que a estrada por esse Riba-Tejo ia serpeando. Lembra o Mincio, que entre os cannaviaes apparece a Lycidas e Mœris. O poeta detem o cavallo; e, meio impro visado, meio meditado, sae-lhe dos labios e do coração o soneto XLIII:

Tejo, triumphador do claro Oriente,
que Nilo e Ganges por senhor conhecem,
Tejo de areias de oiro, onde florescem
Pales, Pomona, e Flora eternamente;

tu levas, onde eu fico, tua corrente.
Se saudosas lagrimas merecem
(pois tanto co' ellas tuas aguas crecem)
piedade, em ti as recolhe brandamente.

E antes que ao mar pagues seu direito,
á dextra mão da tua praia um monte
com graciosa soberba se levanta.

Não será Lisboa? perguntamos nós; mas silencio; oiçamos.

Ali fiquei ao meu amor sujeito.
Ali tuas aguas parte, e mostra tanta
d'estes meus olhos, quanta da tua fonte.

O estudante é hyperbolico; pois não é? que lhe quereis, se está tão doente de coração!

Em alguma das forçadas estações que o nosso heroe mais o seu arrieiro iam fazendo por essa estrada fora até Coimbra, seria talvez escripto, no anterosto de algum livro companheiro inseparavel, ou no sobejo de alguma conta de estalagem, o soneto XLIV.

Os dias conto; e cada hora e momento
que alongando-me vou dos meus amores,
nas arvores, nas pedras, hervas, flores,
parece que acho mágua e sentimento.

As aves, que no ar voam, o sol e o vento,
montes, rios, e gados, e pastores,
as estradas, e os campos, mostram as dores
da minha saudade e apartamento.

E o soneto XLV! ah! transcrevamol-o todo, que esse é admiravel; a analyse não se farta de esquadrinhar n'elle, a travez das suas silvas, lindezas de sentimento. Oiçam, oiçam. Encostado á meza da estalagem afumada onde se recolheu por essa noite, contempla elle com olhos mortiços a labareda da grande lareira, e todo se entrega a saudades. Oiçamol-o, que murmura estas sentidissimas querelas:

Aquelles olhos, que eu deixei chorando,
cujas formosas lagrimas bebia
Amor co' as suas tendo companhia,
ante os meus se me vão representando.

Os saudosos suspiros, que arrancando
duas almas, em que hũa troca amor fazia,
que a que ficava era a que partia,
e a que ia a ficava acompanhando;

aquellas brandas, mal pronunciadas
palavras da saudosa despedida,
entre lagrimas rotas e quebradas,

e aquellas alegrias esperadas
da boa tornada, já antes da partída...
vivas as trago, não representadas!

Digam: apesar das suas incorrecções, não é este soneto um verdadeiro suspiro d'alma?

Aquelles olhos que deixei chorando!

. . . .

Aquellas brandas mal pronunciadas
palavras da saudosa despedida!

. . . .

Aquellas alegrias esperadas
da boa tornada já antes da partída!

Não são tudo isso lampejos de grande talento?

Mas... ao cabo da jornada, eis Coimbra! a formosa Coimbra reclinada nos verdes alegrissimos oiteiros! lá estão as suas torres, os seus arcos, os seus corucheos, os seus choupaes! Não vos parece vel-o chegado ao alto da montanha opposta, descobrir-se, e bradar n'um impeto de enthusiasmo:

A ti torno, Mondego, claro rio,
com outr' alma, outros olhos, outra vida!
Que foi de tanta lagrima perdida,
quanta em ti me levou um desvario,

quando eu co' o rosto descorado e frio
soltava a voz chorosa e nunca ouvida
d'aquella mais que serra endurecida,
a cuja lembrança inda tremo e esfrio?

Doce engano de Amor, que me escondia,
debaixo das vãs sombras que passaram,
outro ditoso fim, qu'alma já via!

Já á minha noite amanheceu um dia!
já rim os olhos que tanto choraram!
já reponso em boa paz, boa alegria!

Em Coimbra escreve o poeta os sonetos XLVII, XLVIII, e XLIX. Este XLIX pinta as miragens da saudade, que figura presente aos olhos do amante aquella por quem elle chora e ruge.

O L figura-se-nos escripto outra vez em Lisboa n'outras ferias. Resta-nos uma duvida porém. *Meu rio* deve ser o Tejo. *Marilia* é ella, como veremos adiante. Os dois tercetos, no emtanto, pedem ao Tejo que as saudosas lagrimas, que o amante recolhe n'uma urna de crystal, como nos vasos lacrimatorios antigos, as leve a mais branca

Nympha do mesmo Tejo, remontando a veia do rio, e as deponha nas brancas maõs de Marilia.

Que as lagrimas saudosas que derramo
n'um vidro de crystal, contra corrente
que trazes mandes lá á tua fresca praia,

e a mais branca tua Nympha as apresente
nas brancas mãos de quem me ama, e amo.
. . . .

Visto que estamos a romancear conjecturas, que outra coisa não podemos, supponhamos que bem poderia Marilia viver n'algum dos sitios orientaes de Lisboa, em quanto o nosso poeta habitasse mais para a banda da barra.

É até provavel que para sua residencia escolhesse algum bairro apartado. Na Carta IV do Livro II, escripta em Lisboa, já depois de formado, tem elle estes versos:

Mora um lá fora alem do grão Vicente;
outro cá na Esperança.

Era indifferente pôr *lá* ou *cá*; preferiu *cá*, porque provavelmente habitaria nas cercanias do novo convento da Esperança, bairro então deserto e suburbano, ao poente da Lisboa velha, a qual terminava onde hoje é o Loureto, e o Corpo Santo.

Tudo isto serão minucias pueris para alguns; quantas vezes porém indicios vagos não têem encaminhado subsequentes indagações, e preparado interessantes descobrimentos?

XVI

Conjectura sobre a familia da primeira amante. — Os Serras de Coimbra.

Bom seria podermos determinar quem fosse por geração a primeira das duas mulheres que enfeitiçaram o poeta. Infelizmente só uma suspeita nos é dado offerecer ao leitor. Virá talvez um dia alguma prova; entretanto, ponhamos-lhe o alicerce da conjectura.

No soneto VIII do Livro I repete o poeta seis vezes a phrase *se erra* (*se erra minh'alma*, *se erra meu amor*, *se erra meu sprito*, *etc.*); o forçado do sentido mostra que ha intenção n'essa repetição; e a apostrophe, que muda *se erra* em *serra* lá o confirma. Muito bem; o poeta repetiu de proposito seis vezes a palavra *serra*; mas que significará *serra?*

No soneto XIII tem o poeta este verso e meio:

> Aquelle sol fermoso, que na Serra
> me soe amanhecer.

Note-se que serra está com S grande.

No soneto XXII torna outra vez:

> Eu como abrandarei hua dura Serra?

com S grande não menos.

No soneto XLVI exclama o autor já de volta para Coimbra, já todo cheio do seu segundo amor, mas referindo-se de passagem ao primeiro:

. . . a voz chorosa e nunca ouvida
d'aquella mais que Serra endurecida;

e tambem vem o S grande.

No soneto XLIX allude ás *altas serras*.

No soneto LVII, dedicado á segunda amante, vem isto:

Cançam os olhos; fica só o desejo
entre altas serras, onde deixo escrito
em cada pedra ou tronco o vosso nome.

Aqui porem vem s pequeno.

No ode VII do Livro I diz a Manuel de Sampayo:

. . . onde soliam
meus olhos de uma Serra
ver com desprezo o mundo;

com S grande.

Pensamos pois, movidos de taes indicios, que esta intencional palavra, e esta intencional graphia estão significando um appellido; e inclinamo-nos a isso, até porque havia em Coimbra (onde o autor se achava) uma familia nobre e antiga, Moraes da Serra[1], extincta em 5 de Agosto de 1833 no seu ultimo representante Francisco de Abreu e Lima de Moraes.

A final, é um jogo de palavras (d'estes a que em francez se chama *calembour*), que lembra o que Petrarcha fazia ao nome de *Laura*, trocando-o muita vez por desfarce em *l'aura;* como n'este verso (entre duzias d'elles, em que

[1] Pode ver-se a genealogia e heraldica d'essa familia na *Nobiliarchia Conimbricense*, do muito instruido escriptor o Snr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque. Coimbra, 1861.

entra *L'aura celeste*, *L'aura soave*, *L'aura serena*, *L'aura gentil*):

> E' l'aura mia vital da me partita.

Em Petrarca a palavra *aura* tornou-se bordão, prova evidente de que entrava com segundo sentido, como em Ferreira a palavra *serra*.

Frequentes vezes toma Ferreira para si, e lhe dão os contemporaneos, o cryptonymo arcadico de *Serrano*, que outra coisa não pode ser senão allusão ao mesmo nome[1].

Mais: a Egloga I parece envolver outra edição da mesma historia de amores, sob uma allegoria transparente. Diz o autor que um *serrano* (aqui deixa de ser nome proprio) a poder de chorar fizera de suas lagrimas uma fonte; e que esse mesmo serrano era um pastor portuguez, que se perdera n'uma alta *serra*, etc.

> Aquella fonte antigua, que um serrano
> fez de lagrimas suas (que antes era
> um grã penedo duro), Lusitano
> pastor, que n'uma serra se perdera:
> (segundo contam) fez-lhe tal engano
> Amor, que n'esta fonte o convertera.
> O corpo em agua ali ficou desfeito;
> do esprito não se sabe bem que é feito.
>
> A agua d'esta fonte vai chorando.
> A quem deixa esquecer o esprito n'ella
> parece que por Lesbia vai chamando.

Lesbia aqui será allusivo a Lisboa, isto é ao sitio onde mora o seu segundo amor?

[1] Vide Egl. I, III, X, XII.

Continua o pastor a conservar-se junto da fonte, e diz que os amigos o visitam e o consolam na sua dôr :

Como á sagrada fonte ali cada hora
os pastores vão ter; este suspira,
este tange, outro canta, o outro chora.

Entre esses pastores diz-lhe Castilio :

Levanta-te! levanta-te! quizera
que te vira tua Lesbia qual estás,
a ver se a morte ou sua mão te dera.

Emfim, veem as tres deusas, Juno, Pallas, e Venus, e diz o autor :

Mas Venus...
temendo as mores deusas, a hua Serra
se foi, etc....

Outra vez a palavra favorita, e outra vez com S grande. Não será outra allusão á tal primeira amante, como quem diz que só n'ella era Venus digna de habitar?

Depois isto :

Quanto cada uma de nós todas tem,
juntemol-o aqui n'esta tua Serra;
d'aqui só mandaremos toda a terra.

A mesma palavra, e a mesma maiuscula.

Depois na egloga x :

Serrano morto n'aquell' alta serra.

Para meras coincidencias parece-nos de mais. Aqui houve proposito firme.

Registemos isto, e possa um dia a historia esclarecer o pônto. De um grande homem até estas minucias interessam.

XVII

Retrato de Marilia, segunda amante do poeta. — Os Pimenteis de Torres Novas.

Se podessemos agora collocar defronte do primeiro retrato da coimbrã, o da segunda e melhor inspiradora do nosso poeta! Faltam-nos algumas tintas. Experimentemos ainda assim.

É loira, como era a primeira (Son. XL); muito formosa (Son. XXXVII e XLII); olhos negros, e tez branca :

> . . . Da branca Marilia a formosura,
> negra nos olhos, negra nas pestanas.
> (Egl. VII.)

um anjo de bondade; e até

> exemplo de santissimos costumes.
> (Son. XXXVII.)

Chama-se Maria (Marilia poeticamente) (Son. L); e em sobre a sua vencida rival uma primazia sem preço para um homem de engenho e talento como o seu illustre Petrarcha : a discrição, a instrucção, o raro saber (Son. XXXVII).

Já não são essas as palavras apaixonadas de mocidade,

com que a primeira amante era cantada; são phrases mais sobrias, mais castas, e mais altas. Aquella era uma nayade do Mondego; mas esta é um seraphim. É toda modestia, toda graça, toda coração. Arrebata com o seu fallar discreto e grave, mas interessa não menos com *o seu calar tão cheio de entendimento*, como diz o Fabiano dos Vilhalpandos.

Eis tudo quanto da sua pessoa nos resta. É pouco, e é muito; e é muitissimo. Demos os emboras ao poeta por esta companheira que o ceo lhe deparou, e perguntemos com o Leonardo do Bristo : — « Quem negará que se quiz a natureza esmerar n'ella mais que em todas[1]? »

Quanto ao nascimento d'esta senhora,

dos claros Pimenteis planta ditosa

a chama o Ferreira[2].

Pertencia pois a essa estirpe, oriunda de Galliza, e tão antiga que os genealogistas de melhor telescopio cuidavam entre a cerração dos tempos enchergar-lhe o fio na linhagem romana da *gens Pimentaria*. Desde os primeiros tempos da monarchia se trasladaram a Portugal os Pimenteis de Galliza[3], e floresceram cá em armas e lettras, como as chronicas o attestam.

Nascèu a amante do nosso quinhentista nas margens do rio Almonda, isto é, segundo podemos entender, em Torres Novas, onde os Pimenteis tinham casa vincular[4],

[1] Bristo, act. II, sc. VI.
[2] Epitaphio XVIII.
[3] Nobil. de Villas Boas, e outros.
[4] Alem dos Pimenteis, menciona o *Padre Carvalho na Chorographia* (tom. III, p. 283) outras familias nobres de Torres Novas, com os appellidos de Pimentas, Avillezes, Mesquitas, Gouvêas, Vasconcellos, Barretos, e Mellos.

instituida por D. João Rodrigues Pimentel, Mestre da Ordem de Aviz e representada hoje pelo meu bom amigo o Conde de Nova Gôa, D. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu.

Ha em Torres Novas um sitio pertencente a esta casa, e chamado Moinhos dos Pimenteis.

Nascida em Torres Novas, ahi passou D. Maria Pimentel, a sua meninice, segundo diz Antonio Ferreira no seu soneto I do livro II:

> Nymphas do claro Almonda, em cujo seio
> nasceu, e se criou, etc.

Talvez porém começassem os amores em Lisboa.

Na mencionada villa talvez, celebrou o poeta o seu casamento, se não é querer interpretar forçadamente dois versos do supracitado soneto.

> Nymphas, que tão pouco ha que os bons amores
> nossos cantastes, cheias de alegria.

Este *Nymphas* refere-se ás do rio Almonda. Ora é possivel que estas *Nymphas* cantando *os bons amores* do poeta signifiquem o que de passagem apontámos.

Outra sombra de inducção temos para isto: ha nas genealogias de Manço de Lima uns Varellas (de Torres Novas) entroncados com os Mellos Mogos (familia que ainda subsiste). Entroncaram-se tambem pelo meio do seculo XVI com os Mellos Mogos os Froes de Brito. Ora como vimos no capitulo II d'esta obra, d'essas familias de Varellas e Froes provinha a mãe de Antonio Ferreira. Estamos pois a pressentir, por sob esta urdidura genealogica, as relações de tal ou qual intimidade, que com esses seus parentes das margens do Almonda tivesse o poeta; e não

custará a crer que em casa d'elles, quer em Torres Novas, quer em Lisboa, encontrasse Maria Pimentel, e que em Torres Novas mesmo a desposasse.

Da elegia III de Caminha se deprehende claramente que o Ferreira tinha dedicado varios versos a sua mulher, durante a vida d'ella, pois se lê este terceto :

> Aquella, que com grande amor e espanto
> de quanto vias n'ella, assi serviste
> co'a vida, engenho, e co'o amoroso canto.

Accrescentemos emfim, como curiosidade, que entre os Mellos Mogos não faltaram pessoas de boas lettras, doutores, desembargadores, poetas, e até poetisas; como por exemplo : o doutor Manuel Mogo de Mello, desembargador; seu filho João de Mello Mogo, muito perito nas linguas latína, grega, franceza, e na poesia; a bem conhecida D. Bernarda Ferreira de Lacerda, autora das *Soledades do Buçaco;* Manuel Mogo de Mello e Carrilho, muito instruido em arithmetica e geometria, a ponto de ser n'esses assumptos consultado, e autor de um tratado inedito de arithmetica; e eram finalmente do mesmo sangue as illustres irmãs Sigêas, que tanto brado deram pelo seculo XVI nas Academias poeticas do paço real. De Angela Sigêa (se bem nos recordamos) existia ainda no tempo do erudito autor da corographia portugueza um retrato a oleo na casa de João de Mello Carrilho de Velasco, representante d'esses Morgados.

XVIII

Garcia Froes Ferreira irmaõ do poeta.

Não é só pelo lado do amor que nos apparece enthusiasta o coração do lisboeta Antonio Ferreira : o quinhão da amizade é tambem avantajado.

N'um dos seguintes capitulos havemos de apresentar a galeria dos amigos do notavel escriptor. Limitemo-nos n'este a fallar-lhe de Garcia Froes Ferreira.

Pouco sabemos d'elle, a não ser que militou, e embarcou ; e ainda assim, interessante nol-o tornam as phrases de tanta doçura e amizade com que na despedida para longes mares o sauda seu irmão.

. . . Meu irmão, metade
da minha alma...

lhe chama elle.

É na ode vi do livro I que o poeta invoca a nau da armada em que ia o militar, pedindo-lhe que sem demora restitua aos braços da familla o moço, cujo ousado espirito o impellia á faina aventurosa dos mares. D'essa ode, recordação erudita de Horacio, pouco ou nada se deprehende do caracter e vida do celebrado. A egloga viii porém nos ministra mais alguns pormenores.

Por ella sabemos que Garcia Froes (embuçado pelo poeta no nome pastoril de Floris) amava uma *Lidia*, que morava em Lisboa, e que muitas lagrimas verteu na hora do apartamento.

A pintura que nos fazem os primeiros versos da egloga é tão frisante, que não podemos eximir-nos a cital-os ao leitor:

Lá onde o claro Tejo a praia lava,
rica das brancas conchas d'Oriente,
já seus cabellos n'agua o sol molhava;

quando, seguindo Amor, fugindo a gente,
d'um alto que o mar longe descobria
té onde o Tejo perde sua corrente,

Lidia co'os olhos, triste, em vão seguia
(quanto a vista alcançava) a nao ligeira
que co'o seu Floris desapparecia.

. . . .

É tudo que nos resta da indecisa e vaga personalidade de Garcia Froes Ferreira: chorado pela amante, chorado pelo irmão. Esses mesmos mal distinctos lineamentos do seu retrato, não quizemos deixar de os entregar, como curiosidade historica, nas mãos de quem ler, com amor de antiquario, estas pobres paginas.

XIX

Visita aos Sás de Menezes na sua casa do Porto. — João Rodrigues de Sá; a sua estirpe; os seus feitos; a sua descendencia. — Toma Antonio Ferreira o grau de Bacharel em Canones. — Os seus condiscipulos.

N'umas ferias, ou n'outra occasião qualquer, foi elle até ao Porto visitar os seus bons amigos Sás de Menezes,

que lá residiam nos seus morgados. Quereis conhecel-os? entrae comigo.

Temos primeiro o pae, o venerando João Rodrigues de Sá e Menezes,

dos nossos Sás Colonezes[1]
grão tronco, nobre columna,
grosso ramo dos Menezes[2]

[1] Seu quarto avô Rodrigo Annes de Sá, Alcaide mór de Gaya, e Embaixador a Roma, casou-se lá, em tempo d'El-Rei D. Fernando, com Cecilia Colonna, do illustre sangue d'esse appellido, e nada menos que vigesima terceira neta do antigo romano Caio Mario. A columna dos Colonnas superposta ao enxaquetado dos Sás ainda hoje testifica na descendencia essa alliança. Por isso chama o Miranda a esses Sás Colonezes; e o proprio João Rodrigues de Sá e Menezes dizia da sua nobre estirpe, nas suas conhecidas *Quintilhas* aos brazões de Portugal:

Nos escaques celestriaes
e de prata está mostrado
o muito nobre e honrado
e por batalhas reaes
sangue de Sá derramado,
com que o romão columnez
se misturou d'atravez,
cada um de grão primor,
forte, leal, sem temor,
em combates e galés.

Cancion. de Res., ediç. de 1516, pag. cxvi.

[2] O sangue dos Menezes proveio á casa dos Sás de um morgado, que ao pae do nosso João Rodrigues de Sá e Menezes deixou a avó materna do mesmo seu pae D. Aldonça de Menezes, filha do Conde de Vianna D. Pedro de Menezes.

Dos Menezes do seu sangue dizia tambem João Rodrigues de Sá nas suas *Quarenta e nove quintilhas.*

Vem nos doirados pavezes
limpos de toda a mistura
a real progenitura
nos senhores de Menezes
de Ordonho rei, que inda dura;
cuja linhagem real,
que por muitas rasões val,
mette dentro em sua rede
Villa-Real, Cantanhede,
o Prior do Sprital.

Cancion. de Res., ediç. de 1516, pag. cxv.

como lhe chamava Sá de Miranda[1], seu parente[2]; e

> antigo pae das Muzas d'esta terra,
> illustre geração forte e prudente,
> igual sempre na paz, igual na guerra,

como d'elle dizia Ferreira, seu enthusiasta, e intimo de seus filhos[3].

Vivia desde muito retirado da côrte n'uma sua quinta o bom fidalgo, conversando com os seus autores validos, e revendo-se em filhos, noras, e netos, que lhe rodeavam cheios de viço a cadeira patriarchal.

A este representante das eras passadas dirigia por este tempo, mais ou menos, a sua carta VI do livro I o nosso Antonio Ferreira. Não se pode fazer conceito mais alto de um varão, do que essa carta o exprime do bom Sá de Menezes; e até desbastando muito no que ahi influiu a amizade, a cortezia, a moda, a emphase poetica, e o pendor de Ferreira para o encomio, assim mesmo fica avultando o heroe dos versos como um d'esses typos varonís e nestorianos do Portugal velho, perante os quaes ninguem passará sem inclinar-se. Lêde tambem as quintilhas, tão portuguezas, e tanto á Miranda, que dedicava ao nobre Rodrigues de Sá o amavel Pero de Andrade na sua epistola XXII.

Lede essas obrinhas preciosas, e augmentarão na vossa craveira moral o louvado e os louvadores.

Nascera João Rodrigues de Sá no anno de 1461, e veio

[1] Carta IV.

[2] Ambos eram da mesma nobre estirpe; bisneto Francisco de Sá, trineto João Rodrigues, do celebre senhor das Galés, que tanto se illustrou em tempo do nosso rei *de boa memoria* contra o real homonymo castelhano do mesmo principe.

[3] Cart., l. I, VI.

a fallecer (se é certo) na invejavel idade de cento e quinze annos em 1576; pelo que lhe chamam os genealogistas *o velho*. Era alcaide mór do Porto, Senhor de Sever, Mattosinhos, Paiva, Baltar, e do Conselho d'El-Rei. Foi tres vezes embaixador; sendo duas por El-Rei Dom Manuel: a primeira vez a D. Fernando o Catholico, então enfermo do mal que o havia de levar á sepultura; da segunda vez acompanhou a Saboya a Infanta D. Beatriz; da terceira vez foi por El-Rei D. João III enviado ao Imperador Carlos V para tratar do casamento da princeza D. Joanna nora do nosso monarcha.

Pelas armas se immortalisou João Rodrigues em Arzilla e Azamor.

Pelas lettras ganhou no seu tempo boa fama, que hoje porém difficilmente poderá aguentar-se; fez (segundo Barbosa[1]) varias observações a Virgilio; traduziu em redondilhas algumas Heroides de Ovidio, que lá veem no Cancioneiro; escreveu doutos commentarios a Homero, Pindaro, e Anacreonte, e traduziu o que quer que fosse de Tibullo, e lá o inseriu (além de outras bagatelas) no bazar de Garcia de Resende.

Foi ascendente da nobre casa dos Condes de Penaguião, Marquezes de Fontes, hoje de Abrantes. Foi casado com D. Camilla de Noronha, filha de D. Martinho de Castello Branco primeiro Conde de Villa-Nova de Portimão; e foi pae de Antonio de Sá de Menezes herdeiro do morgadio, e mais de Francisco de Sá de Menezes, aio e camareiro mór do Principe D. João (de quem logo fallaremos); de Sebastião de Sá, de Pantaleão de Sá, de D. Ignez de Noronha, casada com D. João de Lima, Visconde de Villa-

[1] *Bibl. Lusit.*, art. *João Rodrigues de Sá e Menezes.*

Nova de Cerveira, e de D. Maria de Menezes, casada com Diogo da Silveira, segundo Conde da Sortelha.

Os dois mais velhos, Antonio e Francisco, eram intimos amigos do nosso Ferreira, e com elle se cartearam em verso mais de uma vez.

Nos lares d'esta boa e nobre gente conjecturamos que iria de visita o poeta; e que ahi, na hospedagem entre os Sás, recordasse elle não ver n'aquella casa alguem, que muito de perto interessava aos seus moradores.

Eis o soneto LII do livro I:

Alegra-me, e entristece a Real cidade
que o Douro rega, e meus Sás ennobrecem
co'as armas e tropheos, que resplandecem,
e resplandecerão em toda idade.

Isto me alegra. E faz-me saudade
ver a ditosa terra, em que apparecem
as raizes de hua planta, em que florecem
fermosura, saber, e alta bondade.

Aqui o tronco nasceu, que em toda parte
deu gloriosos ramos de honra, e gloria,
nas armas, e esquadrões do fero Marte.

E por mais se illustrar sua clara historia,
d'aqui nasceu hua dama, em que tod'arte
o Ceo poz, eu vontade, alma, e memoria.

Analysemos. A cidade do Porto alegra-o, e entristece-o ao mesmo tempo. Alegra-o, porque se vê entre amigos como os Sás, familia cuja illustração brilha e brilhará sempre. E entristece-o, e (*sic*) faz-lhe *saudade* ver aquella terra, onde lhe apparece a raiz de uma planta formosa e boa, que elle conheceu; isto é, onde lhe apparece o pae de uma senhora formosa, instruida e boa;

formosura, saber, e alta bondade.

No Porto nasceu João Rodrigues de Sá, já tão illustre por armas, e ainda mais por d'elle provir aquella dama, sua filha, em quem o poeta confessa ter posto *vontade, alma, e memoria.*

Muito bem; mas que significa a *saudade* do verso 5°? ausencia da pessoa celebrada; e a *memoria* do verso 14°? a mesma coisa. Logo, a dama faltava ali; e faltava porque?

Conjecturámos primeiro que estaria morta; oppoz-se porém a essa idéa o *florescem* do verso 7°, que indica existencia. A visita pois do nosso poeta não era de pezames.

Duas filhas tinha, como vimos, João Rodrigues: D. Ignez, e D. Maria. Ambas casaram; ambas deixaram, pelo seu novo estado, a casa paterna. Provavelmente foi este soneto escripto ou depois do casamento da Viscondessa D. Ignez, ou depois do da Condessa D. Maria. Não sabemos qual das duas precedeu a sua irmã.

Concluamos o presente capitulo depois d'esta digressão, accrescentando que em 16 de Julho de 1551 fez Antonio Ferreira o seu exame para Bacharel em Canones, tomando o grau no mesmo dia. Tinhamol-o bacharelado aos vinte e tres annos.

Entre os treze condiscipulos que n'este mesmo anno tomaram o grau juntamente com elle não encontramos porém os amigos intimos, de que tanta vez nos fallam as suas obras. Aqui vai o rol dos bacharelados:

1° Diogo Affonso, de Traz-os-Montes.
2° Gonçalo Dias de Carvalho, de Guimarães.
3° Luiz Lourenço, de Lisboa.
4° Aleixo Dias, de Lisboa.

5° Antonio do Prado, de Mezão frio.
6° Diogo Madeira, de Lisboa.
7° Leonardo Borges, da villa de Chaves.
8° Gonçalo Nunes Dias, da villa de Grandola.
9° Antonio Ferreira, de Lisboa.
10° Jorge Pinto, do Porto.
11° Eitor Rodrigues de Araujo, de Avessadas, junto da villa de Canavezes.
12° Francisco de Magalhães, de Coimbra.
13° Manuel de Sampaio, de Lisboa.
14° Manuel Francisco, de Beja.

XX

Continuam as relações do poeta com os Sás de Menezes. — D. Angela de Noronha. — Seu fallecimento.

Vimos no capitulo precedente quanto eram estreitas as relações de Antonio Ferreira com a familia do venerando Alcaide mór do Porto. Essa intimidade nos explicará outro soneto e dois epitaphios do mesmo poeta.

Hesitámos se os dois epitaphios a D. Angela de Noronha celebrariam amores do nosso apaixonado sonetista. Para logo porém nos desenganaram algumas conclusões que tirámos da attenta observação dos ditos epitaphios, e da sua comparação com o soneto XXII do livro II.

Os epitaphios não têem a lugubre verdade e o profundo sentimento que ditaram os versos, em que o nosso autor

lamenta as suas grandes maguas proprias; não brotam lacrimosos e espontaneos, como tantos sonetos do livro II, ou como o epitaphio de Maria Pimentel; e depois, o mencionado soneto XXII veio comprovar-nos as relações de respeitosa amizade e não de amor, que ligavam a D. Angela de Noronha o amante de Maria Pimentel.

Vejamos se, com os mesmos argumentos que em nós actuaram, podemos levar o convencimento ao espirito do leitor.

Diz-nos uma voz intima que D. Angela, celebrada por Ferreira em dois epitaphios e um soneto, e por Bernardes n'um epitaphio e n'uma canção, devia ter estreito parentesco com a casa dos Sás de Menezes.

Aqui vão as inducções (não nos atrevemos a chamar-lhes provas):

Diz no primeiro epitaphio o Ferreira:

> Aqui d'hua parte o Douro, d'outra o Lima
> Angela choram, seu prazer e gloria.

Note-se: o Douro, e o Lima.

Diz Bernardes na sua canção:

> Isto dizem chorando Minho e Douro,
> isto o triste Lima diz chorando;

Note-se: o Minho e o Douro; e mais adiante:

> Canção, em vivas lagrimas nascida,
> n'ellas banhada, vai onde recolhe
> o mar o Douro em si, que lá te mando.

O que tudo significa ter D. Angela habitado e fallecido no Porto, mas pertencer a alguma casa das margens do Lima e do rio Minho (visivelmente a do Visconde de Villa Nova

de Cerveira). Esta segunda hypothese é confirmada por ser Bernardes o cantor d'esta finada.

Além d'isso, outro soneto do Ferreira (o referido XXII do livro II) é dedicado a um *Antonio*, marido da defunta, e termina :

> Nós viva entre Anjos Angela cantemos.

A esse mesmo Antonio allude Bernardes dizendo á sua canção :

> Vai triste, e mal composta ; ninguem te olhe,
> até seres de Antonio recebida.

Ora um Antonio, illustre por sangue, alliado a um sangue notavel do Minho, amigo d'estes poetas, e residindo no Porto, é muito provavelmente, é quasi com certeza, Antonio de Sá de Menezes.

Além d'essas probabilidades, temos pelas genealogias a certeza de ter Antonio de Sá de Menezes casado com uma senhora Noronha, da casa do Visconde de Villa Nova de Cerveira ; esta senhora é por uns chamada D. Ignez de Noronha, por outros D. Beatriz de Noronha ; essa mesma confusão é mais um indicio em nosso favor ; é uma prova mais : ou de que os genealogistas erravam o nome de *D. Angela*, pouco vulgar em Portugal, ou de que confundiam esta senhora com sua cunhada a Viscondessa D. Ignez de Noronha.

Os Sás tinham com os Limas a maior intimidade e parentesco. O velho João Rodrigues de Sá quando enviuvou de D. Camilla, casou com D. Catherina de Lima filha do terceiro Visconde D. Francisco de Lima ; e Antonio de Sá casou, como vimos, com outra filha do mesmo Visconde D. Francisco, vindo a ficar cunhado de seu pae ;

sendo já uma filha de João Rodrigues, D. Ignez, a mulher do Visconde D. João de Lima.

Fica pois demonstrado que esta D. Angela de Noronha não podia ser outra senão a mulher de um dos amigos de Antonio Ferreira, Antonio de Sá de Menezes.

XXI

Casamento do Principe D. João. — Epithalamios.

Celebrou Lisboa com pompa nunca vista (Dezembro de 1552), com um tempo de verdadeiro Abril (como Ferreira o diz na Egloga I[1]), as bodas do Principe D. João com a Princeza D. Joanna filha do grande Imperador Carlos V, o mais poderoso senhor de christãos.

Á segunda feira 5 d'aquelle mez, viu-se desde as nove horas da manhã o estranho alvoroço, com que o Tejo, coalhado de um cardume de vistosos bergantins de todas as cores, de todos os tamanhos, e de tão variados feitios, que até alguns fingiam cavallos marinhos, grifos, castellos empavesados, e mil outras galantes invenções, festejava na sua esplendida bacia de Lisboa ao Barreiro a imperial e real recem-chegada.

Troam os foguetes e as bombardas; repicam os sinos

[1] Assi tambem o ceo vem festejando,
que Dezembro em Abril fez ir mudando.

de todos os mosteiros ; e entre o tanger dos mais suaves instrumentos ella lá vem, a noiva, deslizando sobre o espelho das aguas, ao lado do seu regio Sogro, entre as damas, e os principaes senhores dos dois reinos! Ella lá vem, atonita da formosura da nossa acastellada cidade, esperada e namorada de milhares de olhos! Ella lá chega!... E entretanto, nas varandas da Ribeira alguem mais que todos a está chamando, de olhos fitos no mar ; e na sua juvenil impaciencia chega mil vezes, e mil vezes se debruça o radioso noivo.

É ler em Barbosa Machado[1], e melhor em Menezes[2], a circumstanciada narração e descripção dos preliminares politicos do casamento, e das festas religiosas, cortesãs, e populares, que o celebraram em Lisboa e n'outras partes. Não cabem n'este logar transcripções ; áquelles chronistas enviamos o leitor, fiando-lhe (se os não conhece) que não tem de arrepender-se.

No meio de tantas e tão sinceras alegrias, com que o reino, sempre bom vassallo, vaticinava este consorcio, verdadeiro negocio de estado, e ultimo fiador de uma grande dynastia, não deixaram as lyras de ressoar tambem, como expressão mais pura do sentimento nacional ; e entre os poetas, concorreu ás festas de um tal noivado o juvenil Bacharel Antonio Ferreira, dedicando aos augustos desposados o seu epithalamio na ode II do livro I.

Não parou n'esta demonstração : a Egloga I que o diga, a celebre *Archigamia*, de que são interlocutores Castilio e Serrano. É essa das mais graciosas coisas do autor ; cheia de poesia e graça espontanea.

Lêde-a, amigo leitor, nos excerptos que vos damos, e

[1] Diogo Barb. Mach., *Mem. para a Hist. d'El-Rei D. Seb.*, t. I.
[2] D. Man. de Men., *Chr. d'El-Rei D. Seb.*, cap. I, II, III. IV, V.

dizei se não se adivinha em muitos dos trechos d'este opusculo uma instinctiva e muito vaga imitação do arrabil melancolico de um Bernardim Ribeiro, e de um Gil Vicente. Se, assim como são decassyllabos, fossem settissyllabos rimados á moda do velho Gil, quantas estrophes não teriamos ahi, rescendentes ás rosas silvestres, e urzes, e paschoinhas d'aquella cordilheira phenomenal!

Tentámos (e pode qualquer tental-o para seu estudo e seu convencimento) traduzir alguns fragmentos d'esta Egloga para o tom e maneira de Bernardim. Não conseguimos todo o effeito, de certo; mas alguma coisa conseguimos, segundo o voto de entendedores. Era um prazer achar sob o terreno de alluvião o antigo solo; desenterrar a fórma genuina atravez do italianismo do verso heroico. E saía tudo tão natural e tão portuguez! Se não temessemos abusar, aqui transcreveriamos essa tentativa; e assim veria o leitor, quanto o settissyllabo, já tão feito ao ouvido popular, e tão querido ainda hoje ao nosso povo, corre fluente, e de molde para aquelle genero de innocencia arcadica. O hendecassyllabo, mais duro, mais senhoril, mais epico, e ainda não ensinado na alta escola do Pégaso, parece ali emprestado, e morde o freio, apertando o passo como pode.

E em quanto assim prova a mão o nosso poetico Bacharel para obras litterarias de maior vulto, vai ao mesmo tempo, desde o principio de Outubro de 1551, continuando os estudos, *ouvindo de Canones e Leis*, em tres cursos.

Lá veremos depois como o exito corresponde ás suas diligencias.

XXII

Fallecimento do Principe D. João. — Epicedios

Mas voltemos á historia d'aquelles tempos tenebrosos.

Estava-se no cume da alegria: o Principe herdeiro ia ser pae. Já a Princeza ia adiantada na gravidez; e a familia real e o povo viam emfim coroadas pela Providencia tantas esperanças e orações.

Um dia adoece o Principe; começa a definhar, exhausto de forças, e a baldar todos os soccorros dos physicos. O mal crescia como um incendio; e não o podiam atalhar. Se não se haviam de empenhar tudo e todos, para salvar aquella existencia preciosa, ultimo fio de uma tal raça, ultima cabeça, que depois da morte de nove filhos varões d'El-Rei D. Manuel, e cinco d'El-Rei D. João, representava a varonia[1]!

Morava o Principe n'uma casa de um tal Alvaro Peres de Andrade, junto ao *Arco dos pregos*, que era uma das portas que da Rua Nova communicavam para o Terreiro, e que ficava entre a *Porta da moeda*, e a *dos Barretes*. Tinha communicação por dentro com o Paço real. Não passava uma hora sem que El-Rei D. João visitasse mil vezes cheio de afflicção e anciedade o filho estremecido;

[1] Extincto o Principe, passavam os direitos para seu primo o Senhor D. Duarte, filho dos Infantes D. Duarte e D. Izabel; ahi quebrava-se de novo o fio, passando os direitos para a Senhora Duqueza de Bragança D. Catherina, irmã do mesmo Senhor D. Duarte, e por cuja linha adveio a corôa á Serenissima Casa que hoje rege este paiz.

a côrte acompanhava-o em tanta dôr, sinceramente aterrada com o imprevisto da enfermidade.

Quando a viram sem cura, pensou-se logo em afastar do pé do leito do Principe a sua joven companheira, e illudida a levaram para longe, alimentando-a de esperanças que ninguem podia ter. A 2 de Janeiro de 1554 acabou de penar o moribundo; no seio da Real Familia caíu o raio no verdadeiro Marcello d'aquella casa. Oh! nós outros bem sabemos o que doem á nação estas mortes prematuras; todos nós ainda pranteamos o outro Marcello : o santo Pedro V.

. . . .

A princeza, inda não mãe e já viuva, continuou porém, barbaramente illudida de todos, a viver de esperanças! Trocavam-se na presença d'ella as lagrimas em risos, fingidos risos que ella mais de uma vez creu perceber, mas que a tiveram (como Deus é bom!) perplexa mais dezoito dias, e enganada entre um sim, e um não.

Prohibiram-se os dobres, e o saimento fez-se de noite e sem pompa até Belem.

A morte de um tal adolescente encheu de luto o paiz todo. Mas a Princeza trazia no seio, occulto ainda, o grande penhor, o herdeiro, o representante da monarchia; e dezasseis dias depois da morte do pae, nascia o Desejado!

Entre o cerrado do ceo entremostrava o sol um sorriso pallido. Esse mesmo foi para todos de pouca alegria, mas de grande consolação.

Salva a Princeza, e salvo o recem-nado, informam-n-a do succedido, e dá largas com ella a cidade inteira á torente dos prantos, tanto a custo represados.

Pobre berço!

Essa morte, e esse nascimento, prantearam-n-a e celebraram-n-o as lyras contemporaneas : a ella como calamidade publica ; a elle como penhor de ridentissimos futuros.

As esperanças que dera o Principe D. João de vir um dia a reinar com muita gloria, desfizeram-se todas como um sopro, passando o seu direito á corôa para aquelle filho posthumo e tão mal agoirado.

> O tempo escuro, e triste, e tempestoso
> mal ameaça

prophetisava o bardo[1].

Então saíu do seu escondrijo serrano de tantos annos a grande Musa do Miranda, toda coberta de dó, e entoou uma sentida Elegia ao joven Principe.

O juvenil Camões, ainda envolto para nós na penumbra da sua aventurosa mocidade, e ainda não o Camões epico, apedrejado, e martyr, dedicou lá da India a tão infausto successo a sua Egloga I.

Bernardes pagou tambem o seu tributo com outra Egloga.

O cortesão e mundano Andrade Caminha dedilhou na sua lyra uma Elegia, um soneto, e um epitaphio.

Ferreira emfim, que tinha comparecido a celebrar as alegrias do Principe, pouco mais havia de um anno, quiz acompanhal-o não menos com o seu canto funebre á hora da despedida, e tributou-lhe, coberto de luto verdadeiro, a Elegia I[2], a Egloga II (Janio), a Egloga VII (Daphnis), e

[1] Ferreira., cart., l. II, IX.

[2] Parece-nos que esta Elegia I foi escripta algumas semanas depois do fallecimento do Principe; falla já do Principe D. Sebastião, pelo seu nome.

um epitaphio. Além d'estas peças, n'um ou outro passo se refere a esta morte; por exemplo : na Carta VIII do livro I, escrevendo a Pero de Andrade.

Ao aio e camareiro do fallecido, seu amigo, seu mentor, seu guia, seu companheiro, se endereçam não menos os pezames dos poetas.

Caminha escreve a Francisco de Sá de Menezes a sua Elegia II; Ferreira a Elegia I, e a ode II do livro III.

Ao lacrimoso Pae chega finalmente o bom Ferreira, depondo, ás reaes plantas do Piedoso o seu preito na carta I do livro I.

XXIII

Continua o mesmo assumpto.

Quatro composições dedicou o nosso poeta, como dissemos, á morte do Principe; n'ellas vemos já Antonio Ferreira entrado no caminho escabroso da imitação dos modelos antigos, e desvestindo já a sua originalidade.

A Egloga II (Janio) segue em muitos logares a Virgilio; a VII (Daphnis) é no titulo, na contextura, e em muitos pormenores da ornamentação, paraphrase da Egloga V do mesmo mestre. A ode II do livro III muda de afinação, e passa para a clave horaciana. Em tudo isto se revela a flexibilidade do talento do nosso autor; ha cunhos diversos n'aquellas diversas imitações, assim como na Elegia I, que não seguiu modelo, ha já outra maneira, mais

individual e peculiar; menos rica, isso sim, porém mais elle.

Os seus vinte e seis annos desatavam-se em flores ao toque de uma vara magica; flores tão abençoadas, tão verdadeiras rosas de Turquia, que ainda hoje, atravez de tres seculos, rescendem como então.

Nos logares competentes dos excerptos podem os leitores procurar os versos citados, com as suas respectivas analyses.

XXIV

Antonio Ferreira, Licenciado e Doutor em Canones, pára indeciso na escolha de uma profissão.

Mas estava o nosso doutorando chegado quasi ao termo da sua carreira de estudante.

Em junho de 1554 provava-se habilitado com os requisitos legaes; em 21 de março de 1555 leu a ultima das tres lições de sufficiencia que era obrigado a ler, e foi approvado. Em 23 de junho lia de repetição.

Iam-se aproximando as palmas tão esperadas! Em 6 de julho passava o poeta pelo seu exame privado; e em 14 de julho recebia a borla verde de Doutor em Canones[1].

[1] Devemos o prazer de publicar n'este livro pela primeira vez esta e todas as outras datas relativas á frequencia de Ferreira na Universidade, ao digno Secretario da mesma o Senhor Doutor Manuel Joaquim Fernandes Thomaz, que com a maior obsequiosidade (que n'este logar folgamos de

Digamos (pois vem a proposito) que era n'esse tempo o doutoramento (grau de cavalleiro em lettras) uma festividade ainda mais luzida do que hoje; haja vista (além dos outros artigos da pragmatica universitaria) áquella brilhante cavalgada, que ia fazendo cortejo ao doutorado pelas ruas de Coimbra, cavalgada em que iam com as suas insignias de gala os doutores de todas as faculdades, os licenciados, os mestres em artes, etc., e que era um como verdadeiro triumpho romano para o novo conquistador academico.

Laureado pois com as honras de Minerva, e já festejadissimo de condiscipulos, e em geral dos homens eminentes, encontramos a Antonio Ferreira n'este passo da sua vida, em que, prestes a encetar caminho por uma das carreiras que se lhe abriam, pára, com um livro de versos entre as mãos, indeciso, ainda tão cheio de esperanças, e já saudoso!

Que mister seguirá?

O fôro? e repetia comsigo.

> Não fazem damno as musas aos doutores,
> antes ajuda ás suas lettras dão [1].

agradecer) se prestou a auxiliar-nos, por intermedio de um amigo commum a ambos.

A escassez de noticias relativas aos estudantes quinhentistas da Universidade provem de que na transferencia das escolas de Lisboa para Coimbra ficaram em Lisboa muitos livros e papeis de assentamentos de matriculas, etc., que nunca chegaram, por incuria, a ser levados para Coimbra. Além d'isso, como a Universidade só teve casas proprias no paço de 1546 por diante, ficaram nas aulas provisorias de Santa Cruz outros livros e cadernos que hoje seriam preciosos. Os livros regulares de matriculas só começaram em 1569.

Esta mingua pois augmenta a immensa valia das datas que apresentamos, tiradas dos raros documentos officiaes, e accrescenta portanto o nosso agradecimento para com o digno Secretario da Universidade.

[1] Cart., liv. II, II.

Mas logo outra voz intima lhe retorquia :

Poeta queres ser, e ser lettrado ?
. . . .
poeta e senador grave chamado ?

Que mor chimera ! que novo entremez !
como se entende o texto co'o soneto ?
como, em quanto tercétas, as leis vês [1] ?

E essa mesma voz bradava com mais força :

Não soffrem as altas Musas meãmente
serem tratadas [2].

Quer fugir ao mundo ; o mundo não é para elle ; a elle só o encanta a solidão ; e olhando com os olhos da alma para um retiro campestre que elle sabe, murmura suavemente :

Eu vejo um valle e um monte, onde seguros,
onde sãos e quietos os meus dias
teria em ocio bom, cuidados puros [3].

Depois, retrahindo-se e por medo aos commentarios, continua :

Mas chama o mundo vãs philosophias
a virtude, o repouso, a liberdade ;
e as santas Musas são fabulas frias.

É fraqueza do esprito a humildade ;
o ser do homem são honras, são riquezas,
e subir onde mais vôa a vontade [4].

[1] Cart., liv. II, XII.
[2] Cart., liv. I, VIII.
[3] Cart., liv. II, IX.
[4] Cart , liv. II, IX.

E depois clamava, com a expressão do desespero :

Não posso o que desejo; o que só posso
te digo : está este tempo todo em preço ;
não pode um engenho já, Musas, ser vosso [1] !

Então a côrte; o sobrado escorregadio dos paços; os altos cargos tão luzidos; mas segredava-lhe o coração :

Não descança, não mora]
santa felicidade
em torres, em thesoiros, em grandezas.
Errada vaidade!
Isso bens são de fora;
nosso só é o saber, que tanto prezas [2].

N'uma palavra : tomou o pulso a todos os estados de vida, e nenhum achou em perfeita saude, como dizia o ratão do Camões [3].

Então quê? o placido magisterio na Universidade, sua mãe, parece que o prendeu logo nos primeiros annos, a crermos a tradição, e o epitaphio.

Aquelles são sós homens, que se afamam
com lettras, com saber, com que allumiam
o mundo; e tudo mais fortuna chamam [4].

Isto exclamava elle logrando ficar junto do seu Mondego, que tanto amava, cultivando as Musas, e marchetando de dia a dia a lyra nacional. E quanto não folgava elle de poder cantar em presença das serras e dos campos :

[1] Cart., liv. I, VIII.
[2] Od., liv. I, V.
[3] *Obr. de Camões*, pelo Visc. de Jurom., tom. I, pag. 17.
[4] Cart., liv. I, VI.

Ó doce campo! ó deleitosa serra!
valles sombrios! claras e correntes
fontes! que bem secreto em vós se encerra[1]!

XXV

O vigesimo nono anniversario do poeta.

No soneto XXXVI do livro II[2], commemora o autor (segundo o seu biographo Pedro Jozé da Fonseca) o seu vigesimo nono anniversario natalicio.

Depois de cinco lustros, já aquella hora,
que ao mundo me mostrou em noite escura,
me torna a quarta vez, e com brandura
do mau planeta me defende agora.

Tempo é que um' alma que já ha tanto chora
vos mova a mágoa, ó clara fermosura
que os Ceos ornais, e tendes a escritura
de quanto cá se espera, e quanto mora.

Tu, do mundo gran Pae, tu poderoso
Rei de estrellas e Ceos, est' alma guia
a ti seu alto fim, por ti creada.

Por ti se movem os Ceos, por ti o dia
nos nasce; aquelle só será ditoso,
que sem ti não espera nem crê nada.

[1] Cart., liv. I, IX.

[2] A numeração vem errada, do soneto XXVIII por diante na edição que temos á vista (a de 1771), sendo este lá o soneto XXXVII.

Parece-nos que ha ahi alguma coisa que esmiunçar. Temos primeiramente duvida sobre o sentido liquido d'esses primeiros dois versos e meio :

> Depois de cinco lustros já aquella hora
> que ao mundo me mostrou em noite escura
> me torna a quarta vez.

Isto em prosa é : *torna-me pela vigesima nona vez aquella hora, que me mostrou ao mundo em noite escura*. Ora esse *ao* é dativo, ou accusativo. O genio da nossa lingua admitte-o de ambos os modos ; mas o sentido ?

Como dativo significava : *aquella hora que mostrou a minha pessoa ao mundo durante uma noite escura*. Como accusativo : *aquella hora, que me fez parecer o mundo noite escura ;* ou melhor : *aquella hora que me apresentou o mundo como que ennoitecido*.

A primeira interpretação (diga-se a verdade) é bastante immodesta, e desdiz do caracter do autor ; a segunda dá um sentido diversissimo, e parece indicar que o poeta se referia então ao vigesimo nono anniversario de alguma desgraça que lhe tivesse succedido antes dos doze annos, pois que elle só viveu quarenta e um.

Saltando porém esse barranco, e optando pela interpretação menos modesta, temos que o poeta declara chegar aos seus vinte e nove annos, mas tambem declara que esse dia o *defende œgora do mau planeta*. Porque ?

Depois, dirigindo-se (segundo parece) á Virgem Maria, diz :

> Tempo é que um'alma que já ha tanto chora
> vos mova a mágua, ó clara fermosura
> que os Ceos ornais, e tendes a escritura
> de quanto cá se espera, e quanto mora ;

isto é (fallando em prosa) : *é tempo que uma alma, que ha já tanto tempo chora, vos influa pena e dó etc.*

Note-se que o soneto se dirige á Virgem, que é pelo seu doce nome a Padroeira da amante do poeta.

D'onde nos atreveremos a inferir (salvo melhor juizo), que este soneto escuro e vago, meio mystico, meio amoroso, nos revela o mancebo de vinte e nove annos, commemorando o seu anniversario, já sob a influição casta e serena do seu segundo amor, tão serio e verdadeiro! Conjecturemos pois que em 1557 se conheciam e amavam (n'alguma visita talvez a Torres Novas, como entrevimos no capitulo XVII) o grave Antonio Ferreira, e a formosa e boa Maria Pimentel.

XXVI

Antonio Ferreira, e o filho de Affonso de Albuquerque.

N'este mesmo anno de 1557 escrevia Ferreira a sua elegia VI, *A Affonso Dalboquerque em louvor dos commentarios que compôz dos grandes feitos de seu pay.*

N'essa elegia, com sós vinte e nove annos, se eleva o autor a grande altura. Versos sonoros, grande altiloquia, patriotismo, e calor poetico, taes são os predicados de tão notavel peça.

D'este Affonso (ou Braz) de Albuquerque pode dizer-se haver sido, não já o herdeiro, mas o consciencioso testa-

menteiro da gloria de um tal progenitor. Dissemos Braz, porque fôra esse o seu primeiro nome, que elle, por desejo d'El-Rei D. Manuel, trocou, para memoria, no de Affonso, depois que em 1515 falleceu o grande capitão.

Era Affonso de Albuquerque (filho) em 1557, quando Ferreira o celebrou na sua elegia VI, um homem de 57 annos, considerado na côrte, e senhor de boa casa. É o chamado *filho da moirisca*, bastardo do heroe da India, e compilador dos seus feitos. D'elle trata o nosso bom amigo Antonio da Silva Tullio no seu interessante e erudito estudo sobre a *casa dos bicos* inserto no Archivo Pittoresco.

N'este anno publicou o piedoso filho esse livro de façanhas, que ainda hoje é consultado por quem quer estudar em primeira mão aquelle periodo da nossa historia. Intitulou-o *Commentarios;* e vai n'isso um latinismo, á moda do tempo; vem do *commentarius* ou *commentarium*, que de adjectivo que foi se assubstantivou, significando memoria, apontamentos, registo, annaes, etc. D'ahi intitulou Cesar Commentarios as suas relações de campanha, que Cicero dizia serem um indice, e Plutarco affirmava não passarem de apontamentos para a historia, segundo lêmos uma vez não sabemos já onde.

Estes commentarios de Albuquerque, menos seccos talvez que os de Cesar, e mui tersos e puros no estilo e na linguagem, mereceram em vida ainda do autor as honras de segunda edição (como pode ver-se no sempre louvado Diccionario do Snr Innocencio F. da Silva); grangearam a seu autor as honras posthumas de classico da lingua, e a saudação poetica do doutor Antonio Ferreira.

Faz gosto a uma alma portugueza ver a alta poesia n'essa faina justa e nobre de fundir com o seu metal corinthio as estatuas dos heroes.

XXVII

A familia real portugueza.

Era n'essa quadra a casa reinante portugueza um ninho de aguias reaes, que (se a morte não nol-as andasse dizimando) tinham levantado um vôo altissimo nos ceos da historia.

Comecemos pelo chefe : El-Rei D. João III. As suas intenções, a sua probidade e sizudez, e, mais que tudo, a sua presidencia nata a uma grande alvorada intellectual, attenuam muito as asperas censuras com que o verberou a posteridade.

Depois d'elle, a Rainha, a Senhora D. Catherina, austera e devota, prudente, e muitas vezes varonil ; espirito cultivado na convivencia da sua côrte feminina de verdadeiras Musas.

Entre os filhos d'El-Rei D. Manuel notaremos primeiro a Imperatriz Infanta D. Isabel, digna esposa do grande Carlos V, e de quem foi Veador João Caminha, o pae de nosso poeta Caminha.

Depois, lá ao longe, em Saboya, a Infanta D. Beatriz,

que por seu dote realengo não levava menos prendas na clareza do espirito, do que na formosura do corpo.

Notaremos agora o Infante D. Luiz; que já lá em cima n'um dos primeiros capitulos retratámos n'um relance; Principe capaz de figurar entre os mais cultos, e cujo nome fez honra á sua estirpe.

Depois o Cardeal Infante D. Henrique, animo timorato e tenebroso, mas coração cheio de piedade. Foi elle proprio escriptor, agazalhava os poetas, queria que na sua presença recitassem os seus versos, e mandava representar em seus salões as comedias dos melhores d'entre elles; e (visto bater no nosso ponto) o proprio Bristo de Ferreira o hospedou o Cardeal nos seus paços archiepiscopaes.

Depois a Infanta D. Maria, fautora de poetisas, e que a par de tantas casas grandes de piedade que lá por fora engrandeciam o seu nome, edificava por suas proprias mãos o seu pequenino alcaçár domestico das Musas lusitanas.

Depois o Infante D. Duarte, que bem merece da patria pelo filho que lhe deu: o illustre Senhor D. Duarte Duque de Guimarães, tão prematuramente ceifado pela morte.

D'este ultimo Senhor, foi camareiro o poeta aristocratico Pero de Andrade Caminha, que lhe dedicou muitos versos, e lhe escreveu o epitaphio. Um como real Mecenas dos talentos nol-o figuram os contemporaneos: é ler em Andrade Caminha os numerosos trechos, que se ao louvado engrandecem, tambem honram o encomiasta; e é ler muitos trechos em Ferreira[1], que entre os assignalados varões a quem dedicava o seu incenso, não poude

[1] Cart., liv. I, XIII. — Od., liv. II, I.

esquecer o juvenil sobrinho do Monarcha. E tal era o conceito em que o tinha, que exhorta algures[1] o Pero de Andrade, para que celébre em versos a seu amo; e diz-lhe:

Dos mais claros heroes um que cante
escolha teu esprito; Real sujeito
tens na alta geração do grande Infante.

Ergue-te, meu Andrade; arça esse peito
inflammado de Appollo; cante e sôe
igual tua voz ao teu tão alto objeito.

Oiça-se o grã Duarte; por ti vôe
pelas boccas dos homens; de sua mão
inda Pallas ou Phebo te coroe.

Da egloga x se deprehende além d'isso que o Ferreira tentara em alto estilo o elogio do mesmo personagem, não o concluindo por lhe faltarem as forças; confessa-o ao proprio Senhor D. Duarte:

Alto Senhor, se a teus altos ouvidos
chega o som baixo da çamponha minha,
serão meus versos tão engrandecidos,
quanto para os ouvires lhes convinha.
Outros maiores, que te são devidos,
já os tentei em vão, que não sustinna
o pezo do teu nome alto e Real
tão fraco engenho, e voz tão desigual.

Depois torna a fallar no Caminha:

Já, Senhor, teu Andrade se aparelha
ao alto canto d'esta empreza dino... etc.

como já o mesmo Ferreira lh'o augurára[2]:

Serás escrito, e em alto som cantado
da grave e doce lyra
de Andrade para ti só dos Ceos dado... etc.

[1] Cart., liv. I, viii.
[2] Od., liv. II, i.

Esse promettido poema do Caminha não lhe saíu porém do tinteiro.

Apoz tantos regios nomes, mencionemos o sempre chorado, o sympathico, o esperançosissimo Principe D. João.

Educado como fôra, quanto não havia de vingar nas prendas do espirito e nos dotes da alma este moço Principe, apparecido no apogeu dos enthusiasmos litterarios, e communicando por mil modos com a nata e beijinho dos bons engenhos! E tal foi de feito a sua prematura discrição, sciencia, e virtude, que dissereis ter nascido *emplumado*, na phrase conceituosa de um grande Rei[1].

Taes eram, pouco mais ou menos, os diversos membros da real progenie. E a essa constellação radiosa dedicava o nosso poeta um soneto[2], que, por frizar com o que vinhamos expondo, transcreveremos na sua integra.

Que Apelles, que Lysippos poderiam
pintar ou esculpir essas figuras,
ó Principes divinos? que pinturas
a tanto don de Deus responderiam?

Que engenhos dos antigos bastariam
(já que não bastam cores nem esculturas)
escrever-vos? que pedras, por mais duras,
a vossos nomes não se abrandariam?

As arvores, as pedras, os metaes,
as cores, e as tintas, vos desejam,
os livros, todo o mundo, e os Ceos mais.

Vós os olhos e engenhos nos cegais
com esse resplandor; os Ceos vos vejam,
elles vos louvem, e façam immortaes.

[1] Costumava El-Rei D. João II, dizer dos filhos da casa de Villa-Real que *nasciam emplumados*, encarecendo o precoce discernimento e juizo d'esses senhores.

[2] Liv. II, XVII.

XXVIII

Fallecimento d'El-Rei D. João III.

Na idade de cincoenta e cinco annos, trabalhados e tristes, se finou El-Rei D. João III nos seus paços da Ribeira em Lisboa uma sexta feira 11 de Junho de 1557.

Havia tres annos que fallecera seu filho dilecto o Principe D. João, celebrado em todas as lyras, pranteado de todos os corações portuguezes.

Havia dois annos que a morte arrebatara outro grande Principe, o Infante D. Luiz.

Chegou a vez a El-Rei, de ir prestar contas ao Juiz supremo.

Nos braços de sua virtuosa mulher a Rainha D. Catherina exhalou a alma, derrubado o corpo por uma apoplexia fulminante.

A poesia commemorou com sentidas lagrimas esta perda do filho do Venturoso, e o lugubre saímento fez-se com grande pompa até ás abobadas manuelinas do Rastello, abrigo do seu somno derradeiro.

O Principe herdeiro de tal sceptro era um menino de tres annos. A Regente uma mulher piedosa, porém mal aconselhada. O chefe da segunda Regencia um ancião caduco e entenebrecido de fanatismo.

Declinavas a olhos visto, misero Portugal!

XXIX

Os amigos de Antonio Ferreira.

Uma coisa nos agradou sempre muito na leitura e convivencia intima com aquella boa gente dos poetas quinhentistas : foi presencear por todos e cada um d'elles aquella sociedadesinha elegante e instruida que os cercava, e com quem elles tanto se apraziam.

Abrimos os livros de Ferreira, isto é entramos na casa litteraria de Ferreira, e encontramo-nos com Pero de Andrade, homem de espirito e conversação facil, versado no que hoje chamamos grande mundo, camareiro do Senhor D. Duarte, e amigo estreito do nosso amphitryão ; encontramo-nos com Diogo de Teive, latinista ferrenho, e pertencendo ao grupo dos patriarchas litterarios; com o elegante Jeronymo Côrte-Real, Senhor do Morgado de Palma, e muito aceito aos bons engenhos do tempo ; vemos mais, uma ou outra vez, os Senhores da casa illustrissima de Aveiro, casa á qual já era hereditaria a affeição do filho de Martim Ferreira ; vemos os Sás de Menezes ; Affonso de Albuquerque, conservador idólatra da grande gloria paterna ; D. Affonso de Castel-Branco ; Diogo Bernardes ; os Condes do Redondo, e de Borba ; D. Simão da Silveira, da casa da Sortelha, bom poeta e melhor amigo ; João Lopes Leitão, galanteador e poeta ; Pero da Alcaçova ; Vasco da Silveira ; e quantos mais ! sem fallar

nas testas coroadas, e nos Principes, cuja boa sombra tanto protegia as Musas lusitanas.

Se procuramos na Tapada o bom Sá de Miranda, encontramos o Corte-Real; o Caminha; o Monte-Mayor; o Ferreira; os Sás de Menezes; os Alvares Pereira; o Senhor do Basto; os Principes.

Se espreitamos o Caminha, vemol-o dar-se com Sá de Miranda, com Antonio Ferreira; com Jeronymo Côrte-Real; com João Lopes Leitão; Monte-Mayor; Francisco de Andrade; os Sás de Menezes; os Alvares Pereira; Pero da Alcaçova; sem fallar nos Infantes, nos Reis, e nomeadamente em seu amo o Senhor D. Duarte.

Em summa, e para abreviar: a sociedade de cada um é a de todos; é a mais escolhida e galante.

Provavelmente pertencem os mais d'esses familiares ao periodo em que Antonio Ferreira se achava de residencia em Lisboa; alguns porém são necessariamente amigos antigos; acompanharam-se desde os bancos das escolas.

Demos n'este capitulo um elenco d'esses amigos, seguido quanto possivel de brevissimas indicações biographicas, para que o leitor das obras de Ferreira possa reconhecel-os e tratal-os mais como intimo. Para maior facilidade alphabetaremos essa lista.

Affonso de Albuquerque. — (Vide o capitulo xxvi.)

D. Affonso de Castel-Branco, bastardo da casa dos Condes de Sabugal, filho de D. Antonio, Deão da Real Capella; nasceu em S. Thiago do Cacem (em Lisboa diz o Senhor Innocencio F. da Silva) em 1522.

Foi doutor em theologia pela Universidade de Coimbra, Commissario da Bulla da Cruzada, e Bispo, primeiro do

Algarve, depois de Coimbra (onde succedeu a D. Frey Gaspar do Casal ;) e depois Vice-Rei de Portugal.

Era homem dotado de grandes virtudes, e boas lettras. Falleceu muito velho em 1614 em cheiro de santidade.

Dedicou-lhe Ferreira a ode v do liv. I.

Affonso Vaz Caminha. — Era irmão de Pero de Andrade Caminha, e tinha o mesmo nome de seu avô paterno. Seguiu desde muito moço as armas, e morreu cerca dos vinte annos no Oriente, segundo diz o epitaphio que lhe fez seu irmão.

Este lhe dedicou tambem as epistolas viii e x, e Ferreira a ode iv do livro II.

Acerca da sua familia, vide Pero de Andrade.

Não se confunda com outro Affonso Vaz Caminha seu primo com irmão, a quem Jozé Corrêa da Serra chama no prologo anteposto á edição academica das obras de Caminha (de 1791) um dos fidalgos mais eruditos que houve em Portugal no seu tempo.

Albuquerque (Affonso). — (Vide Affonso de Albuquerque.)

Alexandre Farnese, terceiro Duque de Parma e de Placencia. Nasceu em 1544; filho de Octavio Farnese segundo Duque, e de D. Margarida de Austria, filha natural do Imperador Carlos V. Casou com a Senhora D. Maria filha do Infante D. Duarte, de quem teve Ranuccio, quarto Duque de Parma e de Placencia ; Odoardo Cardeal ; Margarida, mulher de Vicente de Gonzaga Duque de Mantua. — (Vide D. Maria.)

D. Angela de Noronha. — (Vide cap. xx.)

D. Anna de Toar, filha de João Caminha e de D. Filippa de Souza, e irmã de Pero de Andrade. Sabe-se pelo epitaphio xxvi que lhe dedicou seu irmão, que era de uma saude debil, e tinha grande formosura e bondade.

Dedicou-lhe o Ferreira o epitaphio xvii, e talvez o soneto xxiii do livro II.

Antonio de Castilho, filho de João de Castilho e de Maria de Quintanilha; Desembargador, do Conselho d'El-Rei D. Sebastião, Commendador na ordem de Aviz, Embaixador a Inglaterra, Guarda Mór da Torre do Tombo, etc. Casou com D. Luiza Coutinha filha de Antonio Coutinho. Escriptor apreciado e consultado pelos contemporaneos. D'elle tratámos largamente n'outra memoria. Dirige-lhe o Ferreira a carta vi do livro II, em que lhe chama

> Castilho, de meus versos douta lima.

Ao que no indicado logar dissemos accrescentaremos as seguintes datas (ineditas até hoje) extrahidas do cartorio da Universidade :

No anno de 1547 ouviu Antonio de Castilho em Thomar, sua terra, um curso de artes, lido por Manuel de Pina, mestre em artes; como provou em 1560.

Em 11 de Novembro de 1550 provou tres cursos de leis.

Em 18 de Julho de 1554 recebeu o grau de Bacharel em leis.

Em 16 de Abril de 1562 leu a sua lição de approvação.

Em 31 de Maio fez repetição para entrar no exame privado.

Em 27 de Junho fez exame privado.

Em 5 de Julho recebeu o grau de Licenciado em leis.

Em 23 de Novembro provou residir na Universidade no anno que começou pelo 1° de Outubro de 1560 até fim de Junho de 1561 ; e provou um curso de leitura, a saber : tres mezes de Outubro, Novembro e Dezembro de 1560 ; e quatro mezes, a saber : Janeiro, Fevereiro, Março, e Abril de 1561 ; *e disse que não provara este curso pelo não concederem no anno em que o cursara, por se proverem muitas cadeiras, e elle Antonio de Castilho servir de Conselheiro. Foram testemunhas Ruy Botelho e Paulo Coelho, que o juraram aos Evangelhos perante o Doutor Diogo de Gouvêa Vice-Reitor em 23 de Novembro de* 1562. — *Antonio da Silva o escrevi.* — (Documento remettido pelo Snr Doutor Manuel Joaquim Fernandes Thomaz.)

Em 5 de Abril de 1565 provou a sua residencia na Universidade de Coimbra, do principio de Outubro de 1561 até Junho de 1562 ; e provou mais que residia na Universidade no mez de Abril de 1563 antes que entrasse ao collegio de S. Paulo, onde entrou a 3 de Maio[1].

Antonio de Sá de Menezes, Commendador de Sanfim ; filho de João Rodrigues de Sá já mencionado no capitulo xviii, e irmão de Francisco de Sá de Menezes. Amigo intimo do Ferreira. Que era homem dado a lettras deprehende-se da carta iv do livro I, que o nosso autor lhe dirige. Consta ter elle proprio feito versos em honra do Ferreira. Offereceu-lhe este, além da carta citada, a carta v do livro II, a ode v do livro II, e o epitaphio xii. Era

[1] Mal informados dissemos na nossa citada Memoria 2 de Maio, em vez de 3, que consta dos livros.

casado (Vide D. Angela de Noronha) e tinha filhos, entre outros D. Camilla de Sá, a cujo casamento dedicou Sá de Miranda a sua egloga VI. Ao mesmo Antonio de Sá dedicou Andrade Caminha a ode V e a elegia V na morte de um seu neto. Era valente nas armas;

Testigo puede ser Ceuta y Safi,

como d'elle dizia Sá de Miranda.

Morreu Antonio de Sá ainda em vida de seu pae.

D. Antonio de Vasconcellos. — Não achamos quem seja este amigo do nosso poeta, a quem elle dirige a ode VIII do livro I. Que era de alta nobreza e chegado a tronco real, dil-o essa ode, e, segundo parece, homem estudioso, e digno de ser pelo Ferreira requestado, como o era, em nome das lettras patrias. Caminha o consulta, e lhe chama *douta lima* no seu epigramma CLXV. O que notamos é que o titulo de Dom não anda na nobre casa dos Vasconcellos, podendo esse titulo advir ao nosso homem por algum outro appellido, o que tantas vezes succede.

Houve um Antonio de Vasconcellos morto na batalha de Alcacer. Seria provavelmente este.

Aveiro. — (Vide Duque de.)

Bernardes. — (Vide Diogo Bernardes.)

Betancor. — (Vide Diogo de Betancor.)

Bragança. — (Vide D. Constantino de Bragança.)

Caminha. — (Vide Affonso Vaz e João Caminha.)

Castel-Branco. — (Vide D. Affonso de Castel-Branco.)

Castilho. — (Vide Antonio de Castilho.)

D. Catherina de Sousa, menciona-a o poeta no epigramma i. Parece-nos que era a irmã de Pero de Andrade Caminha, a quem este dedicou os seus epigrammas ccvii, ccxvi, ccxvii, ccxviii, ccxix. — (Vide Pero de Andrade.)

Conde de Borba (D. Vasco Coutinho), filho do marechal D. Fernando Coutinho (o velho). Foi Conde de Borba, capitão de Arzila, e Alcaide mór de Santarem. Foi casado com a Condessa D. Catherina da Silva, de quem teve o Conde D. João Coutinho.

Ao Conde D. Vasco dedica o Ferreira o epitaphio x, que nol-o pinta como grande guerreiro, digno em tudo da alta estirpe d'onde provinha.

Conde do Redondo (D. Francisco Coutinho), filho do Conde D. João Coutinho, e de D. Isabel Henriques, filha de Fernão Martins Mascarenhas, Senhor de Lavre, Alcaide mór de Monte-Mór o novo, e de Alcacer do Sal, Commendador de Mertola e de Almodouvar, e Capitão dos ginetes.

Foi este D. Francisco Coutinho conde do Redondo Regedor da casa da Supplicação. Era homem abalisado na guerra e na paz. Foi Regedor até 1561, anno em que partiu, a 15 de Março, para Goa, onde chegou a 7 de Setembro, e onde ia substituir a D. Constantino de Bragança, como substituiu, e se pode ver em Barbosa[1], sendo o setimo Vice-Rei.

Era casado com D. Maria de Blasfe, filha de D. Francisco de Gusmão Camareiro mór da Infanta D. Maria, e de D.

[1] *Mem. d'El-Rei D. Seb.*, tom. I, p. 608.

Joanna de Blasfe Camareira mór da mesma Princeza. Sobre a sua descendencia, vide Barbosa Machado[1].

Falleceu na India em 19 de Fevereiro de 1564 de uma breve mas fulminante doença.

Dirige-lhe o Ferreira a carta XI do livro II, que podemos ajuizar ter sido escripta antes de 1561 (isto é pelos 33 annos do seu autor) talvez para lhe dar parabens da sua nomeação de Regedor.

D. Constantino de Bragança, quarto filho do quarto duque de Bragança D. Jayme, e da Duqueza D. Joanna de Mendoça, filha de Diogo de Mendoça, Alcaide mór de Mourão. Nasceu em 1528, no mesmo anno em que nasceu o Ferreira.

Era irmão do duque D. Theodosio, e casado com D. Maria de Menezes, filha do Marquez de Ferreira e Conde de Tentugal D. Rodrigo de Mello, e de sua segunda mulher D. Brites de Menezes. Não teve filhos.

Foi D. Constantino (em substituição de Francisco Barreto) nomeado em 1558 Vice-Rei da India, para onde partiu em 7 de Abril, e onde fez um governo memoravel. Á sua partida lhe dirigiu o Ferreira a carta VIII do livro II.

É preciso não confundirem os estudiosos este Senhor D. Constantino com um seu sobrinho e seu herdeiro, outro D. Constantino de Bragança, quarto filho de D. Francisco de Mello, segundo Marquez de Ferreira antepassado da casa de Cadaval.

Corte-Real. — (Vide Jeronymo Côrte-Real.)

Coutinho. — (Vide Conde do Redondo e Conde de Borba.)

[1] *Mem.*, tom. II, pag. 466.

D. Diogo de..... — A este amigo, que não podemos saber quem fosse, dedicou Ferreira o soneto xxi do livro II. Por elle se vê a grande conta em que era tido este para nós mysterioso personagem.

Diogo Bernardes, cavalleiro na ordem de Christo; poeta; nasceu antes de 1540. Foi grande amigo do nosso Ferreira, dos Menezes, dos Caminhas, e dos outros bons engenhos do tempo. Acompanhou em 1575 Pero de Alcaçova Carneiro na sua embaixada a El-Rei D. Filippe de Castella a solicitar auxilios para a jornada de Africa. Dirige Ferreira a Bernardes os sonetos xxv e xxvi do livro II e a carta xii do livro I.

Acompanhou Bernardes a El-Rei D. Sebastião na expedição de Africa, onde ficou algum tempo captivo, até ao seu resgate.

Parece ter fallecido em 1605, segundo as doutas considerações do Snr Visconde de Juromenha.

Tinha um irmão, por nome Frey Agostinho Pimenta, chamado da Cruz.

A Antonio Ferreira dedicou Bernardes o soneto:

Alcippo, uma dura e cruel lima

e o outro:

Ferreira, eu vi as claras e fermosas

e menciona-o em mais dois outros sonetos e n'uma carta.

Commemorou Bernardes a morte do seu amigo Antonio Ferreira com uma elegia, a que respondeu Pero de Andrade com a sua sentida elegia iv.

Sá de Miranda dirige a Bernardes o soneto xxiv.

Diogo de Betancor, amigo intimo de Ferreira, e, segundo se collige, de grande esperança, ceifado na flor dos annos pela morte. Parece ter sido natural de Coimbra. A sua perda foi um verdadeiro golpe para o nosso poeta. Dedicou-lhe este em vida a carta xi do livro I; e depois do seu fallecimento o soneto xxxii do livro II, a elegia ii, e o epitaphio xiv. Sabemos que não foi condiscipulo do Ferreira.

Diogo de Teive, nasceu nos principios do seculo em Braga. Doutor em direito civil pela Universidade de Pariz. Chamado por El-Rei D. João III da Universidade de Bordeaux, onde regia a cadeira de humanidades, para a de Coimbra, começou a ler em 1548 a segunda classe de latim e grego. Foi depois Reitor do collegio das artes.

A grande conta em que o tinha Ferreira, seu discipulo em Coimbra, vê-se dos versos que lhe dedicou: a carta iv do livro II, e a egloga v.

Alludindo aos Epodos latinos de Teive diz Ferreira:

> No teu verso latino nos renova
> ora outro Horacio, ora outro grande Maro;
> na grave prosa Padua, Arpino em nova [1].

D. Duarte (o senhor), filho do infante D. Duarte e neto d'El-Rei D. Manuel.

Era o Senhor D. Duarte o amo do poeta Pero de Andrade Caminha amigo intimo do Ferreira. Dedica-lhe este a ode i do livro II, e a carta xiii do livro I. D'este Senhor fallámos mais largamente no capitulo xxvii.

O seu camareiro Pero de Andrade lhe dedicou as epistolas i, iii, iv; as odes i, iv; os epitaphios lxxii, lxxiii,

[1] Cart., l. II, iv.

LXXIV, LXXV, LXXVI, LXXVII, LXXVIII, LXXIX, LXXX, LXXXI ; e os epigrammas I, II, e III.

Ao que no citado capitulo dissemos accrescentaremos que foi o Senhor D. Duarte nomeado em 1572 generalissimo da *grande armada* mandada por El-Rei D. Sebastião a favor dos catholicos de França, armada que estando para saír de Lisboa se desmantelou e perdeu por um grande temporal.

A este Principe anda ligada uma historia de muito sentimento. Estava elle justo para casar com D. Joanna de Mendoça, sua prima, filha de D. Francisco de Mello segundo Marquez de Ferreira; mas falleceu antes das nupcias. E foi tal a magua da noiva, que resolveu fugir do seculo, e tomou o habito de S. Francisco no Mosteiro das Chagas em Villa Viçosa, com o nome de Soror Joanna da Trindade. Foi Abbadessa n'essa casa, onde falleceu em 30 de dezembro de 1616.

Duque de Aveiro e Marquez de Torres Novas D. João de Lancastre, Alcaide Mór de Setubal, Commendador de Santiago de Cacem, e de Ferreira, na Ordem de Santiago, cujo era Mestre seu pae o Duque de Coimbra D. Jorge, filho d'El-Rei D. João II e de D. Anna de Mendoça (Vide o capitulo II d'esta obra.)

Nasceu em 1510; foi feito Duque em 1547. Casou com D. Juliana de Mascarenhas (segundo outros, de Menezes) filha de D. Pedro de Menezes terceiro Marquez de Villa-Real; e teve d'ella a D. Jorge de Lancastre Marquez de Torres Novas, a D. Pedro Diniz de Lancastre, e outros filhos.

Foi embaixador encarregado de acompanhar, em novembro de 1552, para Portugal a princeza D. Joanna de

Austria noiva do infeliz Principe D. João (Vide capitulo XXI e seguintes.)

> Vinha o tão nomeado Duque, eleito
> com razão a tal feito, alto João

diz o Ferreira na Archigamia. Da magnificencia com que se apresentou em Elvas para o recebimento da dita Princeza em companhia de Frey João Soares Bispo de Coimbra pode dar boa relação Barbosa[1].

D'este Duque diz Ferreira no mesmo logar :

> A quem o via indicio dava claro
> de ser no mundo raro seu esprito,
> ao qual nenhum escrito igual seria ;
> neto bem parecia de um Rei santo
> do mundo amor e espanto João segundo,
> do grão Mestre que o mundo saudoso
> deixou de si ditoso filho e dino.

Na mesma Archigamia (egloga I) allude o nosso autor a essa embaixada. Ao Duque D. João é tambem dedicada a egloga XII (Natal), bem como outra de Sá de Miranda.

Este Duque pediu á Rainha regente a senhora D. Catherina a concessão do seu titulo para o supracitado seu filho D. Jorge.

Por causa de ser contra a expressa vontade da mesma Rainha o casamento do Duque de Bragança com uma sobrinha d'este Duque de Aveiro, foi elle desterrado em 1559 para Setubal[2].

Falleceu em 22 de Agosto de 1571.

Tinha Ferreira affeição hereditaria á casa de Aveiro,

[1] Memorias, tom. I, pag. 2.
Barbosa. Memorias, tom. I, p. 226.

pois que do Duque de Coimbra era já servidor Martím Ferreira, como vimos no capitulo II.

Farnese. — (Vide Alexandre Farnese.)

Fernandes de Vasconcellos. — (Vide D. Luiz.)

Ferreira. — (Vide Garcia Froes.)

D. Filippa de Sousa, mulher de João Caminha, e mãe de Pero de Andrade. — (Vide João Caminha.)

D. Francisco de Moura, filho de D. Luiz de Moura, e provavelmente da estirpe dos Rolins de Moura, senhores da Azambuja antepassados da casa de S. Exc. o Snr. Duque de Loulé.

Acompanhou a Africa em 1564 a Lourenço Pires de Tavora quando a este deram a capitania de Tangere. Ahi se assignalou em varios recontros com os Moiros.

Além de militar era tambem poeta, e bemquisto na irmandade dos poetas. Caminha lhe dedicou uma oitava, em que allude á sua *branda lyra;* ao que D. Francisco respondeu pelos mesmos consoantes.

Como amostra da sua poesia aqui vão os versos que elle dirigiu a Antonio Ferreira :

Cante Apollo, Parnaso, Eurota sôe
Ferreira sempre. Ferreira ás estrellas
contenta; pois aos ceos tal nome vôe.
Chegaste, divino sprito, a entendel-as;
chegarão a te entender ellas tambem.
Que querem mais de ti? que tu mais d'ellas?
que quer o mundo mais, que em si te tem?

Francisco de Sá de Menezes, filho do celebre João Rodrigues de Sá, que mencionámos no capitulo XIX. Foi

camareiro mór do Principe D. João pae d'El Rei D. Sebastião. Foi depois capitão da guarda real, do conselho d'El-Rei D. Sebastião, e seu camareiro mór. Foi um dos governadores de Portugal nas ausencias d'El-Rei D. Sebastião. Foi (por seu mal) um dos que julgaram pertencer de direito a El-Rei D. Filippe de Hespanha a corôa portugueza; e este o creou Conde de Mattosinhos. Mencionam-n-o os historiadores como homem muito considerado, e que figurou em varias occasiões intricadas.

Dirigiu-lhe o Ferreira a carta XIII do livro II, a elegia I, e a ode III do livro II; Miranda o soneto XXV; Caminha a elegia II.

Casou primeiro com D. Anna de Mendoça, filha de Ayres de Sousa commendador da Alcaçova de Santarem; d'esta senhora não teve filhos. Casou depois com D. Camilla de Noronha, sua sobrinha neta.

Francisco de Sá de Menezes sobreviveu ao nosso poeta; e, poeta elle tambem, dedicou á sua morte um soneto.

Francisco de Sá de Miranda, nasceu em 27 de outubro de 1495, filho de Gonçalo Mendes de Sá, e de D. Filippa de Sá. Da sua biographia pouco diremos, por mais conhecida, e porque em varios pontos d'esta obra o mencionamos. Falleceu em 15 de março de 1558.

Dirigiu-lhe Ferreira a Carta IX do livro II, e talvez o soneto XXXI do livro II, em que debaixo do nome de Salicio o exhorta a escrever em portuguez.

Em vida lhe dedicou mais uma elegia, e á sua morte a egloga IX.

Pero de Andrade dedicou aos annos de Miranda a sua ode II; dedicou-lhe mais a ode VII; e á sua morte o epitaphio XIV.

Foi Miranda o grande patriarcha litterarío do seu tempo. Áquella boa sombra folgavam de acolher-se todos os poetas novatos, certos de acharem n'elle o melhor gazalhado. No livro II o estudaremos mais de espaço.

Froes Ferreira. — (Vide Garcia.)

Garcia Froes Ferreira, irmão do Ferreira; filho, como elle, de Martim Ferreira e de Mecia Froes Varella. Mencionámol-o no capitulo XVIII.

Dedica-lhe o nosso poeta a ode VI do livro I, a carta VII do livro I, e a egloga VIII (*Floris.*)

D. Henrique (O Cardeal Infante), filho d'El-Rei D. Manuel. Nasceu em Lisboa a 31 de janeiro de 1512. Falleceu em Almeirim a 31 de janeiro de 1580. Dedicou-lhe o poeta (depois do anno de 1562) a carta II do livro II.

D'este senhor fallámos no capitulo XXVII. Dedica-lhe Caminha a epistola XIV.

Jeronymo Côrte-Real, poeta, autor dos dois poemas *O segundo cerco de Diu*, e *O naufragio de Sepulveda*. Nasceu pelos annos de 1540, segundo as conjecturas; era portanto mais moço que o Ferreira. Era senhor do Morgado de Palma, e capitão mór de uma armada nos mares da India. Das suas obras veja-se o que dizem os bibliographos. Falleceu (segundo parece) em 1593.

Além de poeta, era Côrte-Real soffrivel pintor; dil-o a tradição, e confirma-o o encomiastico epigramma II que lhe fez Ferreira, bem como uma elegia inedita, que (segundo o Sr. Innocencio F. da Silva) possue o Sr. Visconde de Juromenha, dirigida pelo proprio Jeronymo Côrte-Real a D. Simão da Silveira (vide este nome),

acerca de um seu quadro, que com os versos lhe remettia. Ao seu amigo Ferreira dirigiu elle um affectuoso soneto.

Se Côrte-Real era poeta e pintor, Jorge de Monte-Mayor (Monte-Mór) era poeta, cantor, e muzico.

A Côrte-Real dedica Pero de Andrade o epigramma CLXXXV, um soneto sobre o seu poema á *batalha de Lepanto* e outro sobre *o segundo cerco de Diu*.

Ha uma formosa estatua de Jeronymo Côrte-Real em Lisboa no monumento de Camões pelo nosso insigne esculptor o Sr. Victor Bastos.

D. João III (El-Rei). — Respeitosamente dedicou a El-Rei o nosso poeta o soneto XXXI (se nos não enganámos); a carta I do livro I, um epitaphio, e menciona-o muito na egloga I, etc.

D. João (o principe). — Vide os nossos capitulos XXI, XXII, etc.

João Caminha, filho de Affonso Vaz Caminha, que viveu em Portugal no seculo XV.

Diz o já citado abbade Corrêa da Serra, no prologo ás obras de Pero de Andrade, que João Caminha *serviu na India com grande reputação de valor ás ordens de Affonso de Albuquerque, sendo um dos primeiros que entraram em Adem. De volta para o reino foi veador da Infanta D. Isabel filha d'El-Rei D. Manuel e depois Imperatriz mulher de Carlos V. Casou João Caminha com D. Filippa de Sousa, e depois de largos annos de união morreram ambos no mesmo dia.*

Este funebre e raro successo foi commemorado por

Pero de Andrade Caminha nos seus epitaphios xxxv e xxxvi, e por Ferreira n'outro epitaphio, e na Elegia v.

Foram filhos de João Caminha e de D. Filippa de Sousa: Pero de Andrade Caminha; Gaspar de Sousa, Cavalleiro de Malta; Affonso Vaz Caminha; D. Joanna de Toar; D. Anna de Toar; D. Guiomar de Sousa; e D. Catherina de Sousa.

D. João de Lancastre, filho do primeiro Duque de Aveiro, e neto do Senhor D. Jorge Duque de Coimbra.

Foram-lhe dedicadas por Antonio Ferreira a ode iii do livro I, e as cartas v e ix do livro I.

João Lopes Leitão, amigo de Camões, de Ferreira, e dos mais; seu camarada de aventuras, e complice de trovas.

Acompanhou em 7 de abril de 1558 a D. Constantino de Bragança, quando este se partia para o seu notavel governo da India. Parece ter sido um militar valente, e um mancebo doido; além d'isso poeta. D'elle diz Caminha n'um epitaphio:

> Corôa mereceu de dois loireiros:
> a dos poetas, e a dos cavalleiros.

recordação talvez do

> . . . Augustus honorem
> Bis meret...

do epigramma i de Ausonio.

Era João Lopes intimo amigo do Caminha, que o apresentou ao Ferreira, o qual diz:

> Devemos este amor ao nosso Andrade,
> do nosso amor seguro fundamento.

Cortejava uma dama do Paço, e fazia confidente d'esses amores a Luiz de Camões, como se vê do soneto CCXXXIV do nosso grande epico[1]. Com o mesmo Camões pelejou Leitão na India.

Uma sua transgressão formal a ordens severas da disciplina do Paço o fez, em quanto muito moço, merecer o castigo de prisão em sua casa por alguns dias. Essa aventura, onde se adivinham amores, vem citada por Andrade Caminha no seu epigramma CLXVII, para onde remettemos o leitor curioso.

Falleceu no mar (dizem alguns que afogado) lá para as bandas do oriente em 1563 ou 64. Caminha allude a isso nos epitaphios XVII e XVIII.

Dirigiu-lhe Ferreira, durante a estada d'elle em Goa a carta VII do livro II.

E Caminha commemorou o seu fallecimento com os epitaphios XV, XVI, XVII e XVIII.

João Rodrigues de Sá de Menezes. — Dedica-lhe Ferreira a carta VI do livro I, e menciona-o na egloga III.

Miranda lhe offerece a carta IV. — Vide o nosso capitulo XIX.)

D. Jorge de Lancastre. — (Vide Marquez de Torres Novas.)

Lancastre. — (Vide D. João de Lancastre, e Marquez de Torres Novas, e Duque de Aveiro, e D. Pedro Diniz de Lancastre.)

D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, tambem poeta, segundo deixa entrever Ferreira, e militar de grande renome, que nas chronicas occupa o merecido logar entre

[1] Obr. de Cam. pelo Senhor Visc. de Jur., tom. I, pag. 57.

os mais valorosos. Tão desgraçado porém, como valoroso. É uma d'aquellas vidas cortadas de dissabores, em que não se sabe o que mais se admire : se a pertinacia cruel da sorte, se o valor de animo da victima.

Casou com D. Branca de Vilhena, de quem teve varios filhos.

Nomeado capitão mór de cinco naus para a India no anno de 1557, — diz Barboza Machado[1] — *antes de saír do porto se abriu a sua nau.*

Mau presagio! que o não amedrontou porém, pois partiu para o seu destino.

Encontramol-o surto em Moçambique desde 2 de Maio de 1558, ao tempo em que, em principios de Julho, ahi aportava a armada que levava ao governo da India o Vice-Rei D. Constantino. Foi acolhido do mesmo Vice-Rei com grande alegria, *por serem muito amigos*, como diz Barbosa, fazendo n'essa só phrase o elogio de ambos. Em 5 de Agosto partiram juntos para Gôa, onde chegaram a 3 de Setembro.

Voltando depois ao reino, conta o mesmo Barbosa que naufragou junto á ilha de S. Lourenço, salvando-se em um batel com trinta homens.

Passou tempo; voltou D. Luiz segunda vez ao oriente, restituindo-se a Portugal *tão falto de cabedaes como abundante de desgraças*[2].

N'essa tornada de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos (ou quiçá na primeira) lhe dirige Antonio Ferreira a sua elegia IV, onde lhe diz :

Rico vens de trabalhos e louvores.

[1] Mem. d'El-Rei D. Seb., tom. III, pag. 535.
[2] Barb., *loc. cit.*

N'essa elegia, se a relerdes com a lanterna que n'este artiguinho vos ministramos, achareis a menção dos trabalhos, dos naufragios, dos combates, das desventuras de toda a casta, que atormentaram este benemerito, sem comtudo lhe alquebrarem o animo.

Em 5 de Julho de 1570[1] sae de novo D. Luiz a barra de Lisboa, acompanhado de sete naus e uma caravella, com destino ao Brazil, d'onde era nomeado governador em substituição do grande Mem de Sá.

Vamos a ver que novas ciladas lhe prepara a má fortuna.

Chegados a áltura da Madeira, alli se encontra com um comboio de naus que chegaram da India. Vindo á falla, sabe o misero D. Luiz da morte de seu filho D. Fernando de Vasconcellos no grande cerco de Gôa.

Demorou-se na Madeira receoso das calmarias do equador, e aguardando monção para a viagem. N'esse porto ainda, recebe a triste noticia do perdimento da sotocapitania nau Santiago, tomada pelos piratas francezes, sendo morto por elles o venerabilissimo Padre Ignacio de Azevedo com 39 companheiros. Sae logo o inquebrantavel capitão com duas naus da sua conserva a vingar aquelle ultrage; na altura porém de Cabo Verde, o obrigam as tormentas a mudar de rumo, e a acolher-se em Guiné. Quando iam refazer-se de forças, começa a morrer-lhe a equipagem com as febres do inhospito clima de Africa. Poude emfim sair; passados muitos dias avista as costas do Brazil, termo da sua viagem. Não logrou porém montar o cabo de Santo Agostinho, sendo rechaçado pelas ventanias e correntes uma das naus até á ilha de S. Do-

[1] Esta data vem em Barbosa Machado; mas (salvo o respeito devido) não deverá ser antes Junho?

mingos, e a outra até á de Cuba. Reparada a sua nau, ahi se torna em demanda do Brazil; arrastam-n-o outra vez os vendavaes, mares em fora, e o põem nos Açores onde acha guarida na Terceira. D'ahi sae em 6 de Setembro de 1571. Chegando com bom vento á altura das Canarias, avista a 12 quatro naus francezas e uma ingleza, de piratas, que principiam a aproximar-se-lhe com medonha catadura. Esforça D. Luiz os seus soldados, e responde a duas bombardadas de polvora secca, atiradas por escarneo das naus inimigas, com uma banda inteira da nossa artilheria. Accendeu-se a peleja. Tres vezes aferram os piratas a nossa capitaina, sem lograrem entral-a. N'isto o desventurado mas valente D. Luiz cae varado de uma bala pelos peitos, e quebradas as pernas por outra; e ainda assim, continua animando o combate, até que uma lançada deu com elle morto. Sepultaram-n-o os piratas na grande valla marinha.

Estas ultimas proezas e desventuras não poude porém sabel-as o Ferreira, fallecido em 69, dois annos havia.

Tal foi, em dois traços, a vida do valoroso capitão D. Luiz Fernandes de Vasconcellos.

Luiz Gonçalves da Camara, filho de João Gonçalves da Camara, quarto governador da Ilha de Madeira, e de D. Leonor de Vilhena; irmão de Martim Gonçalves da Camara escrivão da puridade; e ambos bisnetos de João Gonçalves Zarco.

Foi Luiz Gonçalves em 1559 chamado de Roma, onde tratava negocios da Companhia de Jesus, cujo membro era, para vir ser mestre d'El-Rei D. Sebastião inda menino. Era homem de grandes lettras; insigne latinista, hellenista, e hebraizante. Fallava com perfeição as linguas vivas.

Representou um grande papel na politica do tempo, pela muita influencia de que dispunha na côrte. Falleceu em 15 de março de 1575.

Dirige-lhe Ferreira a carta III do livro II.

Manuel de Sampayo, amigo de Ferreira, natural de Lisboa, segundo um documento que temos á vista; entregava-se *em terras suas* á vida de lavrador.

> . . . Ditoso tu, que lavras
> tua terra com teus bois...

lhe diz o Ferreira.

Era além de lavrador homem douto, digno commensal de poetas no banquete litterario d'aquelle tempo, e censor dos versos do Horacio portuguez, como Quintilio o fôra dos do Ferreira de Tibur.

Era Bacharel em Canones, formado no anno de 1551, com o seu amigo Antonio Ferreira, e mais doze condiscipulos (ao todo quatorze), cujos nomes já publicámos, extrahidos do cartorio da Universidade por pessoa fidedigna.

D'esses nomes porém nenhum nos é conhecido na historia litteraria.

Dedica a Manuel de Sampayo o nosso homem a sua ode VII do livro I, e a carta X do livro I, que é das melhores peças que saíram da sua penna.

D. Maria (a Senhora), filha mais velha do Infante D. Duarte e da Infanta D. Isabel, filha de D. Jayme quarto Duque de Bragança.

Nasceu esta Senhora a 8 de Julho de 1538; celebraram-se por procuração os seus contratos matrimoniaes com o Duque de Parma e de Placencia Alexandre Farnese

(vide) em Madrid a 14 de Março de 1565; foram ratificados na presença da Princeza em Lisboa a 22 de Maio com grande pompa. Partiu de Lisboa a 14 de Setembro seguinte n'uma grande armada que a veio buscar, capitaneada pelo conde de Mansfeldt. Demorou-se em Bruxellas algum tempo gozando com seu marido as muito extraordinarias festas com que era recebida, e em 24 de Junho de 1566 entrou em Parma, onde viveu adorada de todos onze annos, fallecendo em 1577 a 8 de Julho, quando completava 39 annos.

Aos seus desposorios dirigiu Antonio Ferreira um epithalamio; e Caminha outro, e a epistola xv.

Marquez de Torres Novas (D. Jorge de Lancastre), depois segundo Duque de Aveiro, filho do primeiro Duque de Aveiro, e neto por consequencia do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, amo de Martim Ferreira.

Era cavalleiro professo na ordem de Santiago, Alcaide mór de Setubal, Senhor de Monte Mór o Velho e Penella.

Na acclamação d'El-Rei D. Sebastião coube-lhe levar a cauda do vestido do mesmo senhor, menino de tres annos, que ia ao collo de D. Lopo de Almeida.

Figurou o marquez no capitulo da sua ordem celebrado com grande pompa por El-Rei D. Sebastião em 14 de Novembro de 1564 na casa do capitulo de S. Francisco da cidade, como se lê em Barbosa, Tomo II pag. 432.

Era irmão de D. Pedro Diniz de Lancastre (Vide). Figuraram ambos muito no desposorio da senhora D. Maria com o duque Alexandre Farnese.

Ao marquez D. Jorge e a seu irmão D. Pedro, dedicou o nosso Antonio Ferreira a sua historia de Santa Comba dos valles.

É sempre e em tudo a sua devoção hereditaria á casa de Aveiro.

Além d'isso dedicou tambem ao mesmo Marquez os sonetos XVIII e XIX do livro II, sendo o primeiro d'esses dois sonetos por occasião do casamento d'elle com D. Magdalena Giron, filha de D. João Telles Giron, quarto Conde de Ureña em Hespanha, e Senhor de Ossuna, e de D. Maria de la Cueva filha de D. Francisco Fernandes, segundo Duque de Albuquerque. Dos Condes de Ureña procedem os Duques de Ossuna.

Morreu este segundo Duque de Aveiro na batalha de Alcacer, tendo feito prodigios de valor, passando a casa para sua sobrinha D. Juliana de Lancastre, casada com seu tio D. Alvaro de Lancastre.

MENEZES. — (Vide Antonio de Sá e Francisco de Sá.)

MIRANDA. — (Vide Francisco de Sá.)

NORONHA. — (Vide D. Angela.)

PEDRO DE ALCAÇOVA CARNEIRO (ou PERO), secretario de Estado d'El-Rei D. João III. Era-o ainda ao tempo em que foi acclamado El-Rei D. Sebastião. Foi mais Commendador da Idanha na ordem de Christo, Vedor da Fazenda, e do conselho d'Estado dos Reis D. Sebastião e D. Filippe I, e foi depois Conde da Idanha. Foi mais por El-Rei D. Sebastião mandado Embaixador a El-Rei D. Filippe em 1575. Foi casado com D. Catherina de Sousa, e falleceu em 1593.

Tinha Pero de Alcaçova pedido a Pero de Andrade lhe mandasse uns seus versos ; ao que o poeta refugira por modestia algum tempo ; depois por já envergonhado de não haver cumprido ordem tão lisonjeira. Instado novamente

pelo ministro, respondeu-lhe com estas duas quadras, que não deixam de ter seu chiste:

De corrido de tardar,
folgava já de ir tardando;
mas já agora vou estando
mais corrido de chegar.

Sempre quiz obedecer;
mas té 'gora me deteve
não dever apparecer
quem apparecer não deve.

A Pero de Alcaçova dirige Ferreira a sua optima carta II, do livro I, por onde se vê o alto conceito moral e politico em que o tinha.

Pedro de Andrade Caminha (ou Pero), filho de João Caminha e de D. Filippa de Sousa, e descendente de Fernão Caminha, castelhano que com seus filhos se passou a Portugal em tempo d'El-Rei D. Fernando. Consulte-se a biographia anonyma anteposta ás obras do poeta, e que, segundo o voto sempre consciencioso do Snr. Innocencio F. da Silva, é de José Corrêa da Serra.

Não se sabe o anno em que nasceu Pero de Andrade; sabe-se que era casado com D. Paschoala de Gusmão, e tinha uma filha, D. Marianna. Falleceu Caminha em 9 de Setembro de 1589.

Foi camareiro do Senhor D. Duarte filho do Infante D. Duarte, e sobrinho d'El-Rei D. João III. Era poeta geralmente estimado no seu tempo. Grande partidario e amigo de Ferreira. Um dos seus *mais aproveitados discipulos* lhe chama benevolamente o autor do Diccionario bibliographico. Accrescentaremos, que o seu mais servil imitador. É curioso ver quanto a amizade que a ambos tão

intimamente ligava poude influir para que Andrade Caminha se identificasse quasi com o seu modelo. Com menos talento quiçá, soube aproveitar bem muitos dos dotes com que o brindara a Providencia. Não tem elevação, mas tem uma certa graça e espontaneidade, que nos encanta. É o seu livro precioso principalmente para a historia do tempo, pelas muitas minucias que soube conservar de gente, usanças, e coisas, hoje esquecidas.

Amava uma Filis; provavelmente era D. Paschoala; não o podemos ao certo averiguar. A Filis allude varias vezes Ferreira.

A este dedicou Pero de Andrade a epistola IX, a elegia III, a ode III, e os epitaphios XXXI, XXXII, e XXXIII; e os epigrammas CLXI, CLXIII, CLXIV.

Mutuamente se prestaram, o Ferreira e o Caminha, os singelos serviços de consoladores de mágoas.

Ferreira lhe dedicou a ode II do livro II, a elegia V, e as cartas III e VIII do livro I, e o celebra varias vezes sob o nome de Androgeo.

Cumpre dizer, como simples apontamento, que ha entre as obras de Sá de Miranda[1] um soneto de Andrade Caminha, que escapou aos doutos collectores das obras d'este poeta na edição academica, entre os fragmentos já impressos. A esse soneto respondeu o Miranda pelos mesmos consoantes *como fez o Petrarcha*, diz elle na edição de 1595.

D. Pedro Diniz de Lancastre, filho do primeiro Duque de Aveiro, e irmão do Marquez de Torres Novas. Morreu sem geração. Dirige-lhe o autor a historia de Santa Comba, e o soneto XX do livro II.

[1] Edição de 1784, tom. I, pag. 15.

Sá de Menezes. — (Vide Antonio e Francisco e João Rodrigues.)

Sá de Miranda. — (Vide Francisco.)

D. Sebastião (El-Rei). — Dirige-lhe o autor a carta i do livro II.

D. Simão da Silveira, filho de um dos poetas do Cancioneiro, o primeiro conde da Sortelha. Seguindo a moda, era tambem curioso de poeta. Parece ter escripto duas elegias, uma ao bom ladrão, outra á Magdalena. O que porém é certo, e foi esquecido por Barbosa, e até pelo incançavel Snr. Innocencio F. de Silva, é ser D. Simão autor de um soneto á morte da mulher de Antonio Ferreira, impresso nas obras d'este, e de uns versitos hespanhoes que veem com as obras de Sá de Miranda[1]. Dedica-lhe Ferreira a carta x do livro II. No artigo Jeronymo Côrte-Real notámos a circumstancia de ter este poeta remettido a D. Simão um quadro seu, acompanhado de uma elegia (inedito que possue o Snr. Visconde de Juromenha.) Vide o que de um irmão de D. Simão da Silveira dissemos n'uma nota ao capitulo ix.

Sousa. — (Vide D. Catherina e D. Filippa.)

Teive. — (Vide Diogo.)

Toar. — (Vide D. Anna.)

Torres-Novas. — (Vide Marquez.)

Vasco da Silveira, coronel de infanteria; mencionado sempre com distincção pelas chronicas. Era casado com

[1] Edição de 1784, tom. II, pag. 53.

D. Ignez de Noronha, como se deprehende do epithalamio que a pag. 253 do seu volume lhe dedicou Andrade Caminha.

Teve um *desastre nos olhos*, não sabemos qual, como consta do epigramma CLXIX do mesmo Caminha. Ao que Vasco da Silveira (tambem curioso de versos) respondeu com duas quadras, que veem na edição de Caminha.

Nasceu-lhe do seu consorcio uma filha a 8 de Dezembro, não sabemos de que anno, segundo se vê da ode XI de Caminha. Chamou-se D. Marianna.

A Vasco da Silveira dirigiu Ferreira a carta XII do livro II, de desabafo contra os maldizentes do seu tempo.

Falleceu o mesmo Silveira a 4 de Agosto de 1578 na batalha de Alcacer.

Vide Barbosa, Memorias, Tom. IV, pag. 415.

VASCONCELLOS. — (Vide D. Antonio e D. Luiz Fernandes.)

XXX

Rixas litterarias. — Ferreira e Camões. — Camões e os contemporaneos.

Vimos a harmonia e a amizade; importa examinar o reverso da medalha.

Não é a republica das lettras tão pacifica e livre de malquerenças, como *a priori* pensaria quem a avaliasse pelo que devêra ser. Pelo contrario : é dos mais turbu-

lentos estados livres do globo. As invejas, as intrigas, os odios até, os attentados de todo o genero, trouxeram sempre o lago das pobres rãs litterarias n'um verdadeiro badanal.

De algumas d'essas desavenças nos antigos tempos ha vestigio; outras adivinham-se apenas. Umas deixaram pegada funda na historia litteraria, tanta era a importancia e virulencia dos contendores; outras só por algum raro indicio se podem rastrear.

São interessantes os pugilatos litterarios da Roma antiga; os da França de todos os tempos; os da propria fleugmatica Inglaterra; e quanto nos não toca de perto aquelle constante motim com que o fogoso Bocage, os seus sequazes, e os seus emulos, trouxeram revôlto o Parnasinho portuguez!

O tempo em que viveu o Ferreira não podia eximir-se a tal gafa; e mais por aqui, mais por ali, se deprehende da leitura dos escriptores contemporaneos d'elle, que os irmãos da mesma confraria se beliscaram entre si mais de uma vez.

Lá como hoje não era; a imprensa livre não dera ainda o braço á livre má creação. O tristissimo espectaculo que vemos na nossa litteratura periodica e não periodica, faria corar de vergonha os nossos *atrazados* avoengos.

Parece-nos (em boa hora o digamos) que o nosso Portugal foi das terras menos eivadas d'esta vis belligerante, sobre tudo se o compararmos com a Hespanha d'esse tempo, e até com a polida França, cuja lingua é, como poucas, açacalada para o epigramma e para a satyra.

Não fallaremos das brigas do mulato Affonso Alvares, poeta de autos, creado do Bispo de Evora, e depois mestre primario em Lisboa, com o seu contemporaneo

Antonio Ribeiro (o Chiado), amigo de Camões[1], e a quem alludimos n'um dos capitulos supra.

Não recordaremos que o Miranda, respeitado e venerado até, padeceu ainda assim do grupo da escola contraria alguns antagonismos. Quando os não adivinhassemos, menciona-os elle vagamente no seio da amizade[2].

Ha tambem em algumas cartas do proprio cordatissimo Ferreira, sob um certo tom amargo desfarçadas allusões a meritos mal comprehendidos, a poetas apesinhados, a nullidades coroadas; intrigas, de que infelizmente nos falta a chave.

N'aquella silva de preciosas bugiarias, que formam quasi toda a bagagem poetica do nobre Caminha, tambem a essas rivalidades litterarias se podem encontrar bastas allusões.

O que porém chama agora a nossa attenção é mais alto do que essas questiunculas, hoje esquecidas; é nada menos, do que limpar da mais negra das calumnias a honestos caracteres, como os de alguns litteratos contemporaneos do nosso grande Camões, todos a eito pela posteridade acoimados de invejosos, e como que assombrados d'aquelle genio da epopêa.

Que Luiz de Camões teve detractores e inimigos, até na pleiade dos *bons engenhos*, é sabido, e era inevitavel; mas que esses homens, de intelligencia tão acima do vulgar, se conjurassem todos (*todos* repetimos), n'um silencio geral de acinte contra o seu illustre conterraneo e

[1] Biographia de Camões pelo Senhor Visconde de Juromenha, tom. I, pag. 136, in fine.

[2] Brandamente se queixa elle na Carta ao Doutor Antonio Ferreira (Sá de Miranda edic. de 1784, tom. I, pag. 281) de uma certa opposição, que declara moverem ás reformações italianas da nova Musa os partidarios da Musa nacional, apesar de tão decaída de seus foros.

confrade, era inverosimil, quando não fosse falso. A posteridade, justamente fanatica, nobremente allucinada pelo resplendor d'esse nome, errou n'este ponto: pediu aos contemporaneos do aventureiro da India o feudo que deviam pagar ao cantor das nossas glorias, e condemnou n'um tribunal iniquo a muitos d'esses homens, só porque as suas lyras não adivinharam. Esta nos parece a verdade.

Peçamos ás datas o seu argumento decisivo.

Como a tradição o consagrou, e o pinta o Snr. Visconde de Juromenha (para não citar mais do que este illustre e consciencioso biographo, que excedeu e compendiou os outros), era o juvenil Camões um grande tunante, useiro e vezeiro a arruaças, valentão, indomito, namorado, genio mui avesso do que parecem haver sido alguns dos sizudos poetas seus coetaneos. Se se reparar em que aos 11 de idade (1535) já elle se empenhava todo farfante em acompanhar a Tunis o Infante D. Luiz[1]; que aos 21 ou 22 já as suas galanterias amorosas no Paço o desterravam para Constancia, e pouco depois, pelas suas reincidencias, o atiravam para Ceuta pelos annos de 1546; se se attender a que, não emendado, o brigão do nosso homem, depois do conhecido caso da desavença dos mascarados no Rocio em dia de Corpo de Deus, obtinha como grande mercê partir para a India, como de feito partiu em 1553 a 24 de março, correndo lá as mais cançadas aventuras, e deixando a vida

pelo mundo em pedaços repartida;

se se ponderar que devia de andar já esquecido do publico de Lisboa, e só lembrado, ou de alguns amigos a quem

[1] Vide o nosso capitulo VIII.

escrevia de longe a longe, ou das victimas das suas leviandades; se se attender imparcialmente a isso tudo, grande attenuação tem a supposta *conjuração de silencio* dos seus contemporaneos.

Aquelle mancebo doido não era, não, o nosso Camões de hoje, o Camões nosso idolo, o nosso brazão, o Camões das desventuras, o Camões do monumento cujo pedestal são tres seculos. Era um pobre aventureiro, cheio de talento e de má sina, insoffrido, bom companheiro, leal amigo, e modelo de soldados. Mas, no meio dos grandes interesses do reino e da conquista, que importava esse valdevinos á opinião geral em Lisboa? sejamos justos: quem se detinha em olhar com respeito idolatra para aquelle fanfarrão das trovas, tão mal estreadas, que só lhe mereciam o desterro ou o tronco?

Mas eu que fallo humilde, baixo, e rudo,
de vós não conhecido nem sonhado

dizia elle, parece que de molde para o nosso caso.

É verdade que o bom Sá de Miranda já tivera novas d'elle pela carta que lhe dirigiu seu cunhado Manuel Machado de Azevedo[1], fallando-lhe com encomios d'aquelle moço, recem-chegado á côrte, acolhido entre a primeira sociedade, cujas delicias era, e já então comparado aos grandes poetas pelo enthusiasmo dos seus ouvintes. Mas que se dava d'isso ao cançado Miranda (trinta annos mais velho), todo voltado para as suas lavoiras, já meio indifferente a essas novidades, na sua quinta do Minho!

Depois de largos annos de desterro e trabalhos, volta o Camões á terra da patria, *mais pobre e mais poeta que*

[1] Visc. de Jur., tom. I, pag. 28.

nunca, na phrase de um dos que melhor o souberam comprehender[1].

Fundeia em Cascaes em abril de 1570 na nau Santa Clara; traz na mão o seu poema, ainda mal enxuto dos naufragios e das lagrimas; começa o seu martyrio; agora sim que bate ás portas do templo da gloria; agora sim, que é o Camões poeta.

Sem attender a que n'esses revoltosos tempos pouco poderia a aura popular deter-se a escutar a pobre musa recem-vinda, e a que o *alaude poetico seria mal ouvido entre o estrepitoso som dos instrumentos de guerra*, como muito bem disse um escriptor[2], reparemos só, para salvar já já do labeo infame da inveja ao nosso Antonio Ferreira, em que havia um anno que a peste o dizimara. Mal poderiam d'antes ter-se conhecido os dois, pois que ao tempo da saída do Camões para a India, tendo já andado no galarim da moda, e nas palmas do mundo elegante, ainda o Ferreira devia ser, e era, um obscuro poetastro das margens do Mondego.

A indole dos dois havia provavelmente de separal-os, ainda que o acaso os tivesse juntado alguma vez. Camões tinha muita graça, muito despejo de lingua, muita ousadia, creava inimigos, que por força o evitavam. Ferreira era todo brando, melancolico, sisudo, conservador. O Camões, versatil e galanteador, incensava outras que não eram a Natercia. O Ferreira era um modelo de constancia lacrimosa.

De mais, os Lusiadas, o grande livro, o incontestavel titulo de gloria de seu autor, só dois annos depois, em

[1] A. F. de Cast. Camões-drama.
[2] O Senhor Visconde de Juromenha.

1572, viam a luz; tres annos depois de fallecido Antonio Ferreira.

Que se este tivesse tratado o grande epico o teria apreciado litterariamente quanto devia, temol-o por de fé; que o diga o seu caracter generoso, sempre prompto ao louvor, sempre encomiasta, sempre venerador dos merecimentos. Perdoe-se pois ao illustre litterato Costa e Silva (para não citar mais nomes) a insistencia com que martella no silencio conspirado dos poetas, e nomeadamente no de Ferreira ; se tivesse meditado, havia de modificar a sua opinião, que era leal.

Muito bem ponderou um erudito brazileiro[1] o seguinte : *Foi* (o Ferreira) *contemporaneo de Camões, posto que nunca o mencione em suas poesias, como pratica com outros poetas menos celebres, o que se deve talvez attribuir a achar-se o ultimo então na India, onde viveu o melhor da sua vida.*

Permittimo-nos pois (com a venia devida a um tão consciencioso investigador como o Snr. Visconde de Juromenha) não aceitar a interpretação que S. Exª. deu de passagem (na nota 24) ao verso de Ferreira na egloga III :

E Magallio de inveja estê morrendo,

e seguintes, tomando por Magallio, personagem ficticio, o Camões.

Aquillo tudo não passava (a nosso ver) de recordações virgilianas innocentissimas :

. . . Invidit stultus Amyntas

[1] O Senhor Francisco Sotero dos Reis no seu *Curso de litteratura portugueza*, tom. II, pag. 1.

foi talvez a origem remota d'estas *invejas* de Magallio.

Pastores, coroae, que vai crescendo,
este novo poeta de hera e flores,
e Magallio de inveja estê morrendo, etc,

é visivelmente uma traducção do

Pastores, hedera crescentem ornate poetam,
Arcades, invidia rumpantur ut ilia Codro;
Aut, si ultra placitum laudarit, baccare frontem
Cingite, ne vati noceat mala lingua futuro.

Diz-nos a consciencia que esses versos de Ferreira não eram mais que eruditos; para serem malignos (em boa verdade), não achamos fundamento seguro.

Isto tudo quanto ao Ferreira.

Quanto ao seu mestre Sá de Miranda, mais avulta ainda, se é possivel, o engano dos criticos, pois que o fallecimento d'elle foi em 1558 isto é doze[1] annos antes do Camões chegar a Lisboa. Esta aproximação fel-a (e muito o honra) o Sr. Innocencio F. da Silva no seu Diccionario[2], *para responder incidentemente* — diz elle — *aos que pretendem descobrir no silencio guardado por Sá de Miranda uma prova de inveja*, etc.

A Pero de Andrade Caminha não o favorecem as datas; morreu muito depois do Camões; teve tempo de sobra para o conhecer, e ver os Lusiadas impressos e reimpressos[3]; e se os não celebrou entre o regimento de illustres

[1] *Doze* annos, desde que o Senhor Visconde de Juromenha fixou a data da chegada de Camões em 1570; *onze* annos para os que escreviam antes do apparecimento da notavel biographia do poeta.

[2] Tom. III, pag. 53.

[3] Ha-de dar, segundo as mostras, occasião para discussão eterna o liquidar quantas fossem as edições dos Lusiadas entre 1572 e 1584. É opinião do antigo Bibliothecario mór de Lisboa o Senhor Jozé Feliciano de Cas-

nullidades a quem presenteava com os seus versinhos, a tantas causas se pode isso attribuir, que nos parece arriscado e imprudente assacar-lh'o á conta de inveja sordida. Quem sabe se se não perderia alguma coisa dos versos do Caminha, cujos manuscritos estiveram dois seculos ineditos!

Adduzem uma especie de prova á supposta animosidade; e é só o epigramma CXLV, atirado *Contra um poeta* como os CXL, CXLI, CXLII, CXLIII, CXLIV, CXLVI, CXLVII, CXLVIII.

Ora permitta-nos o illustre autor do Diccionario Bibliographico portuguez, que, com a franqueza que em taes materias se deve usar, não aceitemos a sua conjectura, por faltar á verisimilhança, e depreciar (com as melhores intenções) um homem contra o qual nada (que saibamos) se conspira. Esse argumento tirado da simples aproximação do

> Dises que o bom poeta ha-de ter *furia*

com o

> Dae-me uma *furia* grande e sonorosa,

é pobre e invalido. Rejeitamol-o; e ficará a decisão do pleito para quando apparecer algum indicio mais claro da inveja odienta do Caminha.

Bernardim Ribeiro, já velho e decahido, conheceu o

tilho Barreto de Noronha, que entre a chamada primeira edição e a dos Piscos houve varias outras, todas com a data de 1572; quantas não é possivel dizel-o, nem averiguar qual fosse a primeira. O que o douto bibliographo tem por certo é que se succederam as edições, e que o editor punha a mesma data para enganar os censores, e evitar delongas. Ha porem opiniões que divergem da do erudito escritor, como em breve estudaremos. Fosse porem como fosse, Caminha poude ver de certo a primeira edição de Antonio Gonçalves, 4°, 1572, e a de Manuel de Lyra 8°, 1584.

Camões, segundo o Sr. Visconde de Juromenha, e foi seu dedicado amigo.

Garcia de Rezende é de crer que o não tratasse.

De Antonio de Castilho nada podemos dizer, pois todo o seu espolio se perdeu, menos uma pequenissima parte.

Do silencio de Jeronymo Corte-Real, bem como do de Jorge Ferreira de Vasconcellos, fallecido em 1585, poderia inferir-se o peccado da inveja; mas concordemos em que é um pequenissimo reforço esse negativo argumento do silencio.

Diogo Bernardes infelizmente não podemos tão affoitos livral-o da pronuncia; condemnal-o, tambem não devemos. Para um julgamento imparcial, os seus quasi provados plagios são porém na suspeita dos seus biographos terriveis inducções.

D'este supposto silencio intencional dos contemporaneos tirou o autor do drama *Camões* (ahi mais poeta que historiador) motivo para a eloquente lamentação que no acto v faz o proprio Camões, por estas palavras:

..... *Esses poetas, meus contemporaneos, cantando-se uns aos outros nunca a mim me cantaram* (*só o meu Diogo Bernardes*); *nem Antonio Ferreira, nem Jorge de Monte-Mór, nem Jeronymo Côrte-Real, nem Jorge Ferreira de Vasconcellos, nem Frey Agostinho da Cruz, nem Pero de Andrade Caminha, nem Sá de Menezes; nenhum! Será inveja?— dizia eu quando era vaidoso; agora, hei medo de que fosse justiça!...*

Fechando por aqui este incidente, estabeleçamos como ponto incontrovertivel (e é o essencial) que se o nosso Ferreira ouviu fallar, por acaso, em Camões, muito por

longe seria isso; e que do grande Camões dos Lusiadas não podera elle ter noticia, pois tinha fallecido antes de publicado o livro, e antes mesmo da chegada do poeta.

XXXI

É Ferreira despachado para Lisboa Desembargador da Casa do Civel. — Os Mecenas.

Chegou um dia em que o esperançoso professor da Universidade de Coimbra teve de cortar por todas as recordações que o apegavam áquella boa terra, e partir definitivamente para Lisboa. Foi certamente um momento amargo que elle teve de curtir; mas ordenava-lh'o o serviço d'El-Rei.

Temos á vista uma carta regia, datada de 14 de Outubro de 1567, em que, nos termos mais honrosos para o nosso poeta, lhe é conferida a mercê do logar de Desembargador da Casa do Civel; bem como outra carta, de 20 do mesmo mez, declarando-lhe o mantimento e ordenado de cincoenta mil reis annuaes, pagos aos quarteis[1].

Assim o arrancavam á sua vida placida de Coimbra, para

[1] Foi a rogos do autor d'este livro que um dos nossos mais distinctos diplomaticos, digno official do Real Archivo da Torre do Tombo, o Senhor Roberto Augusto da Costa Campos extrahiu do mesmo Real Archivo as copias dos importantissimos documentos a que nos referimos, e que, por serem ineditos até hoje, achamos sobre-modo interessantes para os lei-

o sepultarem entre rumas de processos nas abobadas da Casa do Civel.

Desembargador! elle!! Nunca El-Rei D. João I, quando

tores. Protestamos n'este logar o nosso agradecimento á obsequiosidade do Senhor Costa Campos, e passamos a transcrever as Cartas:

I

Dom Sebastyão, etc., faço saber aos que esta carta virem que, confiando eu da bondade, letras e saber do Doutor Antonyo Ferreira, e que nas cousas que lhe encaregar fará asi bem e direitamente como cumpre a meu serviço, e querendo-lhe fazer graça e mercê, tenho por bem e o tomo ora novamente por desembargador de minha casa do ciuel, asi e da maneira como o elle deve ser, e como o são os outros desembargadores della, com o qual officio elle averá o mantimento que lhe será decllarado em outra minha provisão, e asi terá e vsará de todos os priuyllegios e liberdades que teem e de que gosam e vsam os meus desembargadores. E mando a Dyogo Lopes de Sousa, do meu conselho, e gouernador da dita casa, que aja o dito Doutor Amtonio Ferreira por desembargador d'ella e o meta em pose do dito officio, e lho deixem seruir e delle vsar e gosar de todos os priuilegios e liberdades que dito he, na maneira acima declarada, sem lhe a isso ser posta duuida nem embargo allgum, porque asi he minha mercê, e elle jurará em minha chancellaria aos santos euangelhos que sirva (*sic*) o dito officio bem e verdadeiramente, guardando em todo a mym meu serviso, e ás partes seu direito. Diogo Fernandes a fez em Lisboa a quatorze dias doutubro, ano do nacimento de noso Senhor Jesu-Christo de mil quinhentos sessenta e sete. Baltesar da Costa a fez escrever.

(Chancellaria d'El-Rei D. Sebastião, livr. XX, fol. 447, no Archivo da Torre do Tombo.)

II

Dom Sebastyão, etc., faço saber aos que esta carta virem que eu ey por bem e me praz que o Doutor Amtonio Ferreira, do meu desembarguo, que ora tomey por desembargador da casa do civel, tenha e aja de mantimento, ordenado com o dito officio, cimcoenta mill reis em cada um ano; e portanto mando aos vedores de minha fazenda que lhos façam asemtar no livro das ordinarias della, e ao governador da dita casa que lhos faça levar em rol dos ordenados dos outros desembargadores della, pera lhe serem em cada hum ano paguos os ditos cincoenta mil reis, em quanto servir, aos quarteis segundo ordenança. Symão Borralho a fez em Lixboa aos vinte dias do mes doutubro, ano do nacimento de noso Senhor Jesu Christo, de mill quinhentos sessenta e sete, e eu Duarte Dias a fiz escrever.

(Chancellaria d'El-Rei D. Sebastião, livr. XVIII, fol. 508, no mesmo Real Archivo.)

instituiu esse tribunal, pensou que com isso havia de vir, d'ahi a algumas dezenas de annos, a esmagar um poeta. Não foi para entenebrecer essa boa gente inoffensiva, que se crearam aquellas becas negras, que ainda hoje subsistem. Porque arrancaram o bom Serrano ás margens bucolicas do Mondego, para o atruzar nas abobadas sombrias dos antigos Paços da Moeda (ao Limoeiro)? Não vêem que o matam? não pressentem que lhe falta o ar?

E depois, desembargar ou decidir que pleitos? como querem que o possa, quem até entre dois pastores cantando ao desafio, como Aonio e Vincio[1], ia pedir o desembargo do illustre Tevio, como Virgilio o pedira a Palemon para Dametas e Menalca, ou a Melibeu para Corydon e Thyrsis? Tenhâmos em conta fraca os desembargos do nosso Desembargador; nem nos admira que elle odiasse tanto a escrevaninha official, quanto ella o empecia a elle.

E então n'aquelle tempo! tão de safra era elle para a chicana, que no Bristo[2] se nos depara uma curiosa lamentação d'esse verdadeiro prurito forense. Eram já tantos os lettrados, e era tamanha a mania do pleitear, que até os senhores e os Reis andavam d'ella gafeirentos[3]. O peior era, que essa costumeira, filha muita vez de causas sem direito, brotava os maus lettrados, os enredadores desaforados, os sophistas chicaneiros,

os que conselham roubo e crueldade,

[1] Egl., V.

[2] Act. I, sc. III.

[3] A mania dos demandistas de Athenas já dera assumpto a Aristophanes para a sua comedia as *Vespas*.

como dizia o Ferreira[1], os que vivem como vermes na podridão da consciencia alheia.

Já El-Rei D. Pedro o Cru os rechaçara dos auditorios do seu tempo; e andou bem, o que nem sempre lhe acontecia. Villas Boas[2] chega a negar aos maus lettrados a *nobreza adquirida*, em quanto equipara os bons aos doutores *feitos em estudo geral.*

Para Lisboa pois transferiram o nosso homem, cuidando aproveitar em cheio as suas distinctas faculdades. Não nos podemos ter que não exclamemos pela bocca do proprio poeta:

Ó cega multidão! e assi captivo
quereis fazer á baixa fex da terra
um alto engenho?! assi enterral-o vivo[3]?!

Foi talvez inspiração de algum dos grandes, que tanto o presavam como poeta e como cidadão; foi (quem sabe?) um rasgo de Mecenas, muito para louvar n'outras circumstancias, mas aqui mais daninho que proveitoso. Cuidando protegel-o, intanguiram-n-o.

Os Mecenas! se ha nada mais nobre e tambem mais melindroso do que a missão d'esses protectores, cujo typo legendario é ainda hoje o sol de todos os engenhos! Deixando a de parte, para outra occasião mais opportuna, a valia intrinseca ou apparente, o interesse politico, ou o desinteresse amigavel, do valido de Augusto, na sua proverbial protecção ás artes[4], sempre diremos que algu-

[1] Cart., liv. II, II.
[2] Nobil. portug., pag. 149.
[3] Ferreira. Cart., liv. II, IX.
[4] Vide a obra do distincto archeologo francez M. Beulé: *Auguste et son siècle.*

mas vezes pode mais o Mecenas, do que o proprio Augusto.

> Mais sans un Mécénas à quoi sert un Auguste?

disse Boileau[1], que a fundo conhecia os Augustos e os Mecenas.

E avisadamente cantou o satyrico romano aquelle sabido e decorado verso :

> Sint Mœcenates, non deerunt, Flacce, Marones[2];

que o nosso grande epico verteu (talvez sem reminiscencia d'elle) :

> O favor com que mais se accende o engenho.

E note-se como ia certeiro aquelle verso romano a quem, como o autor do *Carmen seculare*, tudo devia ao sopro aulico e á boa sombra de um Mecenas. *Flacce.*

Não se invoca o favor de um Augusto, de um Péricles, senão só o de um Mecenas. Reparae que não é o Imperador quem pode o milagre; é o ministro. *Sint Mœcenates*. Mas não é o milagre um poeta de pouca monta e nomeada, senão o principe dos poetas. *Non deerunt, Flacce, Marones.*

É isto dizer que, em um ministro regio o intentando, brotará da escrevaninha Marões aos centos? e que (Moisés profano) logo que percuta o monte com o conto da sua vara, rebentarão dos alcantís as Hippocrenes e Aganippes? Não ; o nosso texto não diz isso; não promette a abundancia, senão a qualidade; não augura legiões de Virgilios,

[1] Sat. I, v. 86.
[2] Marcial. Epigram., liv. VIII, pag. 56.

senão que lá põe, e com muito recato e subtileza, um *non deerunt*. Isto não quer dizer que abundem, mas só que não faltarão; e n'isso bate o essencial do nosso ponto.

O favor sim, que accende o engenho; mas o favor intelligente. A esses pobres passaros de Deus que chamam poetas, não deis embora o grão; negae-lhes embora a agua; mas sequer não lhes pendureis a gaiola nas grades da Casa do Civel!

XXXII

O desterrado em Lisboa.

Em Lisboa... esmoreceu. É ler as cartas, em que para os seus intimos lamenta o pobre desterrado a sua sorte, cheio de saudades dos seus tempos de Coimbra.

A contraposição tambem não era para menos. Saír de Coimbra, cidadinha risonha e festeira, onde o poeta vivia como entre amigos, na intimidade escholastica tão dura de perder, e entrar na grande Lisboa, rumorosa e triste, onde (apesar de ser esta a sua terra) elle se via quasi tão hospede como Tityro em Roma! Deixar os bons ares d'aquella aldeia episcopal e doutoral, para vir encovilar-se n'esta grande Alfama, cheia de casas altas, de pesados conventos escuros, de grossas muralhas bastidas de torres, cortada de indifferentes, mesclada de interesses, que a elle o não moviam, ensurdecida de vozes, de

pregões, de descantes, tão pouco inspirativa para um poeta bucolico, tão madrasta para os bons engenhos! Era cruelissima a transição. Tornou-se o nosso Horacio triste e misanthropo (ao menos em verso); os seus desabafos d'esse periodo podiam ser assignados pelo Alceste de Molière.

> . . . Se tivesse azas, fugeria,

confessa em segredo a Diogo de Teive[1]; e desabafando com Manuel de Sampayo grita assim:

> Afronta esta alma triste em tanto aperto[2].

(Note o leitor a energia d'esse verbo neutro *afronta.*)

Ainda se o Desembargador fosse um d'esses galantes bordados e alfenados, que andavam girando pelo Rocio, pelo Terreiro, pela rua Nova um dia todo, sem pensões, sem mais fragoas que as incertezas de uma partida de pella, ou as fadigas de uma carreira de cavallos[3]! sem mais cuidados, que assoalharem os seus pellotes, as suas gorras, as suas plumas, os seus alazões! d'esses taes, que, á moda do Alexandre do Bristo[4] (o theatro é sempre retrato), comem, bebem, riem, dormem seu somno em cheio, conversam com seus amigos, jogam, tangem, passeiam, e só com isto se desenfadam!! mas ah! que não. Antonio Ferreira, espirito mais serio e mais alto, não faz de uma cidade inteira espelho e camarim; quer e precisa officina para a grande forja intellectual, concentrada,

[1] Cart., liv. II, IV.
[2] Od., liv. I, VII.
[3] Ainda se conserva em Lisboa o nome de *carreira dos cavallos* ao sitio onde os elegantes antigos iam fazer apostas e correrias equestres de grande nomeada no seu tempo.
[4] Act. I, sc. II.

silenciosa, banhada de sol, mas sombreada de arvoredo. E onde ter arvores e sol na grande Lisboa? aqui, onde tudo é chato e vulgar! onde se louvam os nadas, e se vive de nada! onde são incensados dia a dia os idolos do oiro e os da intriga! aqui onde os poetas não são mais que uns loucos (e isto já no tempo de Sá de Miranda) uns loucos de quem se diz por motejo que andam sempre fallando comsigo, e cacarejam mais um verso, que uma gallinha o seu ovo[1]!!

Achava-se infecundo; exclamava cheio de tristeza:

> . . . Não sei que estrella ou maga
> a lingua me ata[2]!...

e logo:

> Por um momento que em mim Phebo mora,
> mil dias se me esconde e desampara[3]!

Transplantada, definhou a sensitiva.

Ha n'uma ode[4] de Pero de Andrade para Francisco de Sá de Miranda um bom quadro das distracções de Lisboa, contraposto ao socego rural da quinta da Tapada. Transcrevamos algumas sextinas:

> Louvarão muitos esta gran cidade,
> esta nobre Lisboa,
> raro Francisco, esta que do Occidente
> com grande nome em toda parte sôa,
> e soará com grão nome em toda idade,
> que dá leis ao Meio dia e ao Oriente.
>
> Seus espantos verão, suas grandezas,
> seus nobres edificios,

[1] Sá de Mir. Os Vilhalp., act. III, sc. II.
[2] Cart., liv. II, IV.
[3] Cart., liv. II, IV.
[4] Andr. Cam. Od. VII.

de obra antiga e moderna, as variedades
dos estados, das obras, dos officios,
dos negocios, dos tratos, das riquezas,
dos costumes, das leis, e das vontades.

Com alegre louvor verão partidas
d'aqui armadas nossas,
prosperas as verão depois entradas
cheias de mil despojos, prezas grossas,
com bandeiras triumphaes ao ceo erguidas,
com bandeiras de imigos derribadas.

Já no capitulo IX bosquejámos, com o lapis do proprio Ferreira, o que Lisboa era de inhospita para o trabalho mental; e tanto, que as Escolas levantaram vôo, como a casa da sempre Virgem, e foram poisar n'aquelle Loretto de Coimbra, muito mais azado para berço de bons estudos.

Era Lisboa já então uma larga extensão de terrenos, meio edificados, meio por edificar, extravasando muito por fora da cerca de muralhas d'El-Rei D. Fernando, como quem já rompera sem custo a primeira cerca moirisca. Ocioso fôra descrever-vos aqui (ainda que fosse a traço) a cidade quinhentista, que outros livros, muito melhor e muito mais a proposito vos pintarão.

Quanto porém á vida :

Tinham passado havia muito as austeridades semirepublicanas dos nossos avós, que inspiraram a Ferreira este verso :

Quão limpa e fermosa era sua pobreza[1]!

Desenfreara-se o luxo. As sedas, os tapetes, as madeiras raras, o oiro, a pedraria, que tinhamos, ou em

[1] Cart., liv. II, III.

casa, ou ao alcance dos nossos galeões, fizeram da Lisboa alta uma côrte tão policiada e luzida, que podia justar garridice e opulencia com as principaes. A meza, os passatempos, e os deveres ostentosos da vida official, consumiam (apesar dos brados eloquentes do nosso Plauto) um cabedal consideravel cada anno.

Primeiro incommodo, á quem só presava a honesta mediania, como o nosso homem, e escrevia a Luiz Gonçalves da Camara a carta III do livro II, como Horacio escrevera a ode XV do livro II.

Depois, a propria extensão da cidade, por toda a qual, mais ou menos, haviam de andar disseminados os seus amigos e admiradores, o dissipava, e lhe roubava horas sem preço. Elle ahi nos acode, como tanta vez, com bons versos que nos não hão-de deixar mentir :

> Mas em tão cheia, em tão gran cidade
> onde o esprito e a vista leva a gente,
> quem pode ser senhor da sua vontade?
>
> Mora um lá fora alem do gran Vicente;
> outro cá na Esperança; e hei-de ver ambos!
> foge inda o dia ao muito diligente[1].

versos imitados da epistola II do livro II de Horacio, e que o foram tambem por Boileau na satyra VI.

Segundo capitulo de accusação para o poeta desterrado.

Depois (e esta é a sua corda mais sensivel) aqui não via elle as asperezas tão agradaveis do campo livre e inculto. Esses mesmos arremedos de jardim, que uma cidade grande offerece a custo, entristeciam-n-o. Via as laboriosas trepadeiras revestindo os marmores custosos;

[1] Cart., liv. II, IV.

via as ruas alinhadas e varridas; ouvia as cascatinhas a lagrimejar, com a verdade de pastoras de egloga; via os caramanchões a quererem fingir os verdes antros de Virgilio; e reconhecia serem um esqueleto de madeira e arame, revestido por favor de alguma doentia e afadigada hera. Faltava-lhe no meio d'isto tudo o campo; e escrevia desabafando[1]:

. . . Atadas aos marmores crescendo
vão mil heras, jardins dependurados,
que das altas janellas se estão vendo.

Artificios são como roubados
á natureza, que, por mais que os forcem,
não podem longo tempo ser forçados.

Invejosos do campo assi em vão torcem
as vergas e os arames, mas co'um vento
ou quebram, se se secam, ou se destorcem.

Leva já a natureza um movimento
a seus tempos contino sempre, e certo,
que arte imitar não pode, ou instrumento.

Terceiro e gravissimo artigo do seu libello contra Lisboa.

Depois, presenceou dia por dia as maquinações da intriga forense, e o commercio anteposto ás boas lettras:

Outro fogo é o em que arde huma magoada
alma, que se acha só onde se reparte
a honra com balança e mão errada.

Quem soffrerá que leve a melhor parte,
que se deve á razão, a diligencia?
e que Mercurio vença a Apollo e Marte?

[1] Cart, liv. II, IV.

Tantas vezes provada a paciencia
não desesperará d'esta justiça?
e não trará mal quieta a sã consciencia[1]?

Anda meu Alceste, que os annos te amançarão.

Quarto motivo das suas amarguras.

Depois (quereis saber?) houve n'esta villa grande mas pequenina, quem, intromettendo-se-lhe no fôro intimo, o increpasse por querer abarcar a balança de Themis e a lyra de Apollo.

Poeta queres ser e ser lettrado?
— diz um ruim, e ás vezes dois e tres —
poeta, e senador grave chamado?

que mór chimera! que novo entremez!

A esses taes malsins sem mandato, respondeu elle, e muito bem, conversando com Vasco da Silveira, que o entendia[2]; carta onde a modestia lhe suggere este terceto acerca do grande titulo de *poeta*, hoje, como já então, liberalisado:

Ser chamado poeta não mereço.
Poeta seja Maro, e seja Homero,
e seja o meu Horacio, a quem obedeço.

Os incommodos que lhe causou essa increpação gratuita do *quidam* deram o seu quinto e solemne protesto de odio ás cidades.

Esses taes escrevinhadores impertigados, que pullulam sempre, que foram a praga de Horacio, a de Juvenal, a de Ferreira, a de Molière, a de Boileau, molestavam-n-o soberanamente. É ver como elle nol-os pinta, contentes,

[1] Cart., liv. II, XIII.
[2] Cart., liv. II, XII.

garbosos, decernindo grinaldas mutuas, invocando as Camenas, e impondo aos ouvintes a sua litteraturasinha de agua chilra em monologos interminaveis :

> Comtudo alguns ha ca, que se coroam
> de outras heras, contentes de si se amam,
> a si tangem, a si cantam, a si bem soam.
>
> Tambem Musas invocam, Apollos chamam,
> outra Mantua povoam, outras Athenas,
> outros novos Parnasos por ca afamam.
>
> Voam cobertos de mil novas pennas
> d'aves nunca ca vistas, e fermosos
> a si mesmos, se vão entre as Camenas.
>
> A todo tempo entoam seus mimosos
> versos, a toda a hora á voz e á lyra
> concordam seus accentos sonorosos[1].

E estes meninos, perguntaremos concluindo, não seriam só por si razão bastante para o pobre do homem repetir suspirando o que já citámos lá em cima :

> ... Se tivesse azas fugeria?

e fugir se o podesse, e fugir a sete pés?

[1] Cart , liv. II, IV

XXXIII

O casamento de Ferreira. — A sua viuvez.

Deixando agora por algum tempo os vaivens litterarios, acerquemo-nos do nosso poetico doutor; entremos ao seu lar. Já não é a casa escholastica do bisonho de Minerva; é a habitação suavemente perfumada da graça feminina; deu-se a grande metamorphose: o apaixonado Serrano, o enamorado Alcippo, é já o marido de Maria Pimentel.

Das duas paixões que nós conhecemos ao poeta, era Maria a segunda, e foi a decisiva. Parece que seria depois de 1558 o casamento, porque ainda na egloga IX, escripta com certeza em 1558, apparece o pastor Alcippo (Ferreira), propondo ao pastor Androgeo (Andrade Caminha) que cantem os amores, e celebrem nos seus versos as suas amantes Delia e Marilia. Ora, até certo ponto, é esta uma presumpção de que estaria solteiro o Alcippo; o seu casto e placidissimo amor conjugal não era para ser cantarolado á mistura em tercetos pastorís; a indole d'aquella musa doutoral havia de furtar-se a essas demonstrações. O amor feliz tem quasi sempre outra linguagem não menos expressiva que as palavras: o silencio.

N'uma das mais frescas e viçosas producções do nosso poeta, a sua egloga pastoril *Magica*, versos encontrámos que nos parecem alludir ao casamento de Alcippo e Marilia, ou por outra de Antonio Ferreira e Maria Pimentel.

O pastor Menalo, depois de fazer varios encantamentos, exclama :

> Ata, Licia, ata o laço de tres cores
> com tres nós ; e em atando dize : eu ato
> de Marilia e Alcippo os bons amores.
> Diga Amor, diga Venus : eu os ato.

E ataram-se emfim.

Temol-o emfim casado ; no seio das delicias sem nome do sanctuario domestico, elle que tanto devia aprecial-as ; realisados os sonhos de tantas noites e tantos dias! são dois corações, e são ao mesmo tempo um só ente indivisivel. Como seria largo o horisonte d'aquella ventura, visto lá de cima, d'aquelle ninho sereno, tão perto de Deus!

E é talvez então, então mesmo, que lhe sae da mente o soneto LVIII do livro I ; é então que exclama, aterrado de tanta ventura :

> Oh ! meu só bem ! oh ! minha só alegria !
> se assim durasses ! Tudo tem seu conto;
> a vida foge ; a morte está em espia.
> . . . .

Tudo contribue para nos representar um paraiso o mundosinho conjugal do poeta ; tudo nos mostra em Maria a inspiradora, a esforçadora, o Anjo da guarda. Os amigos da casa, os antigos condiscipulos, veneravam-n-a como a verdadeira Musa christã do sensivel Antonio. Por isso Caminha, talvez o primeiro amigo do poeta, dizia d'ella dirigindo-se a elle :

> Aquella que com grande amor, e espanto
> de quanto vias n'ella, assi serviste
> co' a vida, engenho, e co' o amoroso canto ;

aquella que tu assi d'alma seguiste,
té que com santo nó ambos atados
o bem que desejaste possuiste[1].

Não durou porém muito o santo enlace.

Tanta felicidade, veio um dia interrompel-a a morte; passado um periodo, que não podemos demarcar, agonisava a estremecida companheira do poeta.

De quê, onde, ou quando, não consta.

O formoso soneto IX do livro II nos descreve os seus ultimos momentos e as suas ultimas palavras. Oiçamol-o; é uma lindeza de sentimento:

Co' a alma nos ceos prompta, o sprito inteiro,
leve o sembrante, a vista graciosa,
aquella, antes da morte já gloriosa,
esperava o combate derradeiro.

De santa fé armada, e verdadeiro
amor divino, venceu a espantosa
morte, que n'ella pareceu fermosa,
e nova estrella a fez no ceo terceiro.

E tomando-me a mão, leda e risonha,
« — Meu doce amigo! — diz — » vinda é minh'hora;
« Quem nós assi cá atou, soltou o nó.

« Quem mais cuida que vive, esse mais sonha.
« Lá onde se não geme nem se chora,
« te amará mais est'alma; o corpo é pó. »

Entre as nevoas da conjectura, apparece-nos elle, cercado das caricias da amizade, e achando na sua solidão alguns corações ao menos, que o entendem, e que o lamentam com suavissimas lagrimas, que é a mais doce das consolações.

Entre todos se distingue Pero de Andrade; a sua ele-

[1] Eleg. III.

gia III é o mais amigavel, o mais sentida que pode ser. A despeito da usual mediocridade dos versos do camareiro do Senhor D. Duarte, ha n'essa elegia alguns, que souberam achar arrancos de verdade muito notaveis. Desculpa-se o Caminha de chegar tão tarde; tinha como uma quasi profanação interromper a chuva das primeiras lagrimas; e exclama:

> Aquella, Antonio, em que te sempre vias,
> morta a teus olhos!! Quem ousára tanto
> que te acudira á magua!?...

Logo adiante, prorompe n'este grito:

> Já desapparecida! e desatados
> tão depressa uns amores tão unidos,
> que eram um só cuidado dois cuidados!
>
> Aquelles dois espritos tão vencidos
> um do querer do outro, assi tão cedo
> com tanta dor e magua despedidos!

Outro bom amigo, D. Simão da Silveira, da familia dos condes da Sortelha, poeta, e amigo de poetas, entrou tambem com um soneto n'aquella casa desatinada de lagrimas:

> Sepultado em tristeza, em dor, em pranto,
> esquecido das Musas e de ti,
> te vejo sem alegria estar assi,
> como aquelle a quem deu pasmo e espanto.
>
> Vejo a casa em que estás de cada canto
> tremer, vejo-a chorar, vejo d'aqui
> esse rio, esse monte, o ceo por ti
> coberto estar de negro e escuro manto..., etc.

E como estes, que o acaso salvou do perdimento, quantos outros não viriam em pessoa, ou pelo intermedio de

suas lyras, tributar ao pobre solitario os unicos allivios que podiam?

Elle proprio, elle, viuvo e moribundo, soube, como o Dante, encontrar na poesia (tal é o eterno condão da arte) um lenitivo, um desabafo á perda da sua Beatriz. Cantou. Respondeu a D. Simão[1]; respondeu a Pero de Andrade[2]; traçou com mão tremula dois epitaphios para a campa[3]; e soluçou muitos dos admiraveis sonetos do livro II, que são os seus melhores, e onde alguns ha de notabilissimo merito, até para hoje. São os primeiros treze (não contando para a numeração o de D. Simão da Silveira incluso entre elles) e entrando portanto o XIV (se soubemos penetrar-lhe o cerrado veo da allegoria). É mais o XXIV, e talvez o XXVI a Diogo Bernardes. Tudo ais de profunda angustia, e onde (afora os defeitos hyperbolicos, mythologicos, e amplificativos do tempo) vemos a grande dor na sua expressão mais verdadeira.

Remettemos o leitor ao logar competente dos *Excerptos*; e afastamo-nos por momentos do pobre viuvo, que para ahi jaz, tão triste *como sino em castello despovoado tangendo ás gralhas*, na preciosa phrase de outro poeta[4]; e que junto da loisa de Maria pranteia esses versos:

Quem jaz aqui? um corpo em que vivia
uma alma sempre d'elle saudosa.
Que nome? e de que sangue? era Maria
dos claros Pimenteis planta ditosa.
Que bens possuiu cá? n'ella se via
igual corpo formoso á alma formosa.
Quem perdeu tanto bem? o mundo, e um triste
que em vão suspira, em vão aos Ceos resiste.

[1] Son, liv. II, XIII.
[2] Eleg. V.
[3] Edição de 1771, tom. II, pag. 122, 123.
[4] Sá de Mir. Os Estrang., act. II.

XXXIV

Retrato moral de Antonio Ferreira.

Debuxámos a traços rapidos o pouco sabido do viver d'este homem, a quem todos devemos tanto. Do depoimento dos amigos, e (mais que tudo) das suas obras, se deprehende qual fôra a sua bella alma. E se não, ahi vão provas.

Era notavel a sua independencia e austeridade de caracter. Mesmo quando tem que ver com os grandes da terra e mais os elogia, assume Ferreira uma certa nobreza e altivez; quão outra da abjecção supplicante do seu descendente Nicolao Tolentino! É de pasmar como Antonio Ferreira, cortesão, desembargador, homem bom e prudente, se expressa a respeito da Realeza, fallando com um dos servidores mais dedicados dos nossos Reis:

De que te podes, homem, gloriar,
se não só da razão? se a mal empregas,
que nome com razão te podes dar?

que as feras, com ser brutas, com ser cegas,
seguem o bem, e guardam suas leis;
e tu quebras as tuas, ou as negas.

Não são os Reis mais homens por ser Reis;
nem vós, ó homens fortes, e ligeiros,
maior alma que os mais fracos tereis.

Aquelles são sós homens verdadeiros,
que somente o que é seu seguem, e amam;
e quanto mais o seguem, mais inteiros[1].

[1] Cart., liv. I, vi.

O seu amor á dignidade, as suas crenças rectas e nobres transparecem, melhor do que nas nossas phrases, em alguns trechos das suas cartas; por exemplo, fallando com El-Rei D. Sebastião ousa dizer:

Cada um traz em si mesmo seu perigo
herdado d'esta natural fraqueza,
que tanto faz um homem de si amigo!

Iguaes somos, Senhor, na natureza;
assi entrámos na vida, assi saímos;
o entendimento é nossa fortaleza.

Igualmente de um só principio vimos,
igualmente a um fim todos corremos,
e uma estrada commum e igual seguimos[1].

e mais a baixo:

D'ali sujeito ao Rei o povo jaz,
d'ali sujeito o Rei á boa razão
da mesma lei que em si esta força traz.

A quem todos seus bens e vidas dão
pelos livrar de injuria e de violencia,
se lh'as elle fiser, a quem se irão?

Seja juiz a justa consciencia,
e aquelle santo e natural preceito:
deve á lei, o que a fez, obediencia.

Quem o caminho ha-de mostrar direito,
se torce d'elle, e segue a falsa estrada,
como terá seu povo á lei sujeito?

Poz Deus na mão do Rei a vara alçada
para guia do povo errado e cego,
mas não foi só á sua vontade dada.

[1] Cart., liv. II, I.

E depois n'outra parte:

Em duas iguaes partes repartido
te deu Deus seu poder. Em premio, em pena,
dê-se a cada um o que lhe fôr devido.

E logo:

Corte o bom Rei primeiro por si, corte;
mais vence o exemplo bom, que o ferro e fogo;
não pode errar quem contra si é forte.

E n'outro sitio da mesma carta:

Somente em Deus razão é a vontade.
Absoluto poder não n-o-ha na terra,
Que antes será injustiça e crueldade.

E finalmente (por que não pense alguem serem as doutrinas do nosso homem a perigosa subversão das theorias monarchicas, quando professam pelo contrario a mais ampla justiça para com a sagrada pessoa dos Reis), ajunta estes formosos tercetos:

Ama o povo o bom Rei, e é d'elle amado,
ledo, e facil em crer, e em julgar bem,
imigo de todo animo dobrado.

Sempre a mão larga, sempre aberto tem
o generoso peito ao premio justo,
e triste e vagaroso á pena vem.

Este é chamado bom, e grande, e Augusto,
da patria pae, prazer e amor do mundo,
mortal imigo do tiranno injusto.

Na notavel carta XIII do livro II, vêde-me como, depois de desejar a mais franca justiça a todos, tira d'ella como corollario:

Assi fica vencida a tirannia,
(não se erre a cada um seu proprio nome)
assi floresce a santa Monarchia.

Ao passo que lhe saía da bigorna este verso de tanta hombridade,

> Não são os Reis mais homens por ser Reis,

outros trechos da sua obra veem cheios de bemquerença, e de todas as doçuras. Tinha no coração uma ingenita benevolencia, que em tudo que é seu se entremostra. Pendia, sim, para a exageração ; nova prova da sua generosa bondade. Todos para elle eram *bons*, *santos*, *puros*, *doutos*, *grandes*, *limas*, *mestres*, etc. Sem querermos accumular exemplos : quando chora a morte do seu amigo Betancor, deplora n'elle um Virgilio, dizendo que se a morte o não roubara,

> . . . A Mantua fisera igual Lisboa [1].

A sua indole amiga do socego transparece em mil logares das suas obras ;

> Que triste e dura vida a da cidade,
> cheia de povo vão!

exclama elle [2].
E n'outra parte :

> Amam as castas deusas altos montes,
> valles sombrios, não cidades cheias
> de homens, em que tão poucos ha que apontes [3].

Com tão admiraveis tendencias, quem não veria *a priori* n'este escriptor um espiritualista?

Confirmam esse conceito alguns trechos da carta VI do livro I, e muitos outros passos das suas obras.

[1] Eleg. II.
[2] Cart., liv. I, X.
[3] Cart., liv. II, IV.

Cerraremos o capitulo com um toque mais n'este retrato moral. A um tal homem, tão cheio de sinceridade e singeleza, em tempos já corruptos, não pode dizer-se que era indifferente o estimulo da gloria. Trabalhava conscio do seu ministerio, trabalhava porque intima voz lhe dava brios, e trabalhava porque, espiritualista, e crendo profundamente em Deus, via o resplendor da sua honesta poesia tingir-lhe n'um vago arrebol as orlas do horisonte. E por isso bradava:

> Á gloria, á fama, á triumphal corôa
> aspira; á alta trombeta e vivo canto,
> em que no mundo o grande Achilles sôa.
>
> Não ha tão humilde esprito, nem tão santo,
> que não ame sua gloria. E quem não pede
> o louvor de suas obras tanto ou quanto [1]?

XXXV

A peste de 1569. — Fallecimento de Antonio Ferreira. — Ultimos obsequios. — A sua campa.

Foi o anno de 1569 de grandes lutos em Lisboa. Uma epidemia de febres carbunculosas veiu derrotar, aos cincoenta e sessenta por dia, os habitantes da cidade, e deixar aos demais entre prantos e terrores.

Lede nas memorias do tempo o que foram aquelles pri-

[1] Cart., liv. II, II.

meiros mezes do anno; vede como espavorida a côrte saíu de Lisboa para o campo, fugindo ao contagio, que era apenas o principio da grande peste que havia de assolar o reino.

São tristes mas interessantes esses pormenores. El-Rei D. Sebastião (menos Rei, sem duvida, do que outro Rei portuguez que a todos está lembrando) desampara o seu povo no maior do perigo; e muito moço e muito inexperiente, annue aos conselhos dos seus physicos e dos seus privados, para ir respirar a salvo os ares da serra de Cintra. A Rainha D. Catherina e a Infanta D. Maria, Avó e Tia d'El-Rei, partem para Alemquer. Em Lisboa só ficam as justiças d'El-Rei, o povo, e a peste a braços com elle.

Arde o verão, o nosso verão africano de Lisboa. A 7 de Junho declarou-se formal a peste. Está-se na maior zina de Julho. De cincoenta passaram a quinhentos os fallecidos em cada dia. Os que restam escapos do mal são a um tempo enfermeiros, e coveiros. Não ha mãos a medir. Já não bastam as igrejas a tamanha alluvião de cadaveres. Sagram-se olivaes e praias para os enterramentos. O campo de Santa Barbara (onde hoje vemos as ruinas da igreja d'esse orago, e tanta parte da povoação dos bairros orientaes) abre-se com as vallas de um extenso cemiterio, para hospedagem dos mortos. Faltam braços; tres dias jazem em muita parte amortalhados e insepultos os defuntos, com grande risco dos vivos. Labutam na constante faina de enterradores os condemnados ás galés. Lisboa é um deserto. As casas, ermas e fechadas; as ruas, cobertas de herva; os raros transeuntes amarellos e desfeitos como moribundos.

Para maior horror, quantos não abalam da vida sem

os soccorros espirituaes! Por isso pranteava Bernardes:

. . . Negam n'esta desventura
ás almas o remedio espiritual,
aos corpos a devida sepultura.

Cesse, por quem Tu és, tammanho mal!
converta teu furor em piedade
a Fé nunca quebrada em Portugal!

Foi então muito para pasmo a angelica devoção das ordens religiosas, e de muitos ecclesiasticos seculares, que desprezando todas as cautelas, se tornaram verdadeiros martyres voluntarios, na peleja contra um inimigo mascarado e traiçoeiro, inimigo que sabia baldar todas as heroicidades, e que mais de trezentos soldados deixou por terra n'essa legião sagrada.

Percorrem a cidade atonita muitas procissões, onde reliquias dos santos são levadas em romarias de muitas lagrimas, entre os penitentes, que descalços e em grandes gritos vão supplicando aos ceos misericordia[1]!

Entre as mais notaveis das cincoenta mil victimas do flagello, só mencionaremos, para maior brevidade (e por ser o assumpto d'este livro) o doutor Antonio Ferreira.

Ficaram orphãs as lettras portuguezas d'este seu benemerito cultor.

Na florente e vigorosa idade de quarenta e um annos, em 29 de Novembro, se despedia do mundo para sempre quem tinha ainda tanto estadio que percorrer, quem tanto podia ainda opulentar o nosso idioma e servir a sua terra[2]. Foi-lhe por certo de consolação na ultima hora a

[1] Recommendamos á curiosidade dos leitores a nota 54 da Biographia de Camões pelo erudito Senhor Visconde de Juromenha. Ahi se encontram noticias interessantissimas d'esta grande desgraça nacional.

[2] A data do fallecimento do poeta, desconhecida á maior parte dos bio-

sua nobre vida tão bem lograda para o estudo, e o impulso que a sua consciencia lhe diria que elle tinha incutido nos progressos litterarios do tempo.

Emfim, ditoso quem se bem regeu;
mais annos são mais carcere e mais carga;
assaz viveu quem sempre bem viveu.

cantava elle em tempos mais felizes[1].

Junto ao seu leito funerario, entre os prantos dos amigos, sorria talvez o riso da innocencia um filho pequenino, Miguel, que por sua tenra idade não poude conhecer quem era seu glorioso pae.

O apreço em que tinham a Antonio Ferreira os seus conterraneos, a fama que souberam conquistar as suas lettras, os seus altos cargos, e mais que tudo a muita bondade e sympathia que respira ainda hoje o seu caracter, tornaram esta morte uma calamidade publica sobre tantas calamidades.

A sociedade intima dos companheiros de tantos annos, encheu com as suas lagrimas aquella casa, onde se finava um robusto engenho, e um verdadeiro portuguez.

O bom Francisco de Sá de Menezes dedica ao passamento do amigo este

graphos, deparou-se-nos na edição de 1759, e n'outras, do Diccionario de Moreri. Ahi está o anno errado, pois vem 1588; mas a data do mez e dia onde as colheria o douto escritor? seria nas notas manuscritas que lhe ministrou, como dizem, o nosso Barbosa Machado? Mas se o foi, porque não incluiria este erudito bibliographo uma data de tamanha importancia no seu artigo Ferreira?

A edição hespanhola do Moreri, de 1753, diz que *murió en* 1596 (erro manifesto e communissimo em typographia, 96 por 69) *à los* 29 *de Noviembre* (mas d'onde lhe veiu isto?) *y* 50 *de su edad* (arithmetica bem fraca era a do diccionarista).

Com toda a reserva pois damos esta data, em quanto o acaso nos não depara documento que a prove.

[1] Cart., liv. II, IV.

SONETO.

Esprito, que entre os homens peregrino
da tua patria andaste, em quanto a fria
e escura idade nossa se acendia
no fogo de que tu só foste dino.

Deixaste o mortal pezo, e já divino
n'essa alta luz, e sempre claro dia,
ergues tua voz em mais doce harmonia
cantando ao Rei da gloria immortal hymno.

Ó branco cisne, que de doce canto
encheste este ar, e com mais leves pennas
tornaste a esse ceo d'onde partiste;

por ti sempre os amores farão pranto!
por ti suspirarão sempre as Camenas!
por ti será este campo sempre triste!

Diogo Bernardes desafoga com Andrade Caminha as suas saudades n'uma elegia, onde se lêem estas palavras tão tristes:

Com quem posso chorar, se não comtigo,
a morte, quanto a nós, do bom Ferreira,
Andrade! amigo teu e meu amigo!

Fiquei da triste nova da maneira
que se pode uma vida dividir-se;
não me deixou a dôr a minha inteira.

Nem devia de mim menós sentir-se
vendo quem deu esprito a mil espritos
(para nunca o mais ver!) de nós partir-se.

Ah! lagrimas correi! oiça meus gritos
no crystalino ceo onde descança,
ficando immortal cá em seus escritos.

Passou alegre, da incerta esp'rança
a certos galardões; e da corôa
dos loiros á da gloria sem mudança.

O lacrimoso Andrade Caminha finalmente, depois dos muitos versos com que celebrara aquella estudiosa vida, consagra áquella prematura morte uma bella elegia em resposta á de Bernardes, e entre outros os seguintes epitaphios :

I

Aqui Ferreira jaz, aqui Ferreira
de mil e mil amigos é chorado.
E seu nome com fama verdadeira
de mil e mil espritos é cantado.
Da morte, no chegar sempre ligeira,
da vida antes de tempo foi levado.
Seu corpo aqui ; su'alma está na gloria ;
seu nome em todo mundo, e sua memoria.

II

— Quem jaz aqui? — Ferreira. — E quem o chora ?
— Todos ; e mais que todos chora Andrade.
— E Andrade porque mais? — Porque inda mora
n'elle de Antonio a candida amizade.
— E Andrade que perdeu? — Falta-lhe agora
seu bom conselho, sua pura verdade.
— E o mundo quê ? — Seu grande e raro esprito,
rarissimo em seu canto, e em seu escrito.

Era (não vêdes?) um côro geral de muitas lagrimas, que nos recordam aquelle soneto cheio de tanta bonhomia e tristeza, em que Petrarcha lamenta a morte de Cino da Pistoia :

Piangan le rime ancor, piangano i versi ;
Perchè il nostro amoroso Messer Cino
Novellamente s'è da noi partito.

Á igreja gothica do convento do Carmo em Lisboa coube a distincção de dar a ultima guarida a este grand

homem. No cruzeiro foi sepultado, e sobre a sua campa entalharam o seguinte :

Epitaphio do Doutor Antonio Ferreira,
Lente que foi da Universidade de Coimbra, Dezembargador da Relação, raro Poeta; falleceu no anno de 1569.

Hic doctor jacet, e cathedra quem jura tonantem
Mente avida audiret Bartolus, imo Solon;
Carmina scribentem cythara sequeretur Apollo,
Diceret et numeris non satis esse chelyn.
Jus et Pieridas Patriæ decoravit; amore
Illius hœc capiti laurea major erat.
Nec vati magnum, hac fuerit quod in urbe senator,
Sed sua quod regnum scripta Thalia regit.
Si legis, una tuos componet epistola mores.
Maximus est doctor, qui docet e tumulo [1].

Fazia de veras falta no meio da sociedade portugueza aquella voz ferrenha e patriotica. Estava-se á beira das grandes desgraças politicas da nossa terra. O fio da successão dynastica ia truncar-se em poucos annos. E ninguem o suspeitava!

Mas (pensámol-o muita vez) qual haveria sido no meio da corrupção portugueza de 1580 o papel commettido pela Providencia a este representante veneravel dos bons tempos, e das austeridades lusitanas, se a morte não viesse furtal-o tão prematuramente ao seu mister de semeador litterario!

Que efficaz e dedicado companheiro não teria tido n'elle o cantor dos Lusiadas! como as cem trombetas da epopeia echoariam no coração do Ferreira, quando com

[1] Este epitaphio vem nas *Memorias historicas da ordem de Nossa Senhora do Carmo da Provincia de Portugal,* por Frey Manuel de Sá. Lisboa, 1727, liv. II, c. XI.

o seu rouquenho clangor celebravam, na vespera da agonia nacional, os grandes brazões da nossa patria!

Oh! bom poeta! e já a tua doce e branda
voz se calou!

cantara elle ao passamento do Sá de Miranda[1]; versos que os amigos haviam forçosamente de recordar, quando nas suas conversações intimas memorassem cheios de saudade o querido ausente, o mestre cuja cadeira, n'aquelles amigaveis congressos intimos, ficára tão vazia!

Em 1771 estava já quebrada a loisa de Antonio Ferreira, faltando-lhe dois disticos, segundo uma testemunha presencial[2]. Pensámos primeiro que seria o desabar das abobadas no terremoto de 1755 que partisse esta loisa, como em tantas Igrejas succedeu. Enganámo-nos. Outra testemunha depõe, que dois annos antes do terremoto já a loisa era pedaços, e os dois disticos faltavam[3]. Não é tudo porem. Já vinte e seis annos atraz assim jazia destroçado o moimento humilde do grande poeta, segundo o que affirma o chronista do Carmo[4].

Em nossos dias nada resta; nem a loisa partida sequer. O templo jaz em ruinas, e profanado; as ossadas foram levadas d'ali a monte; e do veneravel autor da Castro, nem uma reliquia podemos apontar aos estudiosos[5].

[1] Egl. IX.
[2] Pedro José da Fonseca na biographia que precede a edição de 1771
[3] O informador de Moreri na edição hespanhola de 1753.
[4] Frey Manuel de Sá no logar citado.
[5] O Senhor Commendador Joaquim Possidonio Narciso da Silva, que (como todos sabem) um dos mais distinctos e zelosos protectores das nossas antiguidades, e um dos portuguezes a quem a archeologia portugueza

Possam os livros que acerca do benemerito cidadão se têem escrito, possa esta humilde obra que tres seculos depois da morte d'elle dedicamos á sua memoria, recordal-o aos nossos contemporaneos. Sirvam essas paginas como os sarcophagos de honra, que os Romanos consagravam vazios ás cinzas perdidas dos seus heroes.

mais deve, informou o autor d'este livro, de que na Igreja do Carmo, hoje superintendida por S. Ex., como presidente da Sociedade archeologica, nenhuma das loisas antigas já subsiste no pavimento, tendo-se perdido assim, alem dos ossos de Antonio Ferreira, os de outros conterraneos nossos, não menos illustres!!!

LIVRO II

O ESCRIPTOR

I

O fundador da escola nova Francisco de Sá de Miranda.

Não eram ainda, no primeiro quartel do seculo XVI, as lettras portuguezas o doirado galeão de alto bordo, onde avulta dominador o genio de Camões; eram uma caravella mal apercebida de velame. Enfunavam-lh'o já porém auras italianas; tremolava nos topes a bandeira das quinas; navegava como que ufana dos seus tripulantes.

Quando Ferreira acordava, com o seu trinar matutino, entre os choupaes do Mondego, tinha alvorecido, e ia já bem alto para as boas lettras, um engenho adulto e varonil, que soube (sem o suspeitar) edificar sobre os montões de ruinas das chronicas velhas, e das caducas poesias semi-barbaras do seculo XV e dos anteriores, a primeira pobre basilica de um novo culto artistico mais são, mais puro.

Esse grande engenho (chamemos-lh'o sem favor apesar da sua rudeza, da sua pouca tenacidade, e dos seus palpaveis *senões* tambem) foi (todos o reconhecem) o Sá de Miranda.

Negam alguns criticos ao autor dos Vilhalpandos a ro-

bustez intellectual indispensavel para haver sido o instaurador verdadeiro da nova escola.

Inclinam-se outros a que a incontestavel fundação foi sua, e a que os demais partidarios da escola italiana seguiram a trilha mirandesca.

Quem tem razão?

Longe de nós a arrogante veleidade de decidir o litigio; cumpre porém, como jurados, formular lisamente a nossa opinião.

A preeminencia litteraria pertence (quanto a nós indubitavelmente) ao Ferreira; mas a primasia chronologica fôra injustiça roubal-a ao Miranda.

Quem, senão Francisco de Sá de Miranda, cavou os alicerces do novo theatro portuguez? Quem, senão elle, acarretou os marmores heroicos e o cimento romano de Plauto e Terencio, e entrou com a mão rebelde e pouco affeita a engendrar um theatro classico, que se distanciasse das grotescas palhaçadas nacionaes[1]? Quem, senão elle, começou a protestar contra o estagnamento das nossas lettras, e contra a pobreza e rachitismo das nossas Musas? Quem injectou o primeiro sangue italiano nas nossas veias? Foi elle; foi elle; não lh'o neguem.

O Ferreira, sim, teria mais alma, cultura maior, mais consciencia do seu ministerio; mas ao movimento d'elle quem deu impulso? o mestre.

Francisco de Sá de Miranda apparece no mundo, quando El-Rei D. Manuel sobe ao throno[1]: na aurora das incriveis opulencias, e das incriveis ousadias; floresce no rei-

[1] Assim o entende tambem Sismonde de Sismondi; e o proprio Miranda confessava com certo orgulho a sua intenção de filiar-se nos italianos e nos romanos; é ver o que diz ao Cardeal D. Henrique na dedicatoria dos *Estrangeiros*.

[2] Nasceu Francisco de Sá em 27 de Outubro de 1495 em Coimbra.

nado do Rei feliz, e no de seu filho; imprime nos escriptos do tempo o seu cunho pessoal; e tempera a grande lyra, que o horaciano Ferreira ha-de vir, sim, a arrebatar-lhe.

Na Hespanha, nossa irmã primogenita, manifestara-se já clara tendencia para a imitação dos antigos; alvorecia-nos essa luz, e a inspiração soberana da Italia entreabria nos espiritos as predisposições vagas, que Sá de Miranda, homem necessario, havia de formular, e ficar representando inconscientemente no Parnaso portuguez.

O Miranda viajou; primeiro nos livros, e depois nos paizes forasteiros. Correu a Hespanha, correu a Italia, embebeu-se no espirito da era; e na presença d'aquelle rebate geral da Europa, viu então o cahos informe da arte portugueza! Em verso os trovadores cortesãos, galantes, e pucrís dos cancioneiros, ou os arrabís silvestres e roufenhos dos autos, e em prosa os chronistas ingenuos e plebeus dos espantosos feitos, compendiavam, quasi sós, as duas provincias litterarias; Sá de Miranda estremeceu.

E em quanto outro possante espirito, o João de Barros, tenteava no Clarimundo o cinzel que havia de esculpir a grandes traços os nossos heroes indianos, Sá de Miranda principiava solitario a metter as mãos ao amanho e jardinagem dos nossos riquissimos baldíos.

Oh! se o Sá de Miranda tivesse genio! se podesse prever, adivinhar! se egual aos seus bons desejos fosse a sua força! se a sua imitação fosse mais intelligente e mais lata! se as suas viagens fossem mais á moda das abelhas, mais fecundas de nectar, mais acertadas na escolha das flores! se se reunissem n'esse homem (bem digno de mais

carinho do que alguem lhe tributou)[1] certas circumstancias especiaes de relance e gosto, onde não podera ter subido aquella Musa! quão grande não houvera sido, com o realce de um grande nome, e a sympathia de iniciador, o seu impulso nos progressos do tempo!

De mais a mais, a sua quasi inteira retirada do mundo furtou-lhe com a convivencia os estimulos para se entregar em cheio á reforma, a que só de longe, e quasi a medo, presidia.

Depois, no anno de 55 perdia a sua companheira D. Briolanja de Azevedo, e ficou inconsolavel. Quebrou a gloriosa lyra na loisa d'aquella campa; nunca mais saíu de casa, a não ser para os officios divinos; deixou intonsa a barba grisalha; perdeu o gosto á lavoira; até aos seus livros; emmudeceu, e começou a morrer[2].

O que porém, quanto a nós, não pode negar-se, é que, em globo, Sá de Miranda acabou (bem ou mal) de preparar, e encetou, uma grande reacção italiana contra o romanticismo nacional; que foi elle quem, por um esforço de talento, de que em idades subsequentes, e cultas como a nossa, pouca idéa pode ter-se, esculpiu as primeiras fôrmas plasticas da lingua; que foi elle quem, lutando contra a geral corrente, que então arrastava os poetas a escreverem em latim (de problematica pureza muitas vezes)

[1] Manuel de Faria e Sousa por exemplo, chega a negar-lhe a qualidade de poeta, expressando-se por estes termos: *este caballero fu sentencioso, mas no poeta. Fuente de Aganipe,* part. IV, p. 9.

O Senhor Francisco Sotero dos Reis no seu Curso de Litteratura portugueza e brazileira, tom. II, pag. 5, nega-lhe o *talento*, a *riqueza de expressão*, a *suavidade metrica*, e julga-o incapaz de *fundar escolas e adquirir proselytos.*

[2] Esta bella phrase pertence ao biographo D. Gonçalo Coutinho; o seu a seu dono.

ousou escrever em portuguez, ousou pensar em portuguez[1].

Foi elle o primeiro — diz o editor de Antonio Ferreira — *que com a singular brandura dos seus Versos Lusitanos, começou a mostrar o descuido dos passados, e que esta lingua é capaz de n'ella se cantarem damas, capitães, e emperadores*[2].

Enchem-nos de gratidão os serviços d'esse iniciador, cujo estudo offerece uma das mais brilhantes paginas ao livro da nossa historia; e é a sua quinta hereditaria da Tapada, onde elle viveu, onde elle enviuvou, onde elle falleceu, como que um sanctuario, a que não é dado a peito portuguez acercar-se ainda hoje, sem ver ressuscitarem de repente as memorias d'aquelle homem.

Finalmente, foi elle quem abriu o portico da escola nova; mais mestre que Gil Vicente ou Bernardim, começou a leval-os de vencida, e forma a transição.

Sá de Miranda, e Gil Vicente, o esplendido sol poente e a nevoenta aurora, representam o antagonismo dos dois partidos : o culto, e o popular.

[1] Não deixou o hespanhol, pelas razões talvez que depois apontaremos.
[2] Miguel Leite Ferreira. — Dedicatoria a D. Filippe de Hespanha.

II

O segundo fundador da escola nova. — Ferreira como cultor da lingua portugueza. — O latim quinhentista.

Depois de Miranda, isto é desde que elle cançado e desenganado se acolhera já aos seus penates ruraes, para nunca mais saír d'elles, appareceu no mundo outro espirito bemfadado de Deus, outra alma nobre e predestinada : Antonio Ferreira.

O primeiro mestre de Ferreira fôra (depois do seu instincto patriotico) o Sá de Miranda.

Novo mundo, bom Sá, nos foste abrindo
com tua vida e com teu doce canto,

lhe escrevia elle[1].

Nos seus primeiros annos, appareceram-lhe os versos do Miranda a apontar-lhe o trilho da linguagem vernacula, e a extremal-o da grei dos latinisantes por officio. Afeiçoara-se desde mancebo ás obras portuguezas do Miranda, áquellas quintilhas que elle torneava como ninguem, ao sentencioso e maduro d'aquelle estylo, aos archaismos veneraveis d'aquella linguagem.

Quanto Ferreira reconhecia e presava a missão litteraria do seu mentor, diga-o a Egloga IX, toda repleta de phrases enthusiasticas e de tristeza ao mesmo tempo;

[1] Cart., liv. II, IX.

diga-o um trecho da carta VIII do Livro I; digam-no as brilhantes cartas IX e X do Livro II; e uma ou outra passagem talvez, em que sempre a joven Musa inclina a fronte ao

> mestre das Musas, mestre da virtude[1].

Com a morte de Miranda ficou a litteratura patria viuva de um seu grande amigo, e então chefe incontestado. Estava-se já todavia em plena renascença; a dominação italiana estendera-se larga, e a escola nacional fenecia a olhos vista.

Foi portanto Antonio Ferreira (por que assim o digamos) o suffraganeo intellectual, e o herdeiro de Sá de Miranda; morreu moço, por isso não poude cumprir em cheio o seu legado. Vejamos porém em largas syntheses o que realisou.

Na linguagem primeiramente :

Onde a ha mais rica? não se revela em cada pormenor da sua obra a intenção profunda de enriquecer o nosso idioma? vê-se bem a importancia que dava á docilidade do instrumento, pois não cançava nunca de o afinar, de o italianisar, que é dizer tudo.

O preceito inexoravel que Boileau havia de vir a formular em dois bellos versos[2], já elle o sentia no espirito, e punha-o por obra a cada passo.

São muito para estudo os innumeraveis neologismos alatinados, que este Filinto da era de quinhentos introduziu.

[1] Cart., liv. II, IX.

[2] Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain.
Art poétique.

Quando o nosso poeta começou a versejar, reinava um despota; socegae, ó cinzas do Rei Piedoso; esse despota era o latim. Coube ao Ferreira o principal papel na conspiração contra as usurpações flagrantes, que o latim perpetrava cada dia, com a desculpa de alliado, no nosso territorio; e é essa uma das qualidades mais sympathicas d'este classico; mas quem foi o seu propulsor n'este caminho? digamol-o, porque elle mesmo nunca o escureceu : foi o Miranda.

A paixão de Ferreira pela lingua latina era bem mais sensata que a de muitos dos seus contemporaneos e antecessores.

Que aproveitava ao nosso idioma aquelle culto exclusivo, que ao latim dedicaram tantos engenhos peregrinos, que desamparavam o portuguez só pelo prazer erudito de se cartearem na lingua de Cicero[1]?

O que lhes valia, a esses abençoados maniacos, é que então era o latim cultivado em toda a parte; tornara-se elegante o sabel-o; desprezava-se o portuguez para fazer versos e prosa em latim; deixava-se até esquecer o vernaculo, para não contaminar com o mau espirito de uma lingua viva aquelle venerando cadaver mumificado e solemne.

D'esses taes dizia o Ferreira no auge do pasmo :

> Com magua o cuido, ah! com magua o digo :
> como um povo, em seu bem sempre constante,
> veiu assi ser da sua lingua imigo[2]!!

[1] Pode o leitor ver o *Corpus poetarum lusitanorum qui latine scripserunt*, e tambem a *Collecção das obras de autores classicos portuguezes que escreveram em latim*, impressa em Coimbra. N'essas collecções encontrará nomes de primeira ordem.

[2] Cart., liv. II, x.

Mas os que em Portugal assim andavam, adduziam bons exemplos de estrangeiros, para quem o trato das recem-desenterradas Musas gregas e romanas era enthusiasmo, era culto, era adoração. Citavam-se, para exemplos, desde o seculo XV, o eruditissimo Leonardo Aretino, rival de Tito Livio; o seu continuador Poggio Bracciolini; Lourenço Walla, autor das *Elegancias da lingua latina;* o autor e traductor celeberrimo Angelo Poliziano; o romano italiano Sannazaro, idolatra de Virgilio; Balthasar Castiglione; o grande Erasmo; Fracastor, o rival de Sannazaro; todos da melhor linhagem litteraria, todos muito dignos de imitação. Foi por toda a parte um delirio[1]. Entre nós, recalcou-se o pobre portuguez, que principiava a florir, e que já sob a penna sizuda de Fernão Lopes tinha ido grangeando seus foros de fidalguia. E que valia a lingua patria? a lingua vulgarissima dos mercadores da Ribeira velha, dos fabricantes de aytos, dos ratinhos tisnados do sol, dos aventureiros da India? o portuguez! que monta o portuguez! viva o latim! a lingua dos sabios, a lingua dos foraes, a lingua da Biblia, a lingua de Sannazaro e Fracastor, nossos contemporaneos! viva pois o latim!

[1] Não haveria da parte de Sá de Miranda uma como que satyrica intenção contra os pedantes latinistas do seu tempo, uma especie de parodia aos falladores de latim, na introducção do papel do Petronio, Doutor da comedia dos *Estrangeiros*, que não diz quatro palavras que não as lardeie de extos sagrados e profanos?

III

Ferreira e a lingua.

E era necessario isso; toda essa exageração foi salutar; indispensavel. D'ella saíram robustas e aguerridas as linguas modernas; d'esse mergulho nas aguas do Lethes surgiu o portuguez valente, o portuguez de Ferreira e Camões. Sim; viva pois o latim. . . . . .

. . . .

Tinha-se a lingua portugueza,

ou por falta de amor ou falta de arte,

como diz o poeta[1], e pelos baldões da sua fortuna, quasi deslembrado já da illustre mãe, a lingua latina; era uma loquela enfermiça, e de poucas posses; a reacção classica não fez mais do que dar-lhe outra vez o bafo e leite materno, e a filha remoçou.

Ha talvez tantos elementos latinos na nossa lingua, como raizes das outras procedencias peninsulares; ha talvez mais elementos latinos. Se ao principio eramos um condado subdito, e tinhamos um fallar, que (afora certos geitos peculiares indigenas), devia ser o da nossa metropole, adoçado pela tendencia que têem os dialectos costeiros em relação á feição mais rude dos

[1] Ferreira, Od., liv. I, I.

dialectos terrastãos e sertanejos; logo depois de confirmada, de facto e de direito, a nossa independencia, entrámos a distanciar-nos do hespanhol. No seculo XVI chegou cá a Renascença, e tomámos em maior dóse aquelle alimento vivificante, que deu as maiores perfeições ao nosso admiravel idioma.

Diz um escriptor[1], que talvez uma das causas, que fizeram com que o portuguez começasse logo desde o principio a ser tão latino, fosse o terem ficado por aqui muitos romanos, que na sua estreita convivencia nos não influiram pouco do seu espirito.

E note-se que esse latim, que durante seculos se fallara na peninsula, era o latim plebeu e rustico, que ao misturar-se com estes varios dialectos meridionaes fez a lingua *romance;* em quanto a alimentação erudita da Renascença era o latim culto e bem formado, a lingua scientifica e pura dos melhores monumentos litterarios.

Não é só no vocabulario que se revela no portuguez o latinismo; é a mesma syntaxe portugueza das linguas neo-latinas a mais latina. A transposição, quasi romana, dos termos da oração, é das mais ricas e invejandas propriedades do portuguez; essa attestam-n-a os nossos mais antigos documentos poeticos.

De toda aquella exageração salutar dos latinisadores, diziamos nós pouco acima, tirou o sensato Ferreira o que devia: o espirito; e animando cordatamente d'esse espirito a sua obra, *licentia sumta pudenter*, fez brotar uma lingua sonora e energica, anafada de latim, mas portugueza, e cada vez mais portugueza, na valentia e

[1] Sismondi, tom. IV, pag. 264

no porte. Isso sim, que foi o grande beneficio que lhe devemos.

É ver com que entranhado zelo elle expressava em tantos passos das suas obras o seu amor ao fallar da sua terra, e nomeadamente no soneto XXXII do Livro II, na Ode I do Livro I, na Carta III do Livro I.

Soube elle aproveitar com arte essas circumstancias (*parce*, como diz o mestre da Arte Poetica); e mostrou nas palavras remoçadas que punha em curso novo, nos neologismos cultos todos rescendentes a bom latim, e nos proprios violentos hyperbatos, em que muita vez se equilibrava a custo, a força e galhardia do nosso masculino dizer.

Que differença entre a algaravia tonta (ainda assim tão interessante) dos nossos mais antigos documentos, e a linguagem nobre de Fernão Lopes! Mas que distancia tambem de Fernão Lopes até Barros, e de Miranda até Ferreira! São esplendidos os progressos d'aquellas eras de collossos.

Os administradores actuaes da lingua, nem sonham que de lidas herculeas ella custou. Nem tudo é colher; foi preciso o desbravar, o semear; e isso, os seculos o fazem.

Aquelle dialecto que fallavam os primeiros ricos-homens contemporaneos de Gonçalo Hermigues e dos Figueiredos, essa curta resenha de vocabulos gallegos, sarracenos, provençaes, godos, e romano-barbaros; a propria inintelligivel linguagem d'El-Rei D. Diniz, e d'El-Rei D. Affonso IV; foi-as o tempo, sobre tudo a poesia, enriquecendo, apertando, pulindo até hoje.

Os nossos valorosos avoengos contentavam-se, na sua vida revôlta e dura, com a sua mesquinha loquela.

Deixaram boa materia a altos escriptos
nossos passados (não lhes tiro a fama),
mais dados a bons feitos, que a bons ditos[1].

Nós outros porém, depois de tantas obras primas, por mal pagos nos damos ainda por ventura com os nossos já opulentos cabedaes.

IV

O mesmo assumpto. — Ronsard e Ferreira. — O portuguez e o castelhano. — Missão patriotica dos escriptores.

Menos exagerado que Ronsard em França (como aclimador dos neologismos gregos e latinos), com instincto superior se esforçava o benemerito autor da Castro em dotar do patrimonio antigo a nossa lingua; e não se encontram nos Poemas Lusitanos aquellas arrevezadas e hybridas conjuncções de termos, de que o poeta de Carlos IX abusava, e que tanto ouriçaram depois o estilo montanhoso de Filinto.

Note-se outro grande traço caracteristico: nunca o puritano Ferreira se dignou jamais de escrever uma só linha, que não fosse em vernaculo.

Pois dando á patria tantos versos raros,
um só nunca lhe deu em lingua alheia,

disse Bernardes[1].

[1] Ferreira, Cart., liv. II, x.
[2] *Elegia á morte de Antonio Ferreira.*

E não é isto para encomio? Espanta como elle resistiu á *endosmose* de latim e castelhano (para usar esta palavra das sciencias physicas); maravilha como assim se furtou sempre á tentação forasteira. É muita hombridade.

Seriam faceis os louros que elle teria podido colher latinisando e hespanholisando; acompanhal-o-hiam os applausos dos eruditos seus confrades; ephemeros applausos, ephemeros louros, que, para gloria sua, engeitou com firmeza.

Era o latim, como vimos, a linguagem dos espiritos cultos; a alta sciencia, o alto fôro, a alta litteratura sacrificavam-lhe tudo. O castelhano, mais vulgar talvez, porém não menos acceito á nossa indole, versejava e conversava como lingua elegante nos salões de Lisboa; o castelhano, lingua congénere com a nossa, não repugnada (hoje ainda) do nosso paladar, e (como o latim) fonte inspirativa das nossas Musas[1].

É o caso do

Græco fonte cadant parce detorta[2].

Apesar do seu amor ao latim e ao castelhano, e por causa d'esse mesmo amor, é de ver como o cioso amigo da sua terra desprezava como transfugas e traidores, aos que trocavam o nosso idioma pelos de fora. São uns Christovãos de Moura, uns Juliões da vernaculidade.

[1] Diz o autor da Conversação preambular ao D. Jayme estas palavras: — *O fallar castelhano é meio portuguez quando menos; Camões, e outros poetas do seu tempo, anto o cultivaram, a par com a lingua patria, que até para lá sairam classicos. Na leitura do castelhano, se hoje em dia a frequentassemos, como cumpria, bem facil e bem agradavelmente poderamos nós retemperar ainda hoje o bom fallar vernaculo, que assim se nos vai desbaratando.*

[2] Horat., *Art. poet.*

E quanto mais coroas alcançavam, e quanto mais essas litteraturas estrangeiras os acolhiam, lhes davam fôro grande e cota de armas de seus classicos, como a Camões, a Gil-Vicente, a Monte-Mayor[1], e a alguns outros, mais os anathematisava nos seus versos duros e ingratos o nosso ferrenho portuguez[2]; elle, sizudo talento, que por assim dizer compendiava as suas palmas litterarias em merecer este verso, melancolico e desambicioso :

Ah! Ferreira — dirão — da lingua amigo[3]!

O que porém pode dizer-se affoitamente, é que se demos ao castelhano guapissimos classicos, não deitou de si a nossa terra um unico Sannazaro, o Virgilio moderno de mais finos quilates, de que se ufana o sol da madre Ausonia.

Acerca do porfiado emprego do hespanhol pelos nossos, engana-se Sismondi asseverando[4] que *todos* os poetas portuguezes cultivaram as duas linguas ao mesmo tempo; e se elle bem reparasse, veria ao acabar de escrever esta terrivel calumnia, surgir-lhe diante, a tomar-lhe estreitas contas, a phantasma do Dezembargador que escreveu os *Poemas Lusitanos*.

[1] O comportamento porém do desertor Jorge de Montemór, ou de Monte-mayor, é muito atenuado pelas circumstancias da sua triste vida. Essa deserção era o seu pão quotidiano.

[2] Diz a este respeito um illustre litterato e nosso amigo o Senhor Pinheiro Chagas no seu livro *Portuguezes illustres* (pag. 64) estas palavras : — *Se o douto Antonio Ferreira lhe não perdoava* (a Sá de Miranda) *certa desaffectação descuidosa, ainda menos lhe desculpava o ter escrito em castelhano talvez os seus melhores versos.*

Folgamos de registar esta valiosa opinião, que vem tanto ao nosso proposito.

[3] Od. I.

[4] Tom. IV, pag. 295.

Diz mais Sismondi que os nossos escreviam em portuguez assumptos de maior suavidade e ternura; e recorriam ao castelhano para maior nobreza e magestade, ou tambem quando queriam descer á chocarrice de jograes.

Parece-nos muito contestavel qualquer d'essas asserções, e facil de se rebater com as provas á vista; só porém levantaremos de passagem essa increpação da pouca magestade e grandeza da nossa lingua. É um preconceito que lavra entre muitos estrangeiros, este de que o portuguez é castelhano adocicado, affeminado, *du portugais désossé*; e é tão grave a injustiça! Temos nós outros uma feição muito peculiar; temos a nossa energia, diversa da castelhana, sim, mas tambem notavel; temos a nossa doçura e meiguice, a que o hespanhol não chega. Trovejamos, e depois arrulhamos quando nos apraz.

Quasi todas estas verdades lá as defendeu o grande juiz Visconde de Almeida Garrett no seu *Bosquejo da poesia e da lingua portugueza.* A elle nos referimos; a esse abalisado critico enviamos o leitor.

Nos nossos bons autores, achegamo-nos, muita vez, mais do rico latim, do que do proprio vizinho castelhano.

Ora ás causas que o erudito Bouterweck aponta para a longa conservação da lingua hespanhola entre nós, pode accrescentar-se, cremos, que foi muito tempo a falla intima do Paço, e logo a da côrte e da sociedade, em attenção ao grande numero de alliancas de Reis nossos com Princezas castelhanas. Não aconteceram factos, muito analogos a estes, com o francez em Inglaterra?

Os nossos *autos* eram muita vez, para agradar á Rainha, escriptos em hespanhol; nem admira que entrasse n'esse uso um sentimento de galante cortezania.

E quem sabe mesmo (perguntaremos) se n'um reino

onde, desde o Conde D. Henrique até El-Rei D. João IV, só Rainhas peninsulares apontamos, com excepção da Rainha D. Mafalda, e da Rainha D. Filippa; e n'um tempo em que as circumstancias se intricaram de modo, que El-Rei D. Manuel pensou profundamente em que ia assentar na cabeça as duas corôas ibericas[1]; quem sabe, repetimos, se se não promoveria, como meio e astucia de politicos, a acclimação do hespanhol?!

Triste ambição, que veio talvez maniatar-nos mais facilmente para os homens de 1580!

Por isso, perguntaremos outra vez: valerão as conquistas linguisticas muito menos que as dos heroes que andavam, coiraçados de ferro, a brigar e a assolar? Cada neologismo de palavra ou de construcção inventado por um Ferreira ou um Sousa, não será, no seu tanto, um esforço digno dos montantes? Cada pedra com que esses obscuros lidadores iam fortalezando, e tornando independente e *senhora de si, soberba e altiva* a lingua portugueza, não equivalia ás façanhas de um Condestavel?

Bem pode logo dizer-se, que as pennas portuguezas não serviram menos, que as portuguezissimas espadas, que alargaram os horisontes de Portugal.

> Nec virtute foret clarisque potentius armis,
> quam lingua, Latium,

dizia ha dois mil annos o eterno bom senso do ermitão de Tibur[2].

[1] Tendo El-Rei D. Manuel casado em 1497 com a Senhora D. Izabel, viuva do Principe D. Affonso, e filha dos Reis Catholicos D. Fernando e D. Izabel, deram as côrtes de Toledo em 1498 solemne testemunho ao nosso soberano, de que o acceitavam como futuro senhor da peninsula hispanica. A morte d'essa esposa d'El-Rei D. Manuel impediu que do mesmo modo fossem jurados nos côrtes de Aragão.

[2] *Art. poet.*, v. 289, 290.

A independencia da nação (de que tanto se falla hoje por ahi) deve pois muito aos *classicos;* é ingratidão (antes ignorancia) desconhecel-o.

V

Relance sobre a revolução litteraria. — A erudição.

Todo aquelle movimento litterario em Portugal tivera principio, é certo, menos no Rei do que nas massas. Quem fez a revolução, foi o espirito publico, foi a propria revolução. El-Rei acompanhou-a; nada mais.

Como o 89 francez (fecundo talvez em alguns dos seus resultados, mas infame, cruel, covarde, vilissimo nos seus meios) veiu echoar entre nós passados annos, assim aquelle prodigioso acordar da Italia despertou não menos a Europa inteira até ao nosso recantinho portuguez.

Como era necessario, para maior efficacia das reformas, dar-lhes um cabeça, conveio-se em chamar a El-Rei D. João III um reformador artistico. *Expedit esse Deos,* disse Ovidio.

Foi então que a Musa, felizmente sempre ordeira e monarchica entre nós, começou a ver n'elle um Augusto; e por sua parte o bom Ferreira, todo embelecado na lisonjeira illusão, assumiu um certo papel de Horacio, e entrou a corresponder-se com Augusto Cesar, com Mecenas, com Julio Floro, com Tibullo, com Vipsanio Agrippa,

sob o nome d'El-Rei D. João, do Senhor D. Duarte, de Andrade Caminha, de Antonio de Castilho, de Garcia Froes, de D. João de Lancastre; a ter saudades de Coimbra, pezaroso de não poder dar-lhe algum nome italiano; ou a deplorar a morte de Quintilio, sob o nome do seu Betancor.

O idolo d'essa era foi Horacio; a verdadeira Musa (não o dissimulemos) foi a erudição.

A theoria do nosso homem está perfeitamente expressa na Carta X do Livro II:

Eu por cego costume não me movo.
Vejo vir claro lume de Toscana,
n'este arço; a antiga Hespanha deixo ao povo.

E n'outra parte:

A ti leiam, grão Flacco, apoz ti andem
meus olhos, traz os que tambem te seguem[1],

bradava, enlevado na muzica romana, o nosso enthusiasta apertando as caravelhas da lyra.

Pertence a este periodo, franca e rasgadamente romano, a maioria das suas cartas philosophicas, muitas das suas obras mais graves, etc.; e só por excepção pertencerá alguma peça de outro genero, a que se não pode positivamente adscrever data. Já lá ia o tempo das maguas amorosas; elle proprio dizia, com certo ar desdenhoso, ao seu amigo velho Francisco de Sá de Menezes[2]:

Cantem de amor, Francisco, os ociosos,
que inda o sprito não têm mais levantado.

[1] Cart., liv. I, VIII.
[2] Cart., liv. II, XIII.

É realmente na feição imitativa e erudita, que nos elle apparece com a sua verdadeira intenção. Nascido em tempo em que o engenho vergava sob mil peias, e em que ser original era quasi ser rustico; não dotado alem d'isso de bastante energia propria para resistir á grande corrente, fez-se Horacio em portuguez.

Deixou, é verdade, de fallar latim, mas foi para render na lingua portugueza maior preito ainda á grande Roma. Não havia esquivança possivel. Roma é sempre Roma. O nosso Viriato litterario foi, sem o saber, um dos seus melhores instrumentos.

VI

Ferreira horaciano. — Os Horacios de Elpino e Janin. — Paralello entre Horacio, Ferreira, e Boileau.

Voltando a Ferreira como imitador de Horacio.

Uma prova facil de tirar de quanto elle é horaciano na indole, e no dizer, achámol-a nós, sem o pensarmos, relendo a esmerada traducção que Elpino Duriense fez das odes do venusino. A cada passo, no seu bom portuguez se encontra Elpino com Ferreira em phrases inteiras; e onde o não encontra, percebe o leitor que o poderia ter encontrado, tão consentaneo vai com o dizer cerrado, energico, sentencioso, do mestre.

. . . O meu Horacio, a quem obedeço,

dizia Ferreira[1], como Boileau cantava

> Horace tant de fois dans mes vers imité[2].

É uma observação galante, que pode fazer qualquer, compulsando o Horacio Duriense, principalmente nas passagens em que o Horacio quinhentista imitara a Musa romana.

E a proposito : houve alguem (um alto benemerito das lettras), que uma vez tocou algures de raspão e com desprezo na traducção de Elpino. Salvo o muito respeito que todos devemos, e nós em particular nos ufanamos de tributar, á memoria veneranda do critico, permitta-se-nos levantar humildemente essas phrases, menos consideradas de certo, e por nossa parte apreciar no muito que julgamos valerem estas laboriosissimas obras primas, em que Elpino logrou transplantar á nossa lingua uma ramada do loureiro de Tibur. Não ha escurecer que os versos são muita vez duros, inhospitos, dignos até de Ferreira (se quizerem) ; mas quem considera no muito saber, no ferreo trabalho, no cunho portuguez e latino que avulta na traducção, não pode deixar de descobrir-se perante esse monumentinho do erudito Ribeiro dos Santos, saboreando-se, em tempos como os de hoje principalmente, na fragrancia antiga, saudavel (permitta-se a palavra) que respira aquelle bosque. Cerrado é elle, sim ; demasiado escuro, e ás vezes até mais que o proprio original, lhe chama o nosso respeitavel mestre e amigo o Snr. Visconde de Seabra ; mas ahi habitam ainda as nymphas de Tibur, as nayades, as dryades de Tibur ; e o proprio

[1] Cart., liv. II, XII.
[2] Epist. VIII.

Flacco se encontra muita vez á sombra d'aquella suave e magestosa obscuridade.

Bem sabemos que o Elpino não viu (nem podia ver) o seu Horacio do ponto de vista d'onde o encarou Julio Janin. A traducção das obras completas do Venusino feita por este espirituoso e erudito poeta da prosa é um folhetim lindissimo, cheio dos elegantes furta-cores da vida, talvez demasiado parisiense, mas em todo o caso de uma mestria e segurança muito notaveis; o que não invalída a sobria e academica traducção portugueza. A franceźa é um panorama da Roma pagã desenhado com o lapis facil, conceituoso, e observador de Gavarni; é immortal, mas não sabe o que isso é. A nossa é de pedra; são figuras asperas, mas grandiosas; duras, se quizerem, mas em todo o caso magistraes. Assim se nos afiguram esses dois livros.

O termos tocado agora de passagem no grande mestre da Epistola aos Pisões nos suggere, a modo de esclarecimento, que ha dois homens, que lhe são moral e litterariamente muito semelhantes : Ferreira, e Boileau. São tres talentos congeneres, a quem a symetria das circumstancias fortuitas do tempo ainda realça a sua quasi paridade em physionomia, indole, trajo, e posição.

Horacio, um mestre; Ferreira, um mestre; Boileau, um mestre.

Nascido Horacio para illustrar o imperio no seculo aureo da lingua e da poesia; como Ferreira no reinado d'El-Rei D. João III, no seculo aureo das nossas lettras; como Boileau no seculo aureo do Péricles francez cujo reinado litterario abrilhantou e alinhou, La Quintinie dos jardins do Parnaso.

Horacio corrector severo da lingua e da Musa; como Ferreira; como Boileau.

Horacio juizo maduro, ora folgazão com os convivas elegantes de Mecenas, ora legislando de pausa e varonilmente para o Pindo, em quanto o Imperador legislava para o Imperio. Ferreira juizo pautado, não menos folgazão talvez, mas contido nos limites estreitos do reinado sombrio do filho do Venturoso: legislando tambem para o cahotico Parnaso portuguez, em quanto El-Rei D. João creava a Meza de consciencia e ordens, estatuia nova ordem de processo, subdividia as correições, mandava proceder ao cadastro das provincias, e acabava com os sobre juizes da casa do Civel. Boileau finalmente juizo não menos pautado que os dois, não menos folgazão que Horacio, mas sabendo tambem a arte de recolher-se em si mesmo, e legislar severo e sereno para as Musas francezas, como El-Rei Luiz XIV para os seus subditos christianissimos.

Horacio um imitador intencional e erudito das obras primas da Grecia; como Ferreira, e como Boileau, das da Grecia e de Roma.

Horacio queridissimo á sociedade elegante de Roma; desde o Imperador, até aos ociosos das Esquilias. Ferreira amigo intimo da fina flor intellectual e social da Lisboa quinhentista, desde El-Rei e os Infantes até ao mais modesto versejador. Boileau commensal e idolo da côrte de França, desde o Monarcha e os Duques da *ancienne chevalerie* até ao ultimo parasita de mezas nobres ou lapidario de madrigaes.

Horacio quasi desterrado em Roma, e suspirando sempre pelos ocios ruraes e fecundos de Tibur. Ferreira como assombrado em Lisboa, e saudosissimo do seu retiro de Coimbra. Boileau detestando o arruido da Babylonia, e olhando quasi com lagrimas de ternura para a sua modesta habitação dos verões em Hautile.

Amparados todos tres de braço regio : o de Augusto, o d'El-Rei D. João III, e o de Luiz XIV, e compensando-lhes todos tres á farta o valimento.

Horacio pouco amigo do estrepito das armas. Ferreira pospondo a gloria dos heroes á gloria das lettras. Boileau celebrando de longe as victorias do Principe, e deliciando-se na toga hereditaria.

Todos tres adorados na posteridade; todos tres apedrejados. Tidos para uns como lavradores; para outros como esterilisadores. Aqui engrinaldados e incensados como semi-deuses; mais alem conspurcados como fetiches.

Finalmente, contemporaneos todos tres de muitos dos maiores engenhos de que se ufana a razão : já de um Tibullo, um Vario, um Augusto, um Asinio Pollião, um Cicero, um Virgilio ; já de um Barros, um Sá de Miranda, um Côrte-Real, um Pedro Nunes, um Jeronymo Osorio, um Gil Vicente, um Luiz de Camões; já de um Corneille, um Racine, um Pascal, um La Fontaine, um Bossuet, um Molière.

Deixando aqui por agora o paralello, que n'uma ou n'outra parte havemos talvez ainda de desenvolver no decurso d'esta obra, restrinjamo-nos ao nosso Ferreira, o nosso grosseiro mas sincero Horacio e Boileau de Portugal.

VII

Ferreira como poeta e versificador. — Difficuldades da sua missão litteraria.

Isto, quanto á lingua. Estudemol-o agora como poeta.

Até Ferreira, pouco mais se cantara no alto Parnaso portuguez, do que uns dessalgados queixumes amorosos, alambicados e falsos quasi sempre, uns galanteios refinados, e umas bucolicas afeminadas e artificiaes, sem sombra de sentimento. Aquelle precioso *Cancioneiro de Rezende* é poeticamente de uma pobreza franciscana[1].

Não fallemos de Bernardim Ribeiro, que esse tem um *quid* gracioso e sentimental, que se não confunde; mas mettamos no rol o seu confrade pastoril Christovão Falcão, suave mas monotono e chato, principalmente comparado com o saudoso autor da *Menina e moça*. Isto no Parnaso elegante; porque o povo era o povo das chácaras, e tinha tambem lá o seu grande cancioneiro inedito, que Gil Vicente enramalhetava nos seus autos, e desatava nos salões.

[1] Se alguem estranhar esta nossa persuasão, ahi vai a opinião de um contraste habilitado : « *Substancia poetica (valha a verdade) pouca se espreme do corpolento volume do Cancioneiro; quasi nenhuma fôra expressão muito mais exacta.* » — Isto se lê na biographia de Garcia de Rezende n'esta mesma Livraria Classica.

E a côrte ouvia a linguagem livre do povo pela bocca do seu poeta, e descançava ahi dos alambicamentos da conversação palaciana.

Chegou Miranda; aproveitou o que achou, a redondilha familiar; mas dir-se-hia que tentava dar-lhe foros de poesia severa; philosophou em verso, discorreu, viu algumas coisas de bastante alto, introduziu o genero epistolar, e fundou a comedia erudita.

Chegou depois d'elle Ferreira; carecia de mais do que da redondilha; os saltitantes versos hendecassyllabos, tambem em moda, não tinham a magestosa gravidade que elle sonhara com o seu Horacio; lançou mão do metro italiano decassyllabo pouco usado entre nós até então; domesticou-o como soube, e ainda estranho com elle, vazou n'essa fôrma heroica de Calliope[1] os mais altos pensamentos. Parecia-lhe muita vez que se lhe espreguiçava a locução pela amplidão sonora de um hexametro.

Entrou a alatinar a sua Musa; vestiu-lhe o manto largo da poesia antiga, e comprouve-se de a ouvir cantar no nosso sonoro portuguez as philosophias aureas dos pagãos. O que Miranda apenas encetara, perfel-o o Ferreira com mão ousada e quasi assente. Essa poesia nobre e austera das suas Cartas, das suas Odes, das suas Elegias, deveu espantar aos ouvintes do tempo como inaudita novidade; e entretanto (tal era o condão sympathico do seu talento) arrebatava o novo Amphião as turbas frivolas da moda, e consolidando o gosto antigo dava ao Parnaso portuguez um cunho serio e immortal.

[1] Calliope inventora do verso heroico.

Não desconheçamos (por Deus!) a difficuldade da missão poetica do Ferreira. E de proposito dissemos missão, porque entendemos que elle trabalhava conscio do seu alvo. Ha poetas e reformadores, que são, nas sabias mãos da Providencia, instrumento que a si mesmo se ignora; outros relanceiam o futuro, e apontam-n-o, Colombos da intelligencia, á cega turba contemporanea; Ferreira (ou muito nos enganamos) percebeu o que fazia, porque o fazia, e como o fazia.

Na cançada lavoira de seu amanho, apparece-nos elle, curvo e sereno, ora de enchadão, ora de rabiça em punho, ora parado a contemplar no meio das terras a sua obra de lavrador. Não lhe peçam a delicada finura de Horacio, aquelle passar sem peso, aquelle resvalar elegante do grande mestre; isso não; pobre instaurador! muito fez elle.

Rasgava caminho; era mister ir muita vez á viva força; n'esses impulsos, calejou-se-lhe a versificação, e a rugosa trama do seu dizer apparece rota em muita parte.

Aspirava a mais do que a dar pasto frivolo aos ouvidos da côrte frivola. Os quadros do tempo, que Gil Vicente debuxava sempre com deleite seu e dos ouvintes, afiguravam-se ao espirito mais recatado e sybarita de Ferreira não passarem de vulgaridades plebêas; como os pintores dos periodos classicos procurava os altos assumptos, e fugindo do grosseiro *realismo* os vestia da allegoria e da ficção. Parece-nos porém que o grande instincto de Camões soube ser muito mais verdadeiro, ainda que sob o peso das mesmas responsabilidades. É que o Ferreira era um grandissimo talento, mas o Camões era um genio.

Que arduo não era em verdade implantar o gosto puro n'uma terra inculta, ignorante, eivada de preconceitos de berço, transviada pelas sendas phantasticas, crente e crendeira, e toda cheia da peculiar feição que os poetas sarracenos dos aureos tempos d'aquella raça deixaram como herança aos nossos costumes, ás nossas idéas, á nossa lingua?

A estatuaria litteraria (expressemo-nos assim) era até ali a ingenua creação espontanea de typos barbaros, informes, desproporcionados, todos porém entrajados á portugueza; e ao mesmo tempo flamengos, e beirões; christãos, e moiros; mythologicos, e biblicos; figuras incorrectas mas cheias de sal e vida, como aquelles Apostolos e anjos da portada dos Jeronymos. Ferreira queria e sonhava mais e melhor : pôr ante os olhos dos contemporaneos os eternos modelos gregos e romanos, e dar-lh'os a copiar.

Se foi de todo feliz nos seus tentames, não o affirmamos. Tambem, o seu marmore era falho, duro, e venoso; o escopro ora batia e escalavrava, ora resvalava sem ferir. Entretanto a sua grande intenção esthetica revela-se em tudo; agradeçamos-lh'a nós outros, netos degenerados d'aquella idade de crenças.

Mas — perguntarão — não fizera já o bom de Gil Vicente e os outros pacto estreito com as lettras mythologicas? não se nos deparam a cada scena das suas tragicomedias, Jupiter, Marte, Venus, os Tritões, e as Nereidas?

Sim; mas de que modo! d'essas figuras só o nome; da sua indole, nem rasto. Eram uns burguezes maganos, eram uns santos mythologicos, eram o que quizerem, mas nunca eram o velho Olympo, nem tinham o correcto dos antigos quadros.

Ambos elles (oh! não lhes neguem, a um e outro, esse invejavel predicado) elles ambos, Gil Vicente e Antonio Ferreira, queriam muito e muito á sua terra; cada um por seu modo, cada um por seu caminho, cada um a seu tempo, ia ajoelhar no sanctuario maternal da patria; mas a differença consiste só em que Gil Vicente não saíra nunca dos seus montes nataes, e Ferreira vinha de muito longe, d'entre as ruinas do fôro romano, d'entre as sombras seculares de Tibur, passando pela Florença do Dante, pela Vauclusa do Petrarcha, pela Castella dos trovadores, até entrar com o seu cofre de reliquias piedosas na terra de seus paes.

A minha terra amei, e a minha gente.

VIII

Injustiça do esquecimento em que está Antonio Ferreira. — As litteraturas eruditas.

Pois a despeito de tudo, e do seu grande amor á gente portugueza, e dos seus serviços á lingua portugueza, e do seu maniaco porfiar em tornal-a rica e bella, e dos seus trabalhos da vida toda, e de ser portuguez de alma e coração como ninguem, não é Ferreira um poeta conhecido; é hoje (digamol-o para vergonha) quasi um forasteiro, mesmo entre gente culta, e em classes elevadas.

É mais que injusto, é iniquo, o olvido que sepulta este grande homem. Desenterral-o, coroal-o na praça, á vista do mundo, é dever de honra; cumpramol-o pois.

Foi Pedro Jozé da Fonseca (depois de Miguel Leite Ferreira filho do poeta) quem pela primeira vez (que nós saibàmos) ergueu condigno altar ao cantor da Castro. Honra lhe seja. A biographia anteposta por aquelle erudito collector ás obras do poeta foi-nos de grande subsidio, confessamol-o alto e bom som.

O estudo litterario que do nosso homem fez o Senhor Doutor Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, brazileiro, merece tambem honrosa menção pelo trabalho que revela; em varios logares d'esta obra mencionaremos apreciações de tão estudioso escriptor.

Os conscienciosos escriptos de Sismondi e Bouterweck são obras primas de acume e finura de observação, e justeza de phrase, apesar de um ou outro levissimo desprimor, que com a devida venia nos permittiremos corrigir, mas que em nada invalida o muito que devemos como portuguezes a esses sabios estrangeiros.

Para se apreciar este poeta é necessario, é indispensavel escolher muito o seu ponto de vista; e isso nem todos o querem, ou sabem fazer.

De outro Ferreira mais moderno, o Filinto Elysio, ha já muitos annos que o nosso mentor, esse cujo affecto paternal soube desenvolver em nós o gosto por estas coisas, nos disse estas palavras pouco mais ou menos:

« Vais abrir pela primeira vez as obras de Francisco Manuel. É esse um poeta, de quem ou podes gostar de veras, ou aborrecer-te logo, conforme a idéa de que te animares, e o ponto d'onde o vires. Se vais buscar

as doçuras e os arrojos metricos e linguisticos de Bocage, não os encontras. Se procuras os conceitos amenos e as suavidades de Bernardim Ribeiro, erras o caminho; se esperas as grandiosas serranias de Camões, fecha o livro. Se porém te basta para deleite o ver e tratar como intimo um amigo do nosso Portugal, um apostolo pratico do bom fallar, um latinisador convicto, opportuno e importuno talvez, colherás na leitura de Filinto prazeres verdadeiros. Depende portanto de ti só o detestal-o, ou adoral-o. Escolhe. Como deleite dos ouvidos, nenhum peor; como instrucção, como açoite de tarelos, como guia seguro n'esta Babel do nosso tempo, nenhum mais para encomios, nenhum mais para sympathia. »

Essas phrases que o mestre nos dirigia, applicamol-as de todo ao nosso Ferreira.

Temos ouvido a pessoas (aliás cultas) perguntarem-nos ingenuamente quem é este tal Ferreira, cuja vida andamos debuxando; se é prosador, ou poeta; se é contemporaneo de Guesto Ansur, ou de Thomaz Pinto Brandão; se é chronista, ou epico.

N'este livro lhes respondemos.

Nem admira este desprezo, n'uma terra onde as cinzas do Camões são apenas um piedoso problema levantado por um poeta, por um amigo illustrado do cantor do Gama; onde os ossos do Marquez de Pombal jazem misturados com algumas tibias e costellas anonymas, indignas talvez d'essa honra; onde os restos do Gama são insultados, os do Albuquerque roubados, os de Bocage, Tolentino, Ferreira, e quantos mais! pulverisados na profundissima valla do esquecimento.

Mas tambem, sejamos imparciaes, e não nos levemos

do enthusiasmo cego do nosso biographado, exigindo á maioria dos espiritos o que ella não podia dar.

O Ferreira (esta é a verdade) morreu para o povo, porque a sua poesia era apenas erudita. A sua obra lançou raiz, floriu, fructificou, deixou cair as sementes, e feneceu. Hoje só o herbario dos estudiosos a tem espalmada e secca entre duas laminas de crystal.

Porque? porque raras vezes continham esses versos um principio immediatamente intelligivel; porque raras vezes segredaram sentimento ao povo; porque ficaram com os doutos nas bibliothecas; porque não boliram no coração da nossa gente; porque só os espiritos cultos poderão deleitar-se com elles; porque o geral das almas não viu em Ferreira um espelho, e não o entendeu.

Essas litteraturas chamadas classicas depoem, como dissemos, a sua semente, mas, por mais beneficas que sejam, o povo não as sabe logo avaliar; goza-lhes muito depois os beneficios, mas cospe-lhes na memoria.

É alem d'isso lei da historia philosophica da litteratura, que os poetas que antecedem e preparam as grandes epocas litterarias são por ellas offuscados; e o que é certo é que, na fermentação dos espiritos poeticos da primeira metade do seculo XVI, havia os prenuncios de uma obra estupenda, para que todos em boa verdade contribuiam, que era o ultimo arranco patriotico de uma grande nacionalidade, e que veiu a immortalisar o nome de um talentoso aventureiro.

Cerraremos com uma observação. Todas as obras eruditas e horacianas do Ferreira são mumias. A unica vez que a sua penna tratou assumpto nacional, fundou monumento. O seu titulo de gloria para os que lhe sabem o

nome, é a Castro. O autor da Castro sobrenadou, em quanto se afundava o laborioso autor das Odes, dos Sonetos, das Cartas, das Elegias, dos Epigrammas, das Eglogas, do Cioso, e do Bristo.

IX

Ferreira como autor dramatico. — A comedia do Bristo. Analyse.

Aos vinte e cinco de idade tinha Ferreira escripto a comedia do Bristo (1553), e dedicava-a ao Principe D. João em nome de toda a Universidade.

Parece que para serviço do mesmo Senhor tinha o nosso poeta concluido esta composição, feita *por só seu desenfadamento em certos dias de ferias, ainda esses furtados ao estudo*, como se lê na Dedicatoria.

É uma chistosa comedia, já quasi adulta para aquelles tempos. Não quizemos deixar de a inserir nos excerptos, e para isso, tomando venia aos manes do autor, nos afoitámos a expurgal-a dos desempachos grosseiros e torpes, de que o vezo do tempo consentiu ao Ferreira que a eivasse. Em muitos casos analogos, é a moda, que azedando ou apimentando uma palavra faz parecer, dois ou tres seculos depois, que o escriptor fôra grosseiro, quando elle não fez mais do que pôr naturalmente o que entre os seus contemporaneos se repetia sem malicia, e em toda

a parte. Quantas coisas não proferimos nós innocentemente, que d'aqui a tres seculos hão-de fazer rir ou corar os nossos netos que nos lerem?

> Multa renascentur, quæ jam cecidere, cadentque
> quæ nunc sunt in honore, vocabula[1]...

Veiu isto para desculpar, ao menos em parte, o nosso homem. Entre as coisas que trancámos no seu Bristo, algumas ha (rarissimas) cujo mal é intrinseco, reside na idéa; ha outras (muito mais numerosas) que desagradam principalmente pela palavra que as exprime, palavra que hoje corresponde a idéa torpe, mas que nas obras d'esse tempo nos apparece mil vezes, quer no estylo familiar de Gil Vicente ou Jorge Ferreira, quer até no historico e epico de Barros e Couto.

Quanto ás primeiras, nenhum perdão hoje; ás segundas, tres quartos de perdão se pode afoitamente dar sem grande liberalidade. Em quanto pelas alturas da poesia, muito decentemente andavam os senhores escriptores d'aquelle tempo; quando porém fallavam chão, estylo familiar ou gracioso, tornavam-se muita vez chocarreiros e jograes de obra grossa, atolavam-se, e era assim enlameados que faziam rir.

D'esta pecha, nem o concertadissimo Ferreira se eximiu. Verdade é que o seu Bristo é quasi estreia *de homem tão mancebo*, estudante, á redea solta, e costumado aos despejos de todo o genero, até obscenos, com que os autos se representavam nas barbas do Rei, e perante o canteiro completo das flores do palacio.

Aquelles grosseiros e tão frequentes *muitieramá*, *par-*

[1] Horat., *Art. poet.*

deos, *amára*, *má hora*, *bofá*, *bofás*, *bofé*, etc., do theatro quinhentista outra coisa não são senão o *pol*, o *proh Jupiter*, o *eccere*, o *edepol*, o *hercle*, o *ecastor*, etc., do theatro romano; e os quiproquos immundos e lascivos dos nossos autores dramaticos têem o seu germen por todo o theatro antigo.

Afora esses senões, que não queremos negar que o sejam, é o Bristo uma comedia interessante, variada, menos mal deduzida, e de chistosa contextura. Não instrue nem moralisa; isso não; mas diverte; e mais não se podia exigir do theatro em sua infancia. Para nós tem summo interesse, dá luz (mui tenue) para alguns pontos do viver antigo, e mostra-nos as relações do nosso theatro com o italiano.

PRIMEIRA PERGUNTA.

É o Bristo uma comedia de caracteres, ou *typos*, como o Avarento, o Misanthropo, o Tartufo? Não de certo. Se o autor quiz desenhar o *alcofa*, o *alcoviteiro*, o corretor de prazeres, não o conseguiu em cheio. Essa figura confunde-se com as outras, por lhes ser egual no relevo e na intensidade do colorido. Tanto avulta nos parece, o Bristo, como o Annibal, ou os velhos, ou os mancebos. De mais, que caracter é esse de devasso intrigante, relapso, e calejado, que oscilla tanta vez entre o bem e o mal, moralisando, quando lhe faz conta, sobre amor de paes a filhos, sobre honestidade de donzellas, etc.! não é um typo logico e sustentado até ao fim; é velhaco e matreiro, mas desmente-se depois por generoso e grato.

A sua profissão de fé, e o seu retrato moral (antes im-

moral) vem nas scenas I e II do acto II. Desleal com todos; só leal com Leonardo; e isso pela gratidão em que se empenhou, de muitos annos, para com o pae da amante do dito Leonardo!

Lendo o Bristo, viu-se em acção a vida do homem d'aquelle trafico? não cremos.

SEGUNDA PERGUNTA.

Então que é o Bristo? será uma comedia de costumes? teremos ali muito ao vivo o Portugal de nossos avós? serão aquellas figuras portuguezas na essencia, no pensar, no trajar, no andar, como o são no dizer? Tambem não. Por esse lado é o Bristo um reflexo.

Assim como Plauto pintou ao natural os seus romanos, assim pintou os seus portuguezes, e não al, o nosso grande Gil Vicente. Isto não fez Ferreira no seu Bristo. Aquellas *pessoas* não são portuguezas; são romanas antes, como as *pessoas* de Terencio eram gregas e não romanas.

Foi Plauto menos culto que o seu successor, o limado Terencio; assim foi Gil Vicente em relação a Ferreira.

Agradou Terencio como agradara Plauto? não; assim como tambem o Bristo não podia entreter e agradar como a bagagem curiosa, variada, toda nacional e conhecida, do velho Gil.

Terencio e Ferreira fallavam uma lingua relativamente nobre e culta; Plauto e Gil Vicente engenhavam milagres com a sua lingua mais rude, mais nativa.

É raro que no resumido theatro de Ferreira se tope a vida contemporanea. Que outra coisa vamos encontrar em Gil Vicente, senão a vida! Gil escrevia portuguez

em portuguez; Ferreira em portuguez escreveu latim.

Gil e Plauto fizeram comedias de costumes; Ferreira e Terencio não.

Em Ferreira acaba de obliterar-se o cunho nosso, e aclima-se a imitação servil do antigo; ha no Bristo muitos pontos de contacto com os comicos romanos; o Phormião de Terencio, por exemplo, pae do Scapin de Molière, suggeriu a Ferreira alguns passos do Bristo.

Isto fez dizer ao sagaz Bouterweck, e ao profundo Sismondi, que Ferreira pertencia á classe de escriptores a quem os estrangeiros com tinturas de latim melhor percebem e penetram, do que aos propria e intrinsecamente nacionaes.

TERCEIRA PERGUNTA.

Não sendo uma comedia de caracteres, não sendo uma comedia de costumes, como não é, é logo o Bristo uma comedia de enredo? é. O autor só aspirou a divertir pela combinação das situações; só as situações constituem esta peça e a podem salvar.

X

Continua a analyse do Bristo.

Dissemos, pouco ha, ter esta comedia do Bristo alguma tenue luz, com que ainda illumina as trevas do viver antigo.

Alem de não serem os personagens uns originaes tão originaes como os do nosso Gil, parece-nos reconhecer em alguns dos interlocutores do Bristo a sua genealogia litteraria.

Vejamos isso mais de espaço.

1°.

Aqui vêm Alexandre e Leonardo. De Leonardo e Alexandre pouco diremos. Pertencem a todos os tempos; nada os assignala vigorosamente; caminham como galãs que são. Menos grosseiros e carnaes ainda assim, do que muitos dos analogos exemplares de Plauto e Terencio, podem reputar-se da mesma escola moral.

2°.

Aqui veem Roberto e Calidonio. De Calidonio e Roberto só diremos que são uma e a mesma coisa : um velho. São o velho Capuleto e o velho Montague da comedia, com a differença de os juntar tradicional amizade, em vez de os desunir o odio hereditario; são os graves Pantalões do theatro italiano e francez, trajando ainda mais á seria.

3°.

Ora aqui topamos agora com o carrancudo Annibál, cavalleiro de Rhodes (ou de Malta, como se começou a

dizer, depois que Carlos V doou para residencia d'esses profligados dos Turcos a ilha de Malta em 1530).

É este cavalleiro pelado um fanfarrão balofo, *que parece d'estes reis antigos das tapeçarias velhas*, como diz o proprio Bristo; é proximo parente de uns a quem o magano de Gil Vicente não perdôa, cavalleiros da Africa ou das Indias, Quichotes namorados mas sem seitil; faceis no prometter, serodios no cumprir. Tem costella d'esses taes Ayres Rosados[1], d'esses taes Brazes da Matta[2], de uns escudeiros[3], e fidalgos[4], que o Plauto da côrte velha tão bem caricaturava! mas corre-lhe nas veias outro sangue : é italiano : é o do *Scaramuccio;* e este é, por successivas transformações, o impagavel *Pyrgopolinices*, de que Plauto fez uma comedia, mas que já antes produzira em papeis secundarios de outras; e esse *Miles gloriosus* seria neto sabe Deus de quem! Da mesma linha genealogica nasceu o *Matamoros* hespanhol, o *Matamore* de Corneille, e o *Scaramouche* popular francez; o *Giangurgolo* italiano; o *Pantana* portuguez; e hoje, e agora mesmo, representa talvez essa nobre familia de *Trinca-fortes* o general *Bum*, de quem são não menos antepassados collateraes o *Fier-à-brus* (*Ferrabraz*) o *D. Quichote de la Mancha*, o *Roldão*, e quantos mais heroes, que a imaginação inesgotavel do grande Ariosto chamado o povo compunha e aviventava, com variadissimas meias tintas, conservando a todos porém um certo cunho irmão. É um typo eterno, porque é natural; ha Pyrgopolinices de casaca,

[1] Gil Vic., *Auto de quem tem farelos.*
[2] Gil Vic., *Farça de Inez Pereira.*
[3] Gil Vic., *Farça do Juiz da Beira.*
[4] Gil Vic., *Auto dos almocreves.*

tão fanfarrões como os de elmo e arnez; ha-os na politica, no jornalismo, e até na vida privada os encontramos; raça de Agamemnon.

O Scaramuccio ou Scaramugio italiano é um personagem alto, magro, e agil, de grande bigode retorcido; vai todo de preto, á moda castelhana; capeirão, lamina comprida, e chapéo cuscuzeiro desabado. A sua gravidade, importancia, e fanfarraria, realça-se com a sua proverbial covardia e credulidade. Palrador, desenfreado de lingua, e brigão, fora dos perigos; em presença d'elles embainha espada e lingua, e perfila-se embuçado junto á parede nas posturas da mais extravagante bonhomia. É o *roncador cobarde*, de que nos falla Andrade Caminha[1]; bate as adargas, mas vira a espalda prompto e lesto.

Assim é tambem o nosso cavalleiro de Rhodes, espelho fiel de Pyrgopolinices : fez, desfez, alluiu, espesinhou, feriu, matou, nos recontros com o turco; ninguem ousou resistir ao seu braço; é a hespanholada feita homem; repucha o bigode, e tudo treme.

Quando lhe caem das mãos do diabo, mui mano seu e compadre, alguns dobrões, não ha treguas. E então é que exclama Pinerfo, seu magro servidor, cruzando os braços sobre o peito e arqueando as sobrancelhas : « Vedes aqui como se gastam muitas vezes os bens da Igreja e as commendas da cavallaria com alcoviteiros, com chocarreiros, com cães, com dados! »

Quando nada tem, descanta em jejum alguma trova, se faz bom sol, pela Ribeira dos Reg olares; ou se faz nevoa e suão, vai tudo raso *com todolos diabos!* são

[1] Epigr. xcvii.

pragas, são trovões de palavreado marcial; ameaça, retine com as esporas, brande no ar e a sós comsigo a furiosa durindana. Lembra aquelle *Brigoso* da farça do Juiz da Beira, que

. . . quando leva da espada
treme a terra e abre o chão.

E a final de contas outras vezes um qualquer velhaco lhe dá corda, o leva embeiçado, e o sopeia a seu talante, um *alcofa* e uma meretriz o depennam e o escarnecem; desgraçado!

Ferreira recebeu pois de Hespanha e Italia o germen do seu cavalleiro.

4°.

Juntemos agora á bonhomia feroz do nosso Scaramuccio de Rhodes o seu fido Achates, o rude soldado Montalvão, velhaco de capello, cujas graçolas chocarreiras tanto deviam fazer rir a plebe, malicioso e flexivel como uma serpente, medroso e ladrador, ora explorando as basofias credulas do emproado cavalleiro, ora alegrando com os seus disparates o fundo monotono do enredo da comedia.

Um' hora, pede licença para espancar *um par d'estes escudeiros para seu desenfadamento*[1]; outr'ora, quer unir suas forças ás de seu amo para *despovoar o reino*[2]; tem medo de que o mate a paz; creou-se com sangue, diz elle. Mas á primeira..... vira costas, e enfiou.

[1] Act. II, sc. IV.
[2] Act. II, sc. IV.

Mente sem pudor e com toda a ingenuidade da mentira. Adula vilmente o cavalleiro; mas quando Annibal se ausenta, o parasita zomba d'elle, e ri como um perdido. Tanto elle como seu amo (honra lhes seja!) professam odio entranhado ás lettras, e amaldiçoam uma terra *onde se não estimam os homens se não sabem ler por Bartolo*[1].

Noblesse d'épée, noblesse de robe.

Ora não andará n'este mixto, a par do Astotrogo do *Miles gloriosus*, o Crispino italiano, antigo personagem, variação servil do Scaramuccio? anda de certo.

O officio do Crispino é servir de capa aos namoros do amo, e ajudal-o com finuras e malicias. Usa bigode grande, e pera ponteaguda; chapellete de feltro, com uma pluma comprida; em volta do pescoço nú uma gargalheira de grandes canudos. Todo de preto, e meio envolvido n'um tabardo negro tambem; bota alta, espadão de copos á antiga, pendente de cinta de coiro com sua fivella. O Crispino é parente esthetico de seu amo o Scaramuccio, e do mata-moiros, e do *capitan*. Mais esperto que elles todos, e interesseiro até á morte, enfia-os por uma agulha, e saúda-os sempre de si para si com uma gargalhada..... que só elle ouve.

De Hespanha e de Italia pois proveiu tambem ao nosso autor a idéa do seu Montalvão.

5°.

Continuando na analyse, reconhecemos em Pindaro um dos grandes typos d'aquella era : o aventureiro que

[1] Act. III, sc. VI.

ia á Asia enriquecer em canella e benjoim, como o marido do *Auto da India*, assim como vai o minhoto ao Brazil fazer negocio em café, e assucar. Comparamos então mentalmente aquelle, com este: ambos elles camaleões, que tão bem reflectem, um a côr quente, indecisa, e poetica do seu tempo; o outro a tinta fria, calculada e vulgar do nosso. Depois entramos no segredo das familias, e ouvimos os projectos dos bons velhos Roberto e Calidonio, e os conselhos maternaes e burguezes de Cornelia á formosa Camilia.

6º.

Depois finalmente, perscrutamos no astucioso Bristo e nas suas façanhas uma parte do viver devasso, que as grandes riquezas forçosamente nos trouxeram; assistimos a vergonha dos amores vendidos, e pasmâmos da importancia do traficante de alcouce, que (embora desfarçado e mascarado theatralmente) tinha todavia o poder necessario para atar e desatar intriguinhas nas familias.

Chora-se o Bristo de pobre, mas nunca deixam de lhe cantar os reaes na sacola. É guloso e lascivo; mais pelos outros, que por si. É seu norte uma moral mui sua, tão elastica e benigna que não ha mais ver.

É uma figura magra, imberbe, de gorro á banda, mandil bordado e capeirete. Ao lado um florete como o dos *bravi* de Veneza. Não tem patria; o seu patrimonio é a giria; e (como acontece com os da sua laia) todo o mundo é seu.

É um cigano, que dorme ao relento, e sabe a conta

e o segredo das estrellas. É um pouco de tudo; até chiromante. Anda de terra em terra; indaga das moças formosas, e dos mancebos doidos; que mais quer? Tem pilhas de chiste, e um não sei quê felino, que lhe fascina os corações. Traz mil receitas de tinturas, pós, cosmeticos, e de tudo offerece, por poucos maravedís, ás lavrandeiras e rascôas. Adula por calculo, por costume, por natureza. Consola-se facilmente de algumas pauladas que apanha, aqui, ali. Pula como um gamo. Troca nome e cara como um Protheu que é.

E entretanto, n'esta sem vergonha, que o traz tão leve como cortiça á tona d'este mundo, conhece uma vez ou outra o Bristo, que teve coração. Ficou-lhe lá dentro n'um escaninho uma fibrasinha sensivel; professa a gratidão do apedrejado e lambareiro cão vadio; e fará do proprio peito ante-mural para abrigar quem fôr mister.

Que me dizeis pois do Bristo? não vos trará á reminiscencia o Scappino italiano? É menos infame talvez do que a depravada Cleœreta da Asinaria de Plauto, negociadora da propria filha, pela razão de que o Bristo não a tem. Como os incançaveis escravos de Plauto e Terencio, é o Scappino terceiro obrigado nos amores dos elegantes devassos; espertalhão galantissimo, acode sempre com um expediente de verdadeiro marau; providenceia a tempo e horas ao enredo que manqueja; faz o contraste com o Jocrisse e o Arlechino, que esse então é a boa fé, a parvoice innocente, a gargalhada franca e imperturbavel.

O Scappino é um trasgo maligno, negociado, e buliçoso; o Arlechino é uma creança grande, a quem diverte uma espada de pau e um guizo.

Ao nosso Bristo, algo falta ainda para ser o Scappino; mas esse mesmo incompleto do retrato nos revela o autor da comedia : claudicou justamente por causa da honestidade e decencia. O Scappino moralisou, e ficou Bristo.

XI

Analyse do Cioso. — Breve comparação do theatro de Ferreira com o de Sá de Miranda.

Depois do Bristo, fallemos rapidamente do Cioso. Não podemos assignar data ao Cioso; que é porém posterior ao Bristo *a priori* o julgariamos, attendendo á muita mocidade do autor, e *a posteriori* examinando uma e outra obra nos seus pormenores.

O Cioso é mais homem ; muito menos eivado d'aquelles despejos que hoje nos ferem, e muito mais seguro na andadura e no porte.

Ao Cioso pouquissimo faltou para o poderem todos filiar sem duvida entre as comedias de *caracter* ; e quanto a nós (posto que o nosso voto nada vale), inscrevemol-o affoitamente entre esse genero[1].

O typo do Cioso avulta sobre os outros ; desenha-se com vigor e nitidez até ao quarto acto ; tem relevo, côr

[1] A primeira comedia de caracter que possuiu a Europa depois do Renascimento — lhe chama o Senhor Doutor Fernandes Pinheiro.

e luz; no quinto acto decae de toda a sua altura, perde-se o interesse por causa da inverosimilhança da subita conversão do cioso chronico em burguez cordato; apparecem as molas; e homens (que taes os viamos até então) passam a titeres; ouve-se a voz do *representador;* lá está o cordel, desfez-se a illusão.

Ha na idéa e execução do Cioso muito do escudeiro Braz da Matta da farça Inez Pereira de Gil Vicente; com a differença porém, de que na farça vem o typo mais rapido, mais singelo, e sobre tudo incomparavelmente mais chistoso.

> Vós não haveis de fallar
> com homem nem mulher que seja;
> somente ir á Igreja
> não vos quero eu leixar.
> Já vos preguei as janellas
> porque vos não ponhais n'ellas;
> estareis aqui encerrada
> n'esta casa tão fechada
> como freira de Odivellas

Isso não podia dizel-o Braz da Matta escudeiro portuguez, ou Micer Julio mercador veneziano?

Ha tambem no Cioso grandes pontos de contacto com as duas Bacchides de Plauto. A scena em que o marido cioso está fora a bater á sua porta, e lá dentro a mulher com o outro amante é parenta da scena II do Acto IV do Amphytrião.

O final do Bristo e o final do Cioso pareceriam de outra penna, se não attentassemos em que influira n'elles o vicio ou a impotencia do tempo. Lá estão a proval-o os Estrangeiros de Sá de Miranda, autor que o Ferreira visivelmente imitava, por costume, por moda, por deferencia;

e lá estão os Vilhalpandos. Tudo isso acaba de estoiro; onde os modernos poem a scena final, a nata da peça, a chave de oiro, os bons dos antigos punham nada; precipitavam a acção de chofre; esponsaes, reconhecimentos, corôa da obra, tudo era lá dentro dos bastidores. O publico ouvia o final da acção, mas nada via.

Tornando ao Cioso em especial: menos portugueza no desenho é ainda esta comedia. Transportou o autor a acção para Veneza, e ahi a mantem durando os cinco longos actos; mas aquella gente nem por isso fica sendo mais veneziana; são todos cosmopolitas.

Ha no Cioso situações muito comicas, e muito bem deduzidas. O V acto é um aleijão. Julio metamorphosea-se de repente, e sem causa visivel; retracta-se na scena III diante do publico, e na scena IV faz contra-scena á scena IV do acto II. Com um pouco mais de esforço, ficava sendo o Cioso uma linda comedia, representavel hoje ainda talvez; assim perdeu-se o trabalho, e o que a peça tem bom escurece-o de repente o V acto.

E outra tambem em que davam aquelles escriptores todos (pela imitação servil do theatro latino)! uns certos reconhecimentos finaes de filhos roubados por piratas, ou desencaminhados dos braços das amas, e denunciados por nóminasínhas e outros signaes! Que outra coisa é isso senão variações do cestinho da Cistellaria, e do cofre do Rudens!

O typo do cioso (Micer Julio) é o melhor da comedia. Ha verdade em muitas das feições do retrato d'aquelle enfermo moral. As suas preoccupações constantes, os seus medos, os seus expedientes e subterfugios são bem urdidos e naturaes.

O casal dos dois paes, Cesar e Porcia entra bem.

A Faustina (verdadeira avó das Margaridas Gauthier de hoje em dia) é muito melhor, muito mais viva que as suas pares em Sá de Miranda.

Ardelio é um enredador experto, com chiste muita vez.

Bernardo e Octavio, o espiritualista e o materialista do amor formam um bonito grupo, e tanto mais para notar, quanto é rarissima e quasi nulla nos nossos a linguagem do amor. Em contraposição porém é ver alguns passos do grosseiro Plauto! que finura no lindissimo dialogo entre Philenia e Argyrippo na Asinaria[1]!

Os mais são no Cioso accessorios inuteis, que vão, como podem, enchendo os continuos vacuos do theatro. A Bromia é tão insignificante como a de Plauto no Amphitryão.

Isso tudo nos parece a comedia do Cioso.

Se fomos severos a partes, pedimos perdão á grande sombra.

Tudo isto no Bristo e no Cioso gira sobre os sabidos eixos da comedia antiga, com as molas á mostra, entre inverosimilhanças de grande lote, e sentimento falso friamente expresso. A penna mal experimentada do autor instinctivamente refoge ás grandes scenas; e muitas vezes só por narração assistimos a ellas. Ora n'isso tambem não ia só impotencia, ia imitação romana. Occorre-nos o Trinummus de Plauto, cujas alegrias e festas finaes se consumam lá por traz dos bastidores.

Depois, o *confidente!* aquella personagem obrigada, oriunda da Grecia, e que por tanto tempo dominou no theatro de toda a Europa! Ainda assim, os gregos tinham

[1] Act. III, sc. III.

dois confidentes; o propriamente dito, e o côro, entidade artificial e impossivel, que porém as exigencias scenicas d'aquelle tempo explicavam, genero de publico-actor, de publico-escripturado, que assistia e acompanhava, e a quem os heroes communicavam penas e alegrias.

Na comedia não appareceu o côro, que ficou, entre as suas variadissimas transformações desde Eschylo até Manzoni no Carmagnola, pertencendo ao alto cothurno tragico. Á comedia coube em partilha o confidente singular; sob varias formas, e entre ellas a de criado. Outra coisa não são esse Pinerfo, criado do cavalleiro, esse Montalvão seu *camarada* (como hoje diriamos), esse Pilarte, servo de Calidonio, esse Janoto, esse Ardelio, senão confidentes do genero antigo, entes que o monologo suppriu, por não haver coisa que na maior parte dos lances suppra o monologo, de si falsissimo.

O monologo é a consciencia do actor tornada transparente como um crystal; o confidente é o monologo na sua forma grosseira, já derivada da grosseirissima forma *côro;* é o monologo dualisado.

Os monologos do Bristo e os do Cioso são de uma innocencia collegial. O actor falla só comsigo, e umas vezes é ouvido, outras não. As mais das vezes, quando não está só em scena, faz-lhe a outra figura um acompanhamento de roncão em apartes, que diverte o publico, mas immola a verdade.

N'uma tal comedia esses nadas não são *senões*; são traços caracteriscos, a que as outras obras dramaticas do tempo se não forraram.

Depois, isso já vinha dos romanos. A scena III do Acto IV do Amphitryão de Plauto, a scena II do Acto II da Asinaria, a scena (que Molière tomou quasi tal qual) I do Acto I

do Amphitryão, entre Mercurio e Sosia, etc., etc., etc., o confirmam.

O theatro vazio, erro communissimo em Ferreira e Miranda, foi tambem herdado dos romanos.

Até o scenario o foi : praça, com as casas dos interlocutores dando sobre ella, e praticaveis; vista de quasi todas as peças romanas.

Aquelles criados, confidentes, e emissarios, são em Miranda e Ferreira uns buliçosos typos, que discutem com seus senhores, os reprehendem, lhes pregam moral, e giram como diabretes ante o espectador, quasi sem fazer sombra na tela do entrecho; parentes dos Apariços e Ordonhos[1], e dos pagens[2] de Gil Vicente; e netos dos Sosias, dos Libanos, e Leonidas de Plauto.

No theatro christão pouco podia significar alem de chocarrice essa camaradagem de servos e amos. No theatro romano porém, significava immenso; era um grito de desafogo. O autor, escravo e pobre, pensava elevar assim a sua triste classe. Ha em Plauto visivel intenção de rehabilitar a escravaria. Aquelle

Tam ego homo sum, quam tu,

declamado nas barbas da grande Roma era sublime.

Isto é que são em dois traços os personagens do Bristo, na opinião humilde d'este obscuro leitor. Vieram estas aproximações para demonstrar o que pensamos: isto é que se já no Bristo começava o autor a impregnar-se em certa pureza antiga, a que se vê que elle aspirava, pelo

[1] Gil Vic., *Auto de quem tem farelos.*
[2] Gil Vic., *Farça do Juiz da Beira.*

desenho de cada typo imitava o theatro nacional hespanhol e italiano.

E a despeito de todas as rebarbas, falhas, e quebras do theatro de Ferreira, parece que podemos assentar em que grande vantagem leva elle ao theatro de Sá de Miranda. A confusão, indecisão, obscuridade das peças de Miranda ainda as requinta o obsoleto e guedelhudo da linguagem, a que o nosso Costa e Silva não duvida assignar um seculo de idade com relação aos contemporaneos.

As palavras, como as folhas do bosque — lá o diz o velho Horacio — têem a sua mocidade, o seu estio, e o seu outomno. Na arvore litteraria de Sá de Miranda aquella folhagem amarella de portuguez senil só nos falla do outomno, e do preterito.

E não admira. Primeiramente, porque os contemporaneos a que o autor do *Ensaio* allude são o Ferreira, o Caminha, o Camões, etc.; ora esses não deviam muito á propria ser tidos como *contemporaneos* de quem, nascido cinco annos ainda pelo seculo XV a dentro, florescera na côrte antes do nascimento de qualquer d'elles, e se os conheceu (como de facto os conheceu) teve com esses escriptores, de uma geração trinta annos posterior á sua, as relações de um pae velho entre os seus discipulos; de um decano, entre cultores da mesma arte; de um respeitavel fundador, entre os noveis seguidores da escola italiana; de uma reliquia do tempo antigo, entre os vivazes representantes do presente.

Em segundo logar foi (quem sabe?) pelos annos da primeira meninice de Ferreira e dos mais, que o autor dos Vilhalpandos se acolhia como um ermitão á sua Tapada, para gozar no remanço domestico e nas fadigas tão

saborosas da lavoira, o resto de vida, que lhe Deus protraíu ainda por tantos annos.

Essa longa e porfiada persistencia exclusiva entre os seus minhotos de Ponte de Lima e Braga envelheceu-o necessariamente. Esqueceu as louçanias modernas da côrte, e enfronhou-se n'uma certa antiguidade robusta, que a longa estada na provincia communica sempre. O seu pensar deixou talvez, longe dos estimulos de uma côrte litteraria, de adquirir o alcance que lhe podera ter dado o trato da geração que alvorecia; mas em troca, o seu portuguez encaneceu, e tomou certa autoridade patriarchal que ainda as suas obras nos revelam.

Ferreira e os outros eram mancebos, eram cortezãos, eram homens das cidades; ficaram fallando (no theatro muito mais, que deve ser espelho do fallar usual) a lingua relativamente elegante e correntia que então se usava. Miranda crystallisou nos seus archaïsmos, e ficou-se.

É um phenomeno phylologico muito notavel: a provincia traz um incontestavel apego á lingua materna; por isso, quasi todos os nossos melhores *classicos* a frequentaram muito.

Nada admira pois que a linguagem de Miranda pareça hoje anterior um seculo á do Ferreira, á do Caminha, á do Bernardes, á do Camões, todos mancebos em relação a elle, e todos (mais do que elle) decididos sectarios da nova evolução poetica e linguistica, que o Miranda apenas encetara, mas encetara com boa mão. É d'elle, por exemplo (segundo um laborioso mineiro d'estas coisas[1]), a introducção dos energicos superlativos latinos de um só termo, até então expressos em duas palavras.

[1] Francisco Dias, *Memoria sobre o estylo comparado dos quinhentistas*, etc.

Mas, digamol-o de passagem, aquelle pequenino fardel dramatico do bom Miranda parece-nos em verdade, como theatro, coisa bem pêcca! escuridade no enredo, na acção d'elle, e no dizer. Personagens confusos, tenuemente debuxados, pesados no chiste, grosseiros, e boçaes. A urdidura, grotesca, infantil. E para realce, o trabalho improbo a revelar-se em tudo.

A sua imitação do theatro antigo é pouco illustrada. *Os Menechmos*, o *Amphitrião*, a *Asinaria*, tudo isso contribuiu á tôa para os *Estrangeiros* e para os *Vilhalpandos*.

Como os personagens romanos, os portuguezes adoptam o *tu* na conversação; velharia que destoa dos nossos usos.

As mulheres têem sempre nas pèças de Miranda e de Ferreira uns papeis pouco dignos, e quasi sempre secundarios. Outro latinismo torpe e inutil, que nada significa transplantado a sociedades christãs, e cavalleirosas como aquella.

Por outra parte (repetil-o-hemos sempre) que preciosidade, como antigalhas, não são as duas comedias de Sá de Miranda! thesouros de linguagem vernacula, choruda; bons e sadios lombos de linguagem portugueza já salgadinha e prompta, que é só chegar e cortar. Aquillo é mina que dá para todos.

XII

A Castro de Antonio Ferreira.

Fallemos da obra mais consideravel do poeta: a sua tragedia de Ignez de Castro.

Não foi sem receio que abrimos tal assumpto, e revolvemos as provas do processo, pendente ainda para alguns, acerca da verdadeira e incontestada paternidade d'esta tragedia.

Antes de entrarmos no pleito, vejamol-a em toda a sua luz; acerquemo-nos d'ella; palpemos esta ruína tres vezes secular.

O que é a Castro do Ferreira? Como definir este venerando e caduco poema partido em scenas, distribuido por pessoas, e que, falhando a tantas das condições da arte scenica, é (não obstante) é (ainda hoje) motivo de tanto interesse e tanta commoção para os filhos de Portugal?

Será historia? não. A imaginação do autor introduziu pessoas não historicas, idealisou as situações, creou, vestiu; e (bem que achegada em muitos passos á narrativa das chronicas velhas) remontou-se felizmente a muito maior altura.

Será tragedia esculpida á imitação exacta das antigas tragedias? tambem não. Ahi procurais debalde o terror, os trovões de Eschylo; o sentimento, a correcção de Sophocles; a variedade, a profundeza de Euripides. Nem o

conhecimento sagaz da alma humana; nem os extases da paixão; nem o embate fulminante das situações; nem o pulído da forma; nem (senão mui raro) a elevação ideal dos conceitos.

Que resta pois!

Nada — respondereis vós —

E nós tornaremos: apesar de tudo, a despeito d'essas minguas todas, resta ainda muito: resta ainda a Castro.

É a Castro um poema singular, muito pobre e muito fidalgo, que não se dignou de soccorrer-se a nenhum dos artificios do theatro, e que, opulento da sua propria nudez, por ella mesma nos espanta.

Manquejou no enredo; a contextura é apenas a singela exposição do acontecido, sem o fazer e desfazer, sem as suspensões calculadas, sem o desfarçado *crescendo* das gradações.

Os caractéres são cruamente pintados.

El-Rei D. Affonso apenas se entrevê; é um ancião debil, dominado, quasi timido. Não é o heroico vencedor do Salado, nem o rebelde irmão de Affonso Sanches; é uma sombra.

Os matadores são uns honestos rufiães, com sêde de muito sangue, e desfarçam mal em proclamados motivos de alta politica o seu nefando commettimento. Fallam todos tres pela mesma bocca, e nem têem o porte de heroes gregos, nem a arrogancia dos grandes do seculo XIV, nem ao menos a fereza de assassinos.

O Secretario (concordemos com um critico illustre) é de todos os personagens o mais sustentado. Julga de sua consciencia aconselhar ao Infante, e aconselha o com hombridade como a sua consciencia lh'o ordena. Combate as reluctancias do Infante, e arrosta-lhe sereno e

atrevido com as formaes negativas, com as proprias ameaças.

O côro (entidade anómala e insustentavel nos nossos theatros) formula sempre piedosamente a opinião, e canta em suavissimas odes de grande altiloquía e ás vezes sentimento, a triste sorte da misera e mesquinha.

A ama é suave, mas medrosa e nulla; e em nada responde ao que se espera do seu caracter pelo verso em que Ignez a pinta:

Ama, na creação ama, no amor mãe.

Que diremos finalmente de Ignez e Pedro? E por ventura aquella Ignez a formosa *collo de garça*, a apaixonada hespanhola que todos entrevimos nos nossos estudiosos sonhos de adolescencia? Não de certo; e ainda assim, prende e arrebata. Para ella soube encontrar o poeta alguns toques de verdadeiro sentimento; aquelles prantos, aquella tremula voz, aquella allucinação que até os sonhos da noite lhe tingia de sangue, tudo isso é bello. O seu amor a Pedro é um mixto da paixão de amante, e da timidez de vassala. Aquella paixão não é a dominação da concubina, é o casto imperio da esposa christã. Ama-o muito, estremece-o, e sente-se pequenina ao mesmo tempo perante aquelle formoso e altivo mancebo, que é o seu namorado, mas é o seu principe.

Elle, o principe, é um leão que o amor traz rendido. Sente-se em muitas das suas phrases um como sacudir de juba. Os seus arrulhos são rugidos; e a explosão da ultima scena do acto V tem (apesar das suas longuras) ais, de arripiár as carnes. Sim; D. Pedro é quasi aquelle Infante tão esperançoso, tão bom, tão justiceiro, e que uma des-

graça tamanha revirou de repente no sanguisedento Pedro o Crú.

Faltam a esta tragedia (ainda mal!) os muitos lances com que maior ousadia poetica a teria enriquecido.

A ama, de que poderia ter-se feito uma segunda mãe, é o pretexto para dialogos com Ignez. Não a vemos interessar-se, carpir, acompanhar o desenlace.

El-Rei D. Affonso tem apenas com Ignez uma scena, em que a tibieza corre parelhas com a inverosimilhança. Nenhuma com seu filho. As que tem com os homens do seu Conselho são monotonas, sentenciosas, e pesadas.

Para dizer tudo n'uma phrase: o Infante e D. Ignez nem uma vez se encontram. Aquelles amores não são vividos; são narrados. Nem uma despedida antes da caçada; nem uma phrase.

Não digas — lhe segredou talvez a sua Musa — deixa adivinhar; não mostres; deixa entrever. Concisão; sobriedade. A alma do espectador e do leitor completarão o que falte no teu quadro.

Bouterweck acha a esta tragedia pouca verdade, cançaço na imitação grega, pouco interesse dramatico, e a dignidade tragica só mantida na linguagem; e Ochoa no seu *Catalogo historico y critico de piezas dramaticas anteriores a Lope de Vega*, diz que o principal defeito da Castro é a falta de acção e enredo dramatico; chama uma inutilidade ao acto quinto; uma absoluta nullidade ao personagem do Infante; e acha o Rei indeciso e debil; não vê motivo para o odio de Coelho, Pacheco, e Gonçalves, nem para a ausencia do Infante; e acoima a versificação de frouxa e desalinhada, bem que ao estylo não falte certa elevação e affectos tragicos. Os côros, onde ha bellos trechos de poesia, têem (segundo o citado

juiz) toda a inverosimilhança dos das tragedias antigas[1].

Sim; pois no meio d'essas pobrezas todas (repetimol-o) a Castro de Antonio Ferreira é, senão uma tragedia, um poema de grande pulso, e onde a sua intelligencia (quasí adivinhação) da alta poesia de um facto da nossa historia, bem compensa a inexperiencia que elle revela no casar o seu ideal á forma poetica.

E em quanto os tentames de Vasco Dias Tanco[2] em Hespanha, Trissino[3] em Italia, e em Portugal Henrique Ayres Victoria[4], ressuscitavam os assumptos da historia sagrada, e profana dos antigos hebreus e gregos, o nosso patriotico Ferreira desenterrava, com o seu grande instincto, na opulenta mina da historia portugueza, a lacrimosa lenda de Ignez de Castro[5].

O assumpto era d'estes que a todos seduzem; prova-

[1] Esta severa sentença de Ochoa é proferida contra a tragedia *Nise lastimosa* de Bermudes, que, segundo mostraremos adiante, é em tudo identica á tragedia Castro portugueza. O juizo pois serve indistinctamente para ambas.

[2] Vasco Dias Tanco escribió tres tragedias (las primeras que se hicieron en España) tomando sus argumentos de la historia sagrada, las cuales no han llegado á nosotros.

(*Discurso historico*, por D. Eugenio de Ochoa, no tomo I do *Tesoro del Teatro español*, pag. 38.)

A pag. 71 se encontram os titulos das tres tragedias, e algumas noticias do autor.

[3] Trissino, autor da *Sofonisba*, reputada a primeira tragedia italiana.

[4] Henrique Ayres traductor da tragedia *Electra*, de Sophocles. Vide acerca d'este nosso poeta o diccionario do senhor Innocencio F. da Silva.

[5] Dil-o muito bem Martines de la Rosa na sua dissertação sobre a *Tragedia : Las anteriores, de que tenemos noticia, o versaban sobre argumentos tomados del teatro griego, ó debian ser una especie de dramas sacros, con asuntos tomados de la Escritura; pero en las composiciones de Bermudez ya se ven argumentos originales, fundados en sucesos ocurridos en tiempos modernos y propios de una nacion vecina; en una palabra, ya notamos en ellas un paso atrevido del arte, que sintiéndose ágil y vigoroso, queria soltar las andaderas, para correr mas libremente*

velmente os arrabís dos campos do Mondego o haviam tomado por mui seu desde o tempo antigo; e quando Garcia de Resende cantava as suas *trovas*, que lá veem no Cancioneiro, não faria talvez mais do que repetir, nos principios do seculo XVI, o que fôra assumpto das chácaras populares do seculo passado.

Ferreira, que lêra sem duvida o Cancioneiro, Ferreira que hauriu nas narrações singelas dos nossos chronistas tantas das bellezas da sua tragedia, Ferreira que sentira em primeira mão, nos seus annos de estudante, a immensa tristeza, a namorada poesia, com que os ares, as arvores, o ceo de Coimbra commemoravam, como ainda hoje commemoram, aquella morte, deu ás suas impressões pessoaes a forma antiga; e em quanto Luiz de Camões pranteava na oitava italiana as estancias tão melancolicas do seu episodio, Ferreira pedia ao theatro grego, á tradição classica, á imitação exagerada dos modelos antigos, o scenario, a disposição, a sobriedade, a severa magestade, com que dispoz, agrupou, e animou as figuras portuguezas.

O que nos parece poder asseverar-se, é que a bossa tragica propriamente dita não era grande em Antonio Ferreira; e que foi com muito estudo dos modelos, e aturados esforços de intelligencia, que elle conseguiu a sua Castro; tentativa muito bella em realidade, e que, a despeito dos seus senões, e do seu desprezo das unidades de tempo e logar, e da tibieza de muitos lances, tanto sobreleva na sua nudez ingenua, a muitas das Castros, que de Ferreira até hoje, em Portugal e por toda a Europa, têem grangeado tantas famas!

XIII

Ferreira e Bermudes. — A Castro e as Nises. — Prioridade de Ferreira. — Martines de la Rosa. — A edição de 1587 ainda mais enterra Bermudes. — Comparação de trechos analogos.

Sobre ser ou não Antonio Ferreira o verdadeiro autor da tragedia Castro, disputou-se largamente, tanto em Portugal como na Hespanha. Queriam uns que tivesse roubado ao nosso Ferreira o poeta gallego Jeronymo Bermudez, frade dominico, lente da Universidade de Salamanca, e nascido um pouco depois de Antonio Ferreira, segundo se crê. Pensavam outros que o plagiario fosse o poeta portuguez, mero traductor de uma obra identica de Bermudez.

Como é de suppor, de um e outro lado se adduziram argumentos serios. A questão porém (quanto a nós) acha-se resolvida.

Accredite o leitor que por nossa parte nada poupámos para firmar uma opinião.

Lêmos attentamente a Castro portugueza, e a Nise castelhana; e hesitámos muita vez, ante as incontestaveis bellezas de uma e outra obra. Bermudes appareciа-nos ora sobrepujando a Ferreira, ora vencido pelo nosso portuguez. Chegámos ao fim da leitura com o convencimento de que a obra hespanhola e a portugueza são uma e a mesma, salvas algumas levissimas interpolações, e algumas longuras a mais na castelhana.

E perguntámos a nós mesmos : não é geral nos tra-

ductores a tendencia para a paraphrase? que raros são os bons traductores com a hombridade necessaria para desvestirem a sua individualidade, em favor do autor? é tentação communissima n'elles o quererem accrescentar aos pensamentos primitivos. Foi isso justamente o que nos pareceu ter passado no espirito do castelhano ao traduzir a Castro.

Alem d'isso (posto que muito feliz em innumeraveis passos) o autor castelhano decae visivelmente da *Nise lastimosa* para a *Nise laureada*[1]; prova de que ao faltar-lhe a muleta portugueza já se não aventurava com a mesma seguridade aos mares tempestuosos de uma composição original[2].

Em muitos sitios, que fôra longo exemplificar aqui, descobre-se em Ferreira a espontaneidade de autor, as indecisões de fundador, e em Bermudes[3] o socego de quem traduz, as delongas e a meditação de quem imita. Assim se descobre tambem a primeira intenção, a mancha, o toque nativo, nos quadros dos mestres, em quanto as copias, por melhores que sejam, rarissimas

[1] Da *Nise laureada* diz o já citado D. Eugenio de Ochoa o seguinte : *No hai fabula en esta pieza, ni interes, ni enredo, ni desenlace, ni afectos, ni caracteres, ni situaciones; todo es languidez, desaliño, impertinencia, atrocidad feroz, olvido continuo de los preceptos que dicta el buen juicio en esta clase de composiciones.*

[2] Este argumento é de Martines de la Rosa, que escreveu : *La segunda tragedia de Bermudes es tan inferior a la primera, que hasta ha aumentado los motivos de sospechar que realmente el poeta castellano tuvo algun ejemplar delante en una de ellas, y se estravio desacordadamente cuando le faltó en otra. La sola eleccion del argumento basta para colocar ambas obras a larga distancia*, etc.

[3] Fique o leitor entendendo que quando dizemos *Bermudes* seguimos a opinião geral, que attribue ao frade Bermudes as tragedias que saíram em 1577 com o nome de *Antonio de Silva*. Martines de la Rosa diz : *Casi ciertamente son de un monge muy instruido, llamado Fr. Geronimo Bermudes*, etc.

vezes deixarão de dizer a olhos experimentados, que são filhas dos originaes.

Para nós foi esta a impressão produzida por duas leituras consecutivas das tragedias de Ferreira e de Bermudes.

A priori porém já tinhamos formulado opinião, em vista de outro argumento, tão decisivo como aquelles.

Está averiguado, ou não, que ao talento de Ferreira correspondia um caracter nobre e austero, e uma inteira probidade? cremos tel-o demonstrado.

Estará provado que elle se desse algures por autor da Castro?

Quando saíu a primeira edição da tragedia portugueza? em 1587, sem nome de autor. Provará isto que, só dezassete annos depois da morte de Ferreira, ignorasse o impressor Manuel de Lira o autor da obra que editava? O que é certo é que a segunda edição da Castro, que saíu com a primeira dos *Poemas Lusitanos*, por diligencia do filho do poeta, vem como de Antonio Ferreira.

Mas existem dois documentos contemporaneos do autor, que nos affirmam que elle em sua vida acceitava a paternidade da tragedia : é primeiro o soneto seguinte de Bernardes, felicitando-o pela composição da sua tragedia :

Se Dona Ignez de Castro presumira
que tinha o largo ceo determinado
ser o seu triste fim tão celebrado
co'o raro engenho da tua doce lyra ;

nada que de mais duros golpes vira
o seu tão brando peito traspassado,
do corpo o triste esprito desatado,
ledo d'esta baixeza se partira.

Alegre-se no ceo, pois que na terra
o seu nome por ti será famoso,
o qual já não lembrava em Portugal.

O teu estilo fez á morte guerra.
Oh ! Dona Ignez ditosa ! oh ! tu ditoso,
que dando vida, ficas immortal.

Em segundo logar, a resposta dada pelo proprio Ferreira no soneto seguinte :

Bernardes, cujo esprito Apollo inspira,
volve teu doce canto (a mim mal dado)
ao grande objecto teu, que levantado
por ti será á alta gloria a que já aspira.

Inda onde quer que está, chora e suspira
o triste Infante, em ver tão mal chorado
seu doce amor, de que cá tão magoado
não fartou de agua os olhos, peito de ira.

Isto só pede aos ceos : que inda da terra,
que a sua cinza esconde, um raio claro
nova luz traga á sua sepultura ;

e aclare a nuvem, que nos cobre e cerra
aquella mal chorada fermosura,
tão digna do amor seu no mundo raro !

O que Bernardes põe no soneto é positivo, nem dá logar a interpretações : se Ignez adivinhasse que *a tua doce lyra* a havia de vir a celebrar, etc. Alegre-se ella no ceo, pois o seu nome, quasi esquecido, será famoso *por ti;* o *teu* estylo a ressuscitou; ditoso *tu*, etc. Nenhuma d'essas phrases se poderia endereçar a um traductor.

Não é menos explicito o depoimento do soneto de resposta : o tom modesto com que Ferreira pede que Bernardes não empregue n'elle o seu doce canto, e la-

menta ver *tão mal chorado* o amor infeliz do Infante D. Pedro, etc.

Logo é certo que em sua vida acceitava Antonio Ferreira sem rebuço perante os seus pares em lettras o titulo de autor da obra em questão.

Isto n'um homem serio, n'um caracter de bem, é muito, e é tudo.

Não parámos ahi. Buscámos opiniões a que nos arrimassemos.

As objecções postas por Costa e Silva não nos parecem de tanto peso como á primeira vista poderia julgar-se. E se Bouterweck entende ser a Castro de Ferreira inferior á Nise de Bermudez, Ochoa chama a esta *uma traducção livre da que escrevera antes de* 1558[1] *o portuguez Ferreira;* e Signorelli (citado por Ochoa) diz na sua Historia dos theatros : *a Castro portugueza segue servilmente, scena por scena, a tragedia hespanhola; começa, prosegue, e termina do mesmo modo; copia as situações, os pensamentos, e até as palavras; em summa : Bermudes seguiu a Ferreira como a sombra ao corpo, copiando-o e traduzindo-o todo, até nos defeitos, nos adornos lyricos, e na sutileza demasiada dos pensamentos.*

[1] Tratámos de investigar a razão em que se fundara Ochoa para declarar tão peremptoriamente que a Castro de Ferreira fôra escripta antes de 1558; e não a encontrámos; percebemos porém talvez a sombra de razão em que elle se estribára; e vem a ser a declaração que faz em 1598, Miguel Leite Ferreira filho do poeta, de que as obras de seu pae estiveram por espaço de quarenta annos tanto em vida do Ferreira, como depois do seu fallecimento, sem verem a luz. Ora deduzindo quarenta annos de noventa e oito, temos 58; d'onde (nos parece) quer Ochoa inferir que em 58 estava prompta toda a materia dos poemas lusitanos, o que nos parece ter já demonstrado que é falsissimo. Temos pois por certo que hoje, em quanto não apparecer alguma nova razão forte e concludente, não se pode, por modo algum, adscrever data á Castro de Ferreira.

D'entre todos os que discutiram o ponto sobrelevou no nosso humilde juizo o sabio Martines de la Rosa, que na sua dissertação sobre a Tragedia hespanhola, e não (como se tem dito) nas notas da sua Arte Poetica deixou triumphalmente demonstrada a originalidade de Ferreira, e por um modo, que, se honra o nosso conterraneo, glorifica não menos o leal caracter de Martines de la Rosa [1].

As proporções que tem tomado este estudo, destinado em seu principio a não passar de poucas paginas, vedam-nos entrar em transcripções, que em vista de tão peremptorias declarações de bons juizes, seriam escusadas. Os curiosos recorrerão ás fontes.

Post-scriptum. — Depois de escripto o presente capitulo, e de prompta esta obra para a impressão, tivemos o prazer de cotejar a mysteriosa edição da Castro de 1587 (hoje em poder do Sr. Henrique da Gama Barros) com a de 1598 e as outras. Vimos com espanto numerosissimas divergencias entre a de 87 e a de 98 (só mencionaremos esta, pois que as subsequentes são reproducções d'ella); divergencias tanto mais para notar, quanto ambas essas edições saíram posthumas!

Do estudo e da meditação tirámos como consequencia que a Ignez de Castro de 1587 é o texto primitivo, sobre o qual o autor teria bordado as variantes e interpolações que se encontram na edição de 1598, e do qual teria

[1] Martines de la Rosa, juiz imparcial e consciencioso exclama com a sua lizura costumada: *Debo manifestar de buena fe que, cotejando entrambas obras, me parece que se descubre en la portugueza el verdadero original.*

riscado, não menos, periodos que n'esta se não encontram.

Parece-nos que o codice que serviu a Manuel de Lira para a edição de 87 seria o primeiro borrão da tragedia, e pertenceria á mocidade do autor. Aquelle verso decasyllabo não está ainda affeiçoado; não é ainda o verso heroico das Cartas; é um metro flaccido e incerto, que nos revela o autor ainda á busca da sua *maneira*.

Que este assumpto de Ignez de Castro fòra para o Ferreira de grande predilecção, tudo parece confirmal-o. Vê-se que desde mancebo se enamorou d'este quadro historico, o estudou, o bosquejou, e o aperfeiçoou com toda a diligencia. Provam-n-o as allusões a D. Ignez n'uma das Eglogas, prova-o o soneto de Bernardes, o soneto de Ferreira em resposta, a representação da Castro em Coimbra (attestada pelo titulo da edição de 1587), e finalmente a existencia (só agora comprovada evidentemente) de duas copias mui diversas da mesma tragedia.

Não será facil adivinhar o motivo por que Manuel de Lira omittiu o nome do autor, que devia ser (e era) conhecido; e entrevemos na edição de 98 uma especie de intenção em Miguel Leite de rehabilitar a memoria de seu pae, vingando-o com uma edição completa das suas obras, do roubo que na sua propriedade litteraria fòra feito, provavelmente á revelia do filho e dos amigos, e por alguma copia velha, deturpada e aleijadissima.

D'essa copia de Manoel de Lira para a que possuia Miguel Leite Ferreira ha (como disiamos) grandes differenças; visivelmente feitas pelo proprio autor; e é facil reconhecer mais mestria na Castro de Miguel Leite do que na Ignez de Manuel de Lira; o que mostra que esse codice conservado em casa do poeta era o que elle perfilhava,

e onde a sua lima tinha trabalhado com mais efficacia.

De qual das duas copias, tão diversas entre si, se tinha soccorrido Bermudes para o seu reconhecido plagio? da primeira, ou antes de alguma copia da primeira.

É curioso comparar a Nise com a edição de 1587; são muito mais achegadas ainda uma da outra, do que a Nise da edição de 1598. Logo no principio se nos depara a prova.

Aquelle sabido monologo com que o Infante abre o acto V, e que por vir na Nise posto no principio do primeiro acto grangeou para Bermudes o elogio de Martines de la Rosa[1], o qual julgava ficar assim motivada no decurso da tragedia a ausencia do Infante (um dos desprimores do entrecho); esse monologo, repetimos, fôra primitivamente collocado por Ferreira no principio do seu acto primeiro, (como demonstra a edição de 1587) reivindicando-se-lhe assim o elogio que fôra conferido ao supposto aperfeiçoador Bermudes.

Depois d'esse monologo (de que logo tornaremos a fallar) segue a scena entre o Infante e o Secretario, a qual é a II da edição que damos nos excerptos. Ha consideraveis differenças entre essa scena na edição de 87 e na de 98, bem que o andamento seja identico em ambas. Até o caracter do Infante é mais desabrido na edição ulterior, e mais cordato na primeira. Os dois côros que terminam o acto são diversissimos nas citadas edições, sendo em Bermudes traducções fieis do portuguez primitivo. Martines de la Rosa fez sobre esse ponto considerações, que depois do apparecimento da edição de 87 ficam prejudicadas.

[1] Dissertação sobre a *Tragedia hespanhola*, pag. 46.

O acto II é com pequenas differenças, que não vale a pena mencionar, quasi identico em ambas as edições.

No acto III, scena I ha algumas differenças consideraveis no monologo de Ignez. Logo depois no dialogo entre Ignez e a ama ha na edição mais moderna consideraveis intercalações, que fazem d'esses passos das duas edições escriptos totalmente differentes. Na scena entre a Castro, a ama, e o côro, ha algumas differenças de pouca monta.

No acto IV a scena I entre El-Rei, os Conselheiros, e D. Ignez, tem versos a mais, ora na edição de 1587 ora na de 98; mas não são differenças essenciaes. A scena II segue em ambas o mesmo andamento, com algumas divergencias. Nos córos a mesma coisa.

O acto V da edição de 1587 abre por um monologo do Infante D. Pedro em verso de seis syllabas, como o acto V da Nise; côro que no castelhano é identico ao portuguez. Aqui os damos ambos, para que o leitor julgue por seus olhos :

CASTELHANO.

Quién fuerza tanto un alma
que no tiene mas vida
de la que se le pega
de unos hermosos ojos?
El punto de mi muerte
es el en que me veo
sin ti, señora mia;
de allá me estás llamando,
y acá tu voz suave
a mis oidos llega,
y a tus suspiros tiernos,
y a tus deseos puros,
mi corazon responde.

Ni el estrellado cielo,
ni el esmaltado campo,
ni la gustosa casa,
ni la conversa humana,
ni el humano consorcio,
aliviarme pueden
el peso de tristeza
estraña, y no creible,
que de mi se apodera
las horas y momentos
que sin ti se me pasan.
A ti me llamo luego,
a ti me voy, señora,
para jamas partirme
del alto acatamiento
de tus hermosos ojos,
que este es el bien entero,
esta es la lumbre clara
destos que acá te lloran.
Fuera de ti son ciegos,
fuera de ti no veen
sino crudeles sombras;
paréceme este mundo
un aspero desierto;
los arboles me muestran
la sombra de mi muerte;
las flores mas alegres
mas tristes me parecen;
las fuentes se me antoja
que estan vertiendo en llanto
su liquido tesoro;
las aves me quebrantan
el alma con sus cantos;
pareceme que todo
lo que Dios hizo, y hace,
ha sido con tal orden
que yo no le tuviese,
en ser atormentado
en el momento y punto,
mi bien, que no te viese;
dulzura tan celeste.

tan increible gozo,
tan peregrina gloria,
esta alma triste espera,
mi bien, de solo verte,
mi bien, de solo hablarte.

PORTUGUEZ.

Que faz a força a um' alma
que vive do costume
de ver uns bellos olhos
de que recebe vida?
Mouro aquella hora toda
que me vejo tão longe
de ti, minha senhora.
De lá me estás chamando;
cá oiço teus suspiros
e entendo teus desejos.
Nem o ceo estrellado,
nem o florido campo,
nem a gostosa agua,
nem o conversar co'os homens,
me tiram este peso
com que me sinto sempre
quando de ti me aparto.
A ti me vou, senhora,
para nunca partir-me
d'essa formosa vista
em que perfeitamente
descançam os meus olhos.
Fora de ti são cegos;
fora de ti não vejo
senão tristeza em tudo,
nas noites e nos dias,
nos montes e cidades.
As fontes me parecem
que estão sempre chorando;
entristecem-me as aves
com seus alegres cantos;
as flores se me seccam.

O mundo todo me é
um deserto mui triste;
em tudo cança est' alma;
em te ver só descança.
Quem me aparta de ti,
meu bem, quem me aparta
de ver o que deixando
um momento não vivo.
Não quero mais estado,
não quero melhor vida,
que ver-te só e fallar-te;
esse é meu reino todo;
n'isso descanço e vivo.

Na scena II do acto V entre o Infante e o mensageiro, ha alguns versos a mais na edição de 1587; mas o grande monologo final do Infante é mais extenso na edição de 98.

Outra differença, que nos parece capital: o titulo da tragedia foi primeiro, como vimos, D. *Ignez de Castro;* depois, quando a mão severa do classico doutor aperfeiçoava e pulia, esse mesmo titulo ficou sendo sómente *Castro*, para maior simplicidade e maior parecença talvez com as Antigones e as Electras da antiguidade. Nos sitios onde o Infante exclamava *Ignez! Ignez!* substituiu a edição ulterior: *Castro! Castro!* As proprias rubricas de scena diziam em 87 *Dona Ignez*, e em 98 *Castro*. Ora com essas mesmas minucias de 87 se conforma a versão castelhana.

Este apparecimento de duas copias diversas de uma só tragedia portugueza prova em favor da prioridade do Ferreira; porque se vê que, senhor da sua obra, a alterava sem rebuço, a seu bel prazer; e que tendo-lhe dado primeiro uma feição mais portugueza e mais singelinha, a expurgou depois do que se lhe figuraram barbarismos,

e familiaridades indignas do alto cothurno. Bermudes pelo contrario foi paraphrasta servil (se estas expressões podem conciliar-se); e se tantas vezes nos parecia até hoje apartar-se da *Castro* conhecida é porque copiava fielmente o esboço imperfeito do poeta, esboço que era já aperfeiçoamento da primeira e incompleta idéa da tragedia, tal como se representara em Coimbra (segundo diz o titulo de 87).

Esta edição pois, que possue o Sr. Gama Barros, veiu dar mais um argumento contra o desbragado plagio do dominíco de Galliza.

Promettemos pouco acima tornar a fallar do monologo do Infante D. Pedro que se lê no principio do primeiro acto da edição de 87. Vamos submettel-o ao juizo do leitor, comparando cada periodo com os correspondentes da traducção de Bermudes, e da edição ulterior de 1598, a qual (como já fizemos notar) tem sido o original das mais edições.

D'esse exame vai tornar-se evidente aos mais prevenidos: que as suppostas paraphrases de Bermudes eram traducções, cujos originaes se achavam sullapádos antes do descobrimento (chamemos-lhe assim) d'esta preciosa e importante edição de Manuel de Lira.

Se applicassemos egual trabalho de comparação a muitos outros trechos da tragedia, corroborariamos a nossa crença; basta porém esta longa tirada. Eil-a:

FERREIRA (edição de 1587).

Outro ceo, outro sol me parece este,
differente d'aquelle que lá deixo
d'onde parti, mais claro e fermoso.

BERMUDES.

Otro cielo, otro sol me parece este,
del que gozaba yo sereno y claro
allá de donde vengo ; ay, triste cielo !
como en ti veo el trance de mis hados!

FERREIRA (edição de 1598).

Outro ceo, outro sol me parece este,
differente d'aquelle que lá deixo
d'onde parti, mais claro e mais fermoso.

FERREIRA (1587).

Ai ! onde não parecem os dois bellos
olhos da minha luz tudo é escuro.

BERMUDES.

Ay ! que donde no veo aquellos ojos
que alumbran estos mios, cuanto veo
me pone horror y grima, y se me antoja
mas triste que la noche y mas escuro.
Allá (ay dolor !) los dejo, allá en Coimbra
tierra donde paró la edad dorada;
oh ! que no es tierra aquella ; paraiso
la llamo de deleites y frescuras.

FERREIRA (1598).

Onde não resplandecem os dois claros
olhos da minha luz, tudo é escuro.

FERREIRA (1587).

Aquelle é o meu sol, a minha estrella
mais clara, mais fermosa, mais luzente
que Venus, quando mais clara se mostra.
D'aquelles raios se allumia a terra
em que sombra não ha nem nuvem escura.

BERMUDES.

Nada.

FERREIRA (1598).

Aquelle é só meu sol, a minha estrella,
mais clara, mais fermosa, mais luzente
que Venus quando mais clara se mostra.
D'aquelles olhos se allumia a terra,
em que sombra não ha, nem nuvem escura.

FERREIRA (1587).

Tudo ali é tão claro, que té a noite
me parece mais dia que de dia!

BERMUDES.

Alli tan claro es todo, que aun la noche
mas dia me parece que de dia.

FERREIRA (1598).

Tudo ali é tão claro, que té a noite
me parece mais dia que este dia.

FERREIRA (1587).

A terra ali se alegra e reverdece
d'outras flores mais frescas e melhores;
o ceo se ri e se doira differente
do que n'este horisonte se me mostra.

BERMUDES.

Alli el esmalte del florido suelo
mas que estrellado cielo representa;
alli el concento de las avecillas
es un reclamo dulce de las almas;
alli son tan vivíficos los aires,

que no dejan morir a los mortales.
El cancro y el leon, que vivas llamas
de sus fogosas bocas echar suelen,
con que la tierra abrazan, y despojan
de su librea verde la campiña,
alli son tan clementes y templados,
que dan su punto al amoroso fuego.
Alli mas que la plata reluciente,
de mas que humanas ninfas festejado
por el elisio valle y su llanura, etc.

FERREIRA (1598).

A terra ali se alegra e reverdece
de outras flores mais frescas e melhores
O ceo se ri e se doira differente
de que n'este horisonte se me mostra.

FERREIRA (1587).

O Mondego soberbo de tal vista
parece que co'o mar vai fazer guerra.
D'outros ares respira ali a gente
que faz alegres os que ali vivem.

BERMUDES.

Al Mondego vereis, que de tal vista
tanto se ensoberbece, que a Neptuno
direis que va afanzar de sus mojones.

FERREIRA (1598).

O soberbo Mondego com tal vista
parece que ao grã mar vai fazer guerra.
D'outros ares respira ali a gente,
que fazem immortaes os que lá vivem.

FERREIRA (1587).

Ó minha Dona Ignez, minha senhora!
ó meu amor tão doce e tão constante!

ó minha saudade, que faria
quando com te não ver uma meia hora
podendo ver-te e estar sempre comtigo,
não vivo sem te ver?

BERMUDES.

O doña Ines, mi bien, señora mia,
gusto d'esa mi vida, bien y gloria
d'esta alma tuya que te tengo dada,
aunque esa tierra gozas, si te gozas
sin mi, que yo sin ti viviendo muero.
O triste soledad! y que haria
quando con no te ver por un momento,
podiendo ver-te y siempre estar contigo,
no vivo yo sin ti?

FERREIRA (1598).

Ó Castro, Castro, meu amor constante!
quem me de ti tirar tire-me a vida.

FERREIRA (1587).

que vida triste
seria aquella! vida não seria
que em cuidar n'isto só me sinto morto.

BERMUDES.

que vida triste
seria aquella! vida no seria,
que en solo imaginalla ya me muero.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Minh'alma lá m'a tens, tenho cá a tua;
morrendo hua d'estas vidas ambas morrem;

e havemos de morrer? ha-de vir tempo
que ambos nos não vejamos nem eu possa
indo de cá cançado achar-te lá?

BERMUDES.

Mi alma allá la tienes, yo la tuya
acá la tengo, trueco precioso
de nobles corazones, nudo ciego
de amor que assi dos vidas tiene atadas
tan fuertemente, que la misma muerte
no puede deshacer ni llevar una,
sin que las lleve entrambas; o despecho,
o pensamientos mios tan amargos,
verdugos desta fé tan merecida,
que hayamos de morir, que venga tiempo
en que no nos veamos, y que cuando
de aca cansado vaya, no te halle
allá, o espejo claro de mi vida!

FERREIRA (1598).

E havemos de morrer? pode vir tempo
que ambos nos não vejamos? nem eu possa,
indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?

FERREIRA (1587).

nem achar os teus olhos tão fermosos
de que os meus tomam luz e tomam vida?

BERMUDES.

ni esos tus ojos vea soberanos
que al mismo sol deslumbran en su esfera?

FERREIRA (1598).

nem achar os teus olhos tão fermosos,
de que os meus tomam luz e tomam vida?

FERREIRA (1587).

Não posso cuidar n'isto sem os olhos
mostrarem a saudade que me fazem
tão tristes pensamentos. Viveremos,
amor meu, n'este amor tão casto e puro
que os ceos o querem;

BERMUDES.

Mas que spiritu es este que me lleva
a imaginar el mal de que estoy libre?
y aquestos ojos mios hechos fuentes
den muestras del quebranto que me causan
tan tristes pensamientos; viviremos
mi amor, en este amor tan casto y puro?
el cielo lo querrá.

FERREIRA (1598).

Não posso cuidar n'isto sem os olhos
mostrarem a saudade que me fazem
tão tristes pensamentos. Viveremos
muitos annos e muitos; viveremos
sempre ambos n'este amor tão doce e puro.

FERREIRA (1587).

E quando a morte
(Oh! morte triste que assim me entristeces!)
se vier por um de nós leve-nos ambos!

BERMUDES.

Y cuando la muerte
(o muerte triste, que asi me entristeces!)
llamare al uno, llevenos á entrambos.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Não fique eu, senhora, só sem mim ;
não fique eu triste cá de ti tão só.

BERMUDES.

Ne quedes tu, señora, sin mi sola,
no quede yo sin ti, señora mia !

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Mas Deus não te fez tal para que logo
te levasse da terra que tanto honras,
que isso seria não te dar ventagem
sobre as outras mulheres.

BERMUDES.

Mas no te hizo Dios tan santa y bella,
para llevarte luego de la tierra
que hollada con tus piés gloriosa queda ;
que eso seria no te haber criada
con mas ventajas que las otras hembras.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

que quem pode
tão differente d'ellas ser, parece
que alguns extremos mais lhe são devidos,
inda que a morte sempre o melhor busca,
e tu és o melhor que nós cá temos,

os tristes deixa; deixa-os que não fazem
sombra no mundo; a nossa luz nos leva.
Quer-se-nos mostrar grande e poderosa
em desfazer as coisas excellentes,
espanto e maravilha d'estes olhos.

BERMUDES.

Mas pues tan estremada entre ellas eres,
estremos grandes son los de tu muerte;
aunque ella suele como envidiosa
buscar lo mas precioso de la vida.
Ay! que temor es este que saltea
mi corazon! tu eres luz del mundo,
antes de todo el cielo rica muestra;
deja a los tristes, deja a los que no hacen
sombra en el mundo, y nuestra luz nos lleva.
Mostrar-se qu ere grande y poderosa
en deshacer las cosas escelentes,
espanto y maravilla destes ojos!

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Mas esta está guardada de ti, morte;
n'esta te foi mandado não tocares,
senão quando quizesses juntamente
deixar a Portugal sem honra e gloria,
a todo mundo mágoa e nojo triste,
e tirar-me a mim esta vida cruelmente.

BERMUDES.

Mas esta, o muerte, está de ti guardada;
en esta te han mandado que no toques,
sino cuando quisieres juntamente
dejar a Portugal sin honra alguna,
todo el mundo sin bien, a mi sin vida.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587)

De ti, senhora, vivo, e por ti mouro,
quem me de ti tirar tira-me a vida.

BERMUDES.

Por ti, señora, vivo, por ti muero;
mas es que vida verte; mas que muerte
de ti verme apartado, mi señora.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Meu pae m'a tirará se isso me manda,
mais do que já até aqui m'o tem mandado.

BERMUDES.

Mi padre, si porfia en lo mandado,
la vida ya me quita, ya no es padre.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Oh! triste reino, cego, ingrato aos ceos,
cruel contra o amor e contra mim,
cruel contra a minh'alma que me querem
arrancar d'este corpo! oh! Rei cruel.
Que te fez esta triste, que assim queres

roubar-lhe esta honra que lhe têm guardado
os ceos que para mores a fizeram!

BERMUDES.

O triste reino, ciego, cruel, ingrato,
ingrato a mi alma, ingrato al cielo,
cruel contra ti mismo, ciertamente
Dios te ha cegado, pues quitarme piensas
la lumbre de mis ojos; rey maldito,
aquella corderica qué te ha hecho?
aquella santa hembra en qué merece
ser despojada assi del alto estado
para que fué nacida, y de los cielos
al mundo ingrato dada en don glorioso?

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Pode ser mais inveja e mais sem causa?
pode ser mais crú o odio e menos justo?

BERMUDES.

Quien vió jamas envidia tan sin tasa?
quien vió tan cruel odio y tan injusto?

FERREIRA (1587).

Enganas-te, meu pae, se te parece
que posso obedecer-te em tal mandado.

BERMUDES.

Engañaste, mi padre, si imaginas
que pueda obedecerte en tal mandado.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Arranca-me a vontade d'este peito,
arranca-me do peito est'alma minha,
então acabarás o que começas;

BERMUDES.

La voluntad me arranca deste pecho,
arrancame del pecho esta alma triste;
con esto acabarás lo que pretendes.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Não cuides que me posso apartar d'onde
estou todo, onde vivo;

BERMUDES.

No pienses que asi puedo desviarme
de donde entero estoy, mas inmovible
que otro Asfaltite contra las tormentas,
de donde está mi alma.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

que primeiro
a terra subirá onde os ceos andam,
o mar abrazará os ceos e a terra,
o fogo será frio, o sol escuro,
a lua dará o dia, e todo mundo
andará o contrario de sua ordem,
que eu te deixe, meu bem, ou n'isso cuide.

BERMUDES.

que primero
la tierra subirá a besar los cielos,
el mar abrazará cielos y tierra,
el fuego será frio, el sol escuro,
la luna estará queda, y todo el mundo
saldrá del orden en que Dios le puso,
que yo, mi bien, te deje, o lo imagine.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

Rainha te verei d'este meu reino,
d'outra nova corôa coroada,
differente de quantas coroaram
ou de homens ou mulheres as cabeças.

BERMUDES.

Yo te veré señora de mi reino,
y en esa tu cabeza tan dorada
pondré yo con mis manos la mas rica
corona que jamas nacidos vieron.

FERREIRA (1598).

Rainha te verei d'este meu reino,
d'outra nova corôa coroada,
differente de quantas coroaram
ou de homens ou mulheres as cabeças.

FERREIRA (1587).

Então se fartará da gloria sua
est'alma, que anda morta de desejos.

BERMUDES.

Entonces se hartará de enteros gozos
esta alma, que de largas esperanzas
agora se mantiene, y de congojas.

FERREIRA (1598).

Então serão meus olhos satisfeitos ;
então se fartará da gloria sua
est'alma que anda morta de desejos.

FERREIRA (1587).

Não tardes, ó Senhor dos ceos
não tardes em mostrar-me um bem tamanho ;

BERMUDES.

O Señor de los cielos, tu no tardes,
no tardes en mostrarme un bien tamaño.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

E despois de mostrar-m'o, então me mata ;
se te não merecer dares-me vida.

BERMUDES.

Despues matarme puedes libremente,
si vieres que la vida no meresco.

FERREIRA (1598).

Nada.

FERREIRA (1587).

no tempo que a eu mais estimaria
por me lograr do fim de meus desejos.

BERMUDES.

al tiempo que mas dulce me seria
el fruto della y destas ancias mias.

FERREIRA (1598).

Nada.

(Depois d'isto vem a scena entre o Infante e o seu Secretario, a qual é a III da edição que damos nos excerptos.)

XIV

Maculas no mestre.

Para entrar com decidida efficacia na reformação, faltavam porém ao bom de Antonio Ferreira varios predicados, o que poderá obrigar a contestarem-lhe alguns criticos o rarissimo titulo de grande poeta, titulo que a sua modestia d'elle só aliás distribuia com parca mão [1].

[1] Cart., liv. II, XII.

O seu caminhar é pesado. A sua versificação corre dura e barbara. O cacophaton constituira-se n'elle uma segunda natureza[1]. As syncopes mais extravagantes desfiguram quanta vez as palavras! Da sua rima não fallemos; era esse um luxo ainda pouco acceito aos maiores regalões[2].

Isto quanto á mechanica da arte Quanto ao mais alto, á idéa, falta quasi sempre a este poeta o *deus in nobis*, que salva e immortalisa. A sua construcção, prosaica muita vez, alberga não raro as idéas mais vulgares.

Deixou de ser um vivo, como era Gil Vicente, e ficou uma estatua. Tambem de Francisco Manuel diz muito bem um nosso antigo mestre e illustre amigo o Senhor Rebello da Silva, que *por muito conversar com os mortos, decorando as suas feições immoveis, perdeu a flor da vida*[3].

Essas nossas proposições, demasiado syntheticas talvez, vão achar ou o seu correctivo, ou a sua prova.

Peccam os versos uma vez por demasiadamente atuchados, outras por demasiadamente languidos.

Do primeiro genero aqui vão exemplos á farta.

— Por ti será a alta gloria a que já aspira[4]
— D'outros teu nome leva já a outro clima[5]

[1] Veja-se e admire-se o verso 2º do son. xxx do liv. II por exemplo! e este da elegia VIII:

Abre-me (diz) quem quer que és que aqui moras.

[2] O soneto LVII do liv. I é um exemplo de um genero semsaborão de sonetos terminando pelas mesmas palavras rimando entre si.

[3] Rebello da Silva, *Memoria biogr. e litter. acerca de Bocage*, p. 92.

[4] Son., liv. II, xxv.

[5] Son., liv. II, xxvi.

— O Amor contra ti a ti vai voando[1]
— Em duas aqui quatro almas se juntaram[2]
— Cada um lá em si o secreto intento encerra[3]

(Este é tão duro, que até promovendo-o a alexandrino, sobeja bem uma syllaba.)

— Ficar-me assi ante os olhos cega e escura[4]
— Joga, graceja, e ri; e entre riso e graça[5]
— Ira moves ao Ceo, a que em vão resistes[6]

Do segundo caso ahi vão amostras:

— Janio saudade dos pastores[7]
— Mausoleos aos mortos não dão vida[8]
— Luz que a lua e estrellas allumias[9]
— Vincio, eu vejo do oriente a clara[10]

(Este verso para qualquer poeta contava-se hoje por oito syllabas sem favor; havia campo para mais duas, que este prodigo sovina desprezou. Vão lá entendel-o!

— Te foi ca, e possues já seguro[11]

Ha ainda outro grupo de versos irremissivelmente errados.

Exemplos:

— O seu doce fogo onde quer reparte[12]

[1] Epithal. aos Principes de Parma.
[2] Son., liv. II, XXIII.
[3] Cart., liv. II, V.
[4] Eleg. V.
[5] Eleg. VI.
[6] Egl. VI.
[7] Egl. II.
[8] Eleg. VI.
[9] Od., liv. II, V.
[10] Son., liv. II, XLIV.
[11] Son., liv. II, XLIV.
[12] Od., liv. II. V.

(Este erra-o a pausa.)

— A quem tu serás Nestor quem da terra[1]

(Este salvar-se-hia, se o autor pronunciasse Néstor, como é possivel.)

— A cuja lembrança inda tremo e esfrio[2]

(Pessima e viciosa pausa.)

— Que por mais depressa que o aço corte[3]

« Isto não são só versos dignos de um Ferreira — (dizia ha pouco um mestre das nossas lettras) — são dignos de um ferreiro. »

Querendo encarecer a grande intenção latina d'este poeta, nota Bouterweck um latinismo (antes um grecismo) no proprio titulo *Poemas Lusitanos;* e assegura que a palavra *Poema* nunca até ali tinha sido recebida na lingua usual dos Portuguezes.

O insigne critico alludido repara em que até á parte material da versificação leva Antonio Ferreira a sua vis latinisante, permittindo-se introduzir taes liberdades como a de se desembaraçar *ad libitum* do *m* nazal do final de certas palavras, elidindo-o á romana na vogal seguinte.

Exemplos:

— Sobre quem assi se alçavam em si os enterra[4]
— De Floris a quem eu seja sempre aceita[5]

[1] Eleg. I.
[2] Son., liv. I, XLVI.
[3] Son., liv. II, XLIII.
[4] Od., liv. II, IV.
[5] Egl. VIII.

— Chorem as tristas irmãs, nem já aqui soe [1]
— Que suspirem em os vendo os mais famosos [2].
— Tardança aos olhos que te esperam attentos [3].

Da mesma opinião é Costa e Silva [4].

Ora se nos é licito combater esses respeitaveis pareceres, diremos que nos não parece haver n'ellas grande verdade, antes se nos afiguram erro. Ferreira versificava assim, já por sua commodidade, já por desleixo; e depois, seguia o uso. Os poetas seus contemporaneos fazem o mesmo; e se os dois criticos citados tivessem reflectido melhor, achariam duzias de exemplos d'esse costume durissimo em muitos autores anteriores a esses, até ao principio da monarchia.

Seja como fôr, o que é certo e provado é que para o ouvido dos sybaritas litterarios do nosso tempo, ha de sobra em Ferreira, como em todos os seus coevos, cacophonias intoleraveis, immundas, até obscenas, que nos pejariamos de citar; gravissimo senão, tanto mais para espantar em Ferreira, quanto se vê que elle trabalhava e pulia immensamente o seu escripto.

Entre os quinhentistas não se daria sempre essa consciencia; e muitos ha, cujas imperfeições podem imputar-se á precipitação, ao pouco lazer, ás proprias circumstancias biographicas muita vez. Entre esses, apressâmo-nos em citar o grande Camões, para render um preito ao seu genio.

Em Ferreira porém não se concebem certos desprimores. Sente-se nas suas obras o trabalho, o esforço, a

[1] Egl. IX.
[2] Od., liv. I, II.
[3] Od., liv. II, VI.
[4] Ensaio, tom. II, pag. 85.

concentração; ora essas mesmas necessarias delongas deviam dar-lhe a perceber as rebarbas da fundição; e não davam.

Seria então culpa do ouvido? provavelmente; ainda que alguns sonetos, algumas eglogas, etc., comprovam n'elle um certo don muzical.

O que não era culpa do ouvido era a desleixada e incommoda repetição de certas palavras, que se tornaram verdadeiros bordões e estrebilhos d'este escriptor.

Exemplos:

Sprito, — espanto, — espantar, — fogo, — inflammar, — claro, — feitos, — estrella, — triste, — peito, — real, — musas, — louvor, — alto, — brando, — grave, — duro, — escuro, — vão, — seguro, — puro, — dino, etc.

Para quem analysa conscienciosamente, alguns d'esses estrebilhos, são elles ainda provas de quanto o poeta manuseava os italianos.

Em vista do exposto acima, digamos pois d'elle o que de Lucilio dizia o mestre dos Pisões: se o Ferreira tivesse vivido hoje, muita coisa havia de ter apagado nos seus *poemas*, e muito havia de ter por elles desbastado; havia de andar muito mais attento; coçava de certo mais na cabeça, e roía as unhas cheio de impaciencia[1].

Quanto ás faceis emendas com que se poderiam me-

[1] . . . . Sed ille,
Si foret hoc nostrum fato delatus in ævum,
Delereret sibi multa, recideret omne, quod ultra
Perfectum traheretur, et in versu faciendo
Sæpe caput scaberet, vivos et roderet ungues.
Horat., *Sat.*, liv. I, x.

lhorar estes versos, parece-nos injuria ao mestre aventural-as. N'estes veneraveis não se bole; o mais que se faz é indicar na leitura os algares e os pantanos, para se ficarem conhecendo. O mais é com elles.

XV

Bibliographia de Antonio Ferreira.

Vejamos rapidamente quantas vezes, onde, e como, se publicaram obras do Doutor Antonio Ferreira, o qual (*sem se entender a causa*, como diz seu filho) nunca teve o prazer de chegar a ver-se reproduzido nos typos.

I

Parece que a tragedia Castro foi na dianteira, e que em 1587 Manuel de Lyra a imprimia com licença. Dil-o o Snr. Innocencio F. da Silva no seu diccionario, referindo-se ao que affirmava Jozé da Silva Costa. D'este rarissimo livro existia um exemplar na livraria do Doutor Antonio Ribeiro dos Santos; por sua morte passou á de Monsenhor Ferreira Gordo, onde o dito Silva Costa o chegou a ver. Mas o nosso amigo o Snr. Innocencio F. da Silva (de cujo precioso livro tiramos estes apon-

tamentos) nunca poude encontral-o a tempo de o mencionar nos artigos de Antonio Ferreira. Felizmente para as lettras patrias, o decantado exemplar, que assim se furtou por alguns annos ao estudo dos bibliographos, não se perdeu; existe carinhosamente conservado em poder de um distincto bibliophilo, o Snr. Doutor Henrique da Gama Barros, actual Secretario geral do Governo Civil de Lisboa. Apenas tivemos, pela denuncia amigavel do autor do *Diccionario bibliographico*, noticia do apparecimento do livro, rogámos ao Snr. Gama Barros o favor de nol-o mostrar, ao que immediatamente annuiu com muita obsequiosidade, e (o que é mais) com um sincero desejo de nos auxiliar, como auxiliou, no exame minucioso d'aquelle livro unico, e na sua comparação com as outras edições da Castro. Agradecemos portanto ao possuidor d'aquella joia bibliographica o interesse com que nos acompanhou no estudo da tragedia. Accrescentaremos, como simples curiosidade, que esse estudo, a que procedemos no dia 4 de Fevereiro de 1872 em casa do Snr. Gama Barros, foi todo feito em cima de uma formosa mesa seiscentista de pau santo, tambem preciosa por ter pertencido a um dos grandes poetas do nosso tempo, o Visconde de Garrett. Assim, a obra prima do pae do nosso theatro classico era por nós dois analysada religiosamente na mesa onde compusera as suas obras primas o restaurador do nosso theatro moderno.

Nos capitulos em que fallámos detidamente da tragedia Castro, mencionámos mais de espaço as variantes da edição de que tratâmos. Limitemo-nos aqui a descreve-la com todo o escrupulo.

O titulo é o seguinte:

TRAGEDIA

MVY SENTIDA E ELE-

gante de Dona Ines de Castro aqual foy representada na cidade de Coimbra

Agora nouamente acrescentada

(Segue se uma vinheta, onde, entre uma cercadura composta de duas figuras sustentando uma Diana caçadora, reclinada junto a um veado, se veem as armas portuguezas, com um banco de pinchar de Infante. Por baixo da Diana lê-se distinctamente *Mvsis sacrvm;* e na parte inferior da gravura as duas iniciaes M. L. (Manuel de Lira). Junto á Diana ha uma pyra ardente, onde estão gravadas umas lettras quasi illegiveis. (No baixo da pagina o seguinte :)

Impressa com licença por Manoel de Lira de 1587.

8° pequeno, de 31 folhas sem numeração.

No principio de cada acto ha uma gravura muito tosca em madeira, representando : a do 1° acto o Infante; a do 2° El-Rei e um dos seus conselheiros; a do 3° Dona Ignez; a do 4° El-Rei e uma figurinha que é reproducção da do 1° acto; a do 5° o Infante e o mensageiro.

Nas *pessoas* ha alguma differença. Eis como lá vem :

O IFFANTE DOM PEDRO.
SECRETARIO.
CHORO DAS COYMBRÃS.
EL-REI DOM AFFONSO.
PERO COELHO.
DIOGO LOPES PACHECO.
DONA INES DE CASTRO.

Inclinamo-nos a ser este exemplar o mesmo de que fallava Silva Costa. Pela simples inspecção d'elle se collige ter pertencido a um enthusiasta de edições primeiras. O livro acha-se cuidadosamente *espelhado* em formato grande, e encadernado no mesmo volume com a edição *princeps* de cada uma das obras de Antonio Ferreira.

II

A esta edição, seguiu em 1598 a publicação das poesias completas de Antonio Ferreira, por diligencia de seu filho Miguel Leite Ferreira; como outro herdeiro de thesouros litterarios, Luiz Vicente, editara em 1562 as obras do velho Gil.

A edição do Ferreira saíu com o titulo seguinte ;

POEMAS

LUSITANOS

DO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

DEDICADOS POR SEU FILHO

Miguel Leite Ferreira ao Principe D.
PHILIPPE nosso senhor

(*Aqui vem uma vinheta em madeira, representando um gira-sol virado para o astro-rei, tudo rodeado da lettra :* trahit sua quemque voluptas; *allusões de verdadeiro cortezão ; depois segue-se :*)

EM LISBOA

Impresso com licença por Pedro Crasbeeck

MDXCVIII

Com Priuilegio. A custa de Esteuão Lopez Liureiro

(São 240 paginas numeradas só na frente, mais 8 paginas no principio com as licenças, o prologo, etc., e 8 no fim com a *taboada*. Em quarto portuguez.)

D'esta mesma edição ha alguns exemplares mais errados do que outros, como prova esta declaração do editor,

inclusa em alguns : *Em muitos volumes se não verão a mór parte d'estes erros que se atalharam no decurso da impressão.*

Diz o nosso illustre bibliographo o Sr. Innocencio F. da Silva, que os exemplares d'esta edição são tidos em conta de raros, custando usualmente 3 : 200 reis.

III

Tinham pois sido impressos todos os versos do Ferreira, e ainda jaziam no limbo as suas prosas. Não se entende porque Miguel Leite não teria publicado tambem o *Cioso* e o *Bristo;* o certo é que o não fez. Fel-o o editor Antonio Alvares em 1622.

Diz elle na dedicatoria d'esse livro que, tendo baldado diligencias para encontrar as comedias de Sá de Miranda e Ferreira afim de as imprimir, e *estando já desconfiado de as poder achar*, lhe lembrou que não podiam faltar na livraria de Gaspar Severim de Faria, *na qual* (formaes palavras) *por zelo da patria se tem junto com exquisita diligencia uma bibliotheca portugueza de todos os autores d'este reino, assim impressos como manuscriptos*[1]. Pedida a Gaspar de Faria a respectiva licença, e obtida, o mencionado Alvares imprimiu as comedias, e as dedicou por gratidão ao possuidor dos manuscritos. O titulo d'este livro, hoje raro, é o seguinte :

[1] Era com effeito um grande collector de preciosidades bibliographicas este Gaspar Severim de Faria, ou de Faria Severim (como lhe chamam os melhores genealogistas). Em duas palavras diremos quem fosse. Foi filho primogenito de Francisco de Faria Severim; nasceu em Evora; succedeu

COMEDIAS

FAMOSAS

PORTVGVESAS

Dos Doctores Francisco de Saa de Mirãda e Antonio Ferreira.

Dedicadas a Gaspar Seuerim de Faria.

(*Aqui vem uma vinheta em madeira com uma allegoria, tudo rodeado da legenda:* Post tenebras spero lucem.)

EM LISBOA

Com todas as licenças e approuações necessarias, por Antonio Aluarez impressor, e mercador de liuros, e feitas a sua custa. — Anno 1622.

(4° portuguez antigo. 154 paginas numeradas só na frente. As comedias de Ferreira começam em pagina 69.)

D'esta edição poucos exemplares apparecem.

na casa e officios de seu pae; foi Executor mór do Reino, e Escrivão da Fazenda de D. Filippe IV e d'El-Rei D. João IV, Commendador de Moia na Ordem de Aviz, serviu nas armadas de guarda costa, e foi Alcaide Mor da Villa do Outeiro, Secretario de Estado da India e Ultramar, Secretario das mercês d'El-Rei D. João IV, do seu Conselho e do d'El-Rei D. Affonso VI. Foi homem muito dado a lettras; grande genealogico, e bom poeta; deixou quatro tomos de poesias, e fez uma collecção de memorias extrahidas da Torre do Tombo. Accrescentou muito a bella livraria

IV

Seguiu-se outra edição da Castro, com o titulo seguinte :

CASTRO

TRAGEDIA

DO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

(Aqui vem uma vinheta de ornato.)

EM LISBOA

Impresso por Pedro Crasbeeck.

Anno MDXCVIII.

8º de 69 paginas, comprehendendo a folha do rosto. No fim da tragedia ha outra vinheta.

que herdara de seu tio o Chantre Manuel Severim de Faria. Casou com D. Marianna de Noronha, etc.

Fallam d'elle Barbosa Machado na Bibl., D. Antonio Caetano de Sousa na Hist. gen. da C. R., Manço de Lima nas suas Genealogias, e o erudito João Carlos Feo no volume (infelizmente por concluir) da sua Resenha, a pagina 373.

A data d'este livro pareceu ao autor do *Diccionario Bibliographico* (tom. I, p. 140) evidentemente falsificada; e pela inspecção dos typos julgou dever pertencer á metade do seculo XVII.

Este livro é extremamente raro. Não cremos exista outro exemplar, alem do que possue entre as suas riquissimas collecções o nosso douto e bom amigo o Sr. Conselheiro Jorge Cesar de Figanière.

Com a amabilidade que o distingue nos mostrou S. Exª. o alludido exemplar, d'onde copiámos o titulo, que já o *Diccionario Bibliographico* reproduzira exacto no Supplemento. Inclina-se o Sr. Figanière á opinião citada do Sr. I. F. da Silva; e vai mais adiante, pois crê que seria impresso o livro depois de 1670.

Aproveitamos a occasião, que não será a ultima, para agradecer ao Sr. Figanière o empenho que sempre tem mostrado em auxiliar-nos com as suas preciosidades bibliographicas, e (o que para nós vale mais ainda) com os seus amigaveis e illustrados conselhos.

V

Em 1771 se reimprimiram as obras completas do Ferreira, com o titulo seguinte:

POEMAS

LUSITANOS

DO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

Segunda impressão

Emendada, e accrescentada com a Vida, e Comedias do mesmo Poeta.

TOMO I

(*Aqui vem uma vinheta representando flores; depois segue-se :*

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA

ANNO MDCCLXXI

Com licença da Real Meza Censoria.
Á custa dos Irmãos Du-Beux, á Cruz de Páo.

Consta esta edição de 2 volumes em oitavo; o 1º tem 254 paginas; o 2º 184, e mais 160 das comedias, que veem numeradas sobre sí; ao todo 344.)

Dirigiu esta edição, e compoz a biographia, o estudioso

professor Pedro Jozé da Fonseca. Sem querer desdenhar do trabalho de Fonseca, é mister notar que esta edição se acha (como as outras) pessimamente pontuada, e mal revista.

VI

Em 1829 saíu a terceira edição dos Poemas Lusitanos, com o titulo seguinte:

POEMAS

LUSITANOS

DO

DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

TERCEIRA IMPRESSÃO

TOMO I

LISBOA, 1829.

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

O 1° volume tem 297 paginas; o 2° tem 252. Esta edição não tem biographia, nem prologo, nem as comedias em prosa.

VII

Em 1865 se publicou outra edição das obras do mesmo poeta com o titulo seguinte :

OBRAS COMPLETAS

DO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

QUARTA EDIÇÃO

ANNOTADA E PRECEDIDA DE UM ESTUDO

SOBRE A VIDA E OBRAS DO POETA

pelo

CONEGO DOUTOR J. C. FERNANDES PINHEIRO

Professor do Imperial Collegio de Pedro II
Membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil, da Academia Real das Sciencias de Lisboa,
e da Sociedade Geographica e Estatistica de Nova-York, etc.

TOMO PRIMEIRO

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR

PARIS
AUGUSTO DURAND, EDITOR,
RUA DES GRÈS, 7

1865

São 2 volumes em oitavo portuguez; o 1° tem 348 paginas; o 2° 504. Foram impressos em Pariz, na typographia de Ad. Lainé e J. Havard, rua dos Santos-Padres, 19.)

N'esta edição seguiu-se a pontuação e orthographia antiga.

Não nos consta que houvesse, em Portugal ou no Brazil, alguma outra edição das obras do nosso poeta. O systema seguido n'esta Livraria Classica obriga-nos a dar sómente excerptos, não podendo portanto esta publicação ser considerada edição nova.

XVI

Recapitulação do exposto. — Conclusão.

Chegámos ao termo do caminho; mas antes de nos acolhermos á poisada, sentemo-nos, amigo leitor, n'este limiar caseiro, e recordemos o que se nos antolhou durante esta romaria devota pelos logares santos da litteratura portugueza.

Como homem, appareceu-nos Antonio Ferreira na sua pouca luz; fizemos pelo illuminar quanto podessemos com o facho do seu proprio tempo; e parece-nos que o pouquissimo que aventurámos de conjectura sobre o pouquis-

simo que da sua biographia nos restava, não destruiu a idéa que formasse o estudioso d'este sympathico Mentor das nossas Musas antigas.

Os factos coevos, que podiam de algum modo ter influido n'elle, ahi os desenhámos em traços rapidos para servirem de fundo esbatido á principal figura.

Concentrámo-nos de proposito mais na historia e apreciação litteraria dos reinados que elle alcançou, do que nos fastos guerreiros tão notaveis d'aquelle periodo de heroes.

Identificámo-nos, quanto podémos, com Antonio Ferreira como homem, e tentámos observar de junto d'elle a sociedade d'então : os amigos, os indifferentes, as aspirações.

Na historiuncula romanceada, que dos seus amores deixámos no Livro I, repetimos o que a elle proprio ouviramos.

Na alta apreciação do seu caracter moral e social, fomos o eccho, tanto do proprio poeta, como de todos os seus contemporaneos; e com o elogio ficámos talvez ainda aquem do merecimento.

Isto como homem.

Como escriptor, como poeta, forcejámos por achar e demonstrar a genealogia do seu talento; pintar o estado das lettras, os serviços do seu antecessor, os seus proprios, a sua influencia.

Relanceámos uma vista geral sobre o cahos onde Ferreira surgiu, e tornámos concreta quanto podiamos a sua nobre missão de legislador.

Nos julgamentos que da sua obra fizémos, curámos mais por impressões proprias, do que pelas informações dos que nos haviam precedido n'este estudo.

Fomos severos, desabridos talvez em parte, mas ninguem deixará de ver n'essa franqueza um preito ao grande homem, e ninguem verá o prurito moderno de devastação, a que hoje uns chamam historia, outros critica. Possam os manes do cantor da Castro perdoar-nol-o.

Odeia o autor d'estas linhas (e com todas as forças da sua alma) a triste missão da *bande noire* dos demolidores. Prefere a mão piedosa que levanta uma capella serrana á que deixa um terreiro para vadios no logar de um bairro velho.

Antepõe quem planta uma olaia, uma acacia, ou um cypreste (embora só para sombra), a quem desbasta pela matta secular, para converter carvão em oiro. Escorar um arco triumphal prestes a alluir-se, pendurar á noite uma lanterna ao nicho de um deus lar, poderá para alguns ser ocioso; mas arrancar uma hera, mas profanar um tumulo, mas deshonrar ou demolir uma ruina, é impio, e nefando.

Em summa, e recapitulando em poucas linhas o nosso estudo:

Vimos o campo das lettras portuguezas; vimos a apparição rapida do meteoro Sá de Miranda, e logo depois o despontar sereno da aurora de Ferreira. Vimol-o crescer, fortalecer-se, acceitar com a hombridade e confiança proprias dos seus verdes annos, tão bem logrados, a missão que lhe impunha a Providencia. Vimol-o reformar a syntaxe viciosa da lingua escripta; recheal-a de latinismos e hellenismos nos versos amplos, como o doutissimo Barros o fazia na sua prosa de arte maior; dar-lhe, quanto sabia e podia, o cunho antigo puro; desnudal-a do vetusto as-

peito das locuções incultas dos seus antecessores, e até contemporaneos.

Elles (occoreu-nos agora esta figura) elles, mais artifices para povo do que artistas para doutos, conservavam nos odres plebeus do seu dizer inculto o vinho velho dos feitos heroicos, para incitamento nos dias do desanimo; elle, o reformador, começava a cinzelar a taça de crystal da esplendida lingua, em que esse nectar das nossas façanhas (cada anno mais velho e mais aureo) havia de ser, lá para o futuro, inaugurado á luz do dia no grande convivio patriotico chamado os Lusiadas.

Se se não pode negar que as primeiras obras de Ferreira lhe denunciam na alma e na lyra toda a ingenua espontaneidade dos verdes annos, o que porém é certo, é que a imitação e o constante jugo horaciano o pozeram no outro largo caminho, mais arido, mas necessario então; porque a lingua e o gosto tinham providencialmente de arrostar com essas ingremes encostas, até chegar ao alcaçar torrejado e adamantino onde campeia cheio de luz um genio: o Camões.

FIM.

INDICE DOS CAPITULOS

LIVRO I

LIVRO II

PARIS. — TYP. SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

ERRATA

A pagina 172, linha 10, onde se lê *du portugais désossé*, deve ler-se *du castillan désossé*.

A pagina 189, promettemos o *Bristo* para os Excerptos; depois, por varios motivos, julgámos mais acertado o *Cioso* e foi esta ultima comedia que inserimos no terceiro volume d'esta obra.

